

“DL” apresentará queixa-crime contra o juiz presidente do Tribunal Constitucional

• “Supremo” vai ter de pronunciar-se sobre uma proibição de acesso legítimo a fontes de informação

O «Diário de Lisboa» decidiu apresentar junto do Supremo Tribunal de Justiça uma queixa-crime contra o presidente do Tribunal Constitucional por violação das normas constitucionais que

garantem a liberdade de imprensa e o acesso às fontes de informação. A queixa será também assinada por José Manuel Saraiwa, membro do quadro redactorial deste jornal, que viu, por duas ve-

zes consecutivas, indeteridos requerimentos dirigidos ao TC, através dos quais solicitava a indicação dos nomes dos titulares dos cargos políticos que cumpriram a lei do controlo público da ri-

queza.

O juiz conselheiro-presidente do Tribunal Constitucional num despacho que assinou, garante que a lista dos cidadãos que cumpriram a lei encontra-se em «se-

greto de justiça». Este argumento invocou por Marques Guedes deixou já perplexos alguns juristas que o «DL» contactou

Pág. 5

Viorel Trifa é um mentiroso

— garante “rabi” em Genebra

Numa entrevista concedida a um jornalista israelita o «rabi» Alexander Safran, de Genebra, garante que o arcebispo romeno Viorel Trifa é «um mentiroso» que escondeu o seu passado aos americanos e tenta agora fixar residência em Portugal. Segundo Safran, Trifa foi, de facto,

um dos principais assistentes de Horia Sima, chefe dos «Guardas de Ferro» romenos, e é um dos principais responsáveis pelo programa de Janeiro de 1941, em Bucareste.

Pág. 20

Marco Chagas de amarelo nas estradas alentejanas

Por força do regulamento da prova, Marco Chagas apresentou-se, em Tavira, envergando a camisola mais cobizada e de maior peso sobre o dorso, por ter vencido a última Volta e, como que a confirmar o seu inquestionável valor, percorreu a distância do prólogo em menor tempo do que os restantes sessenta e quatro companheiros da longa caminhada até Matosinhos, pelo que, pelas 12 horas de hoje, arrancou de Castro Marim com destino a Évora vestido com a cor canarina e certamente desejoso de não mudar de tom, essencialmente pelo calor da saudade do grande Joaquim Agostinho.

Págs. de Desporto



No Sete Ponto Sete de hoje:



• Amnistia na Polónia

• A “gaffe” de Reagan



• O acordo Hassan-Kadhafi

• Seul prepara 1988

• “Infografia” substitui fotografia e cinema

Entregou-se um dos fugitivos da Judiciária de Lisboa

A partir de hoje em Dallas

Republicanos em Convenção vão “relançar” Reagan

Com todos os condimentos costumados na política dos EUA e com medidas de segurança que ultrapassam todas as tradições, o Partido Republicano encontra-se desde hoje em Convenção, na cidade texana de Dallas. A Convenção destina-se a oficializar a

designação do candidato do Partido às eleições presidenciais do dia 4 de Novembro. O candidato já está escolhido, como é óbvio; chama-se Ronald Reagan e tem sido presidente dos EUA desde 1981. A plataforma do Partido insiste nas teses conservadoras, e,

em certos pontos merece serias críticas de algumas das alas dos «republicanos». A Imprensa soviética já começou os seus comentários, advertindo sobre os perigos que esta plataforma acarreta para a paz mundial.

Págs. centrais

Volta a Portugal
“DL” presente
com o patrocínio



sagrup, lda.

O único consórcio de marca em Portugal

Prémio "Caminho" de Literatura Policial e Ficção Científica

Dado o êxito alcançado em 1982 pelo Prémio Caminho de Literatura Policial e Ficção Científica, a Editorial Caminho decidiu mais uma vez promover (1984/85), um novo prémio, com as características do anterior.

Afirme-se desde já que o prémio destina-se a estimular a criação em português de literatura policial e de ficção-científica.

O prémio será atribuído nas seguintes modalidades: a) ficção-científica; e b) história policial.

As obras concorrentes às respectivas modalidades poderão ser romances ou colectâneas de contos, em língua portuguesa e inéditas.

As obras concorrentes deverão ter um mínimo de 160 páginas dactilografadas e enviadas, com a indicação da modalidade respectiva, à Editorial Caminho, Prémio «Caminho» de Literatura Policial e Ficção Científica, Alameda de Santo António dos Capuchos, 6-B, 1100 Lisboa, dactilografadas em três exemplares, a dois espaços em papel formato A4, até ao dia 31 de Março de 1985. O júri tornará pública a sua decisão até ao dia 31 de Maio de 1985.

Os exemplares devem ser assinados com um pseudónimo e acompanhados de um envelope lacrado contendo a identificação

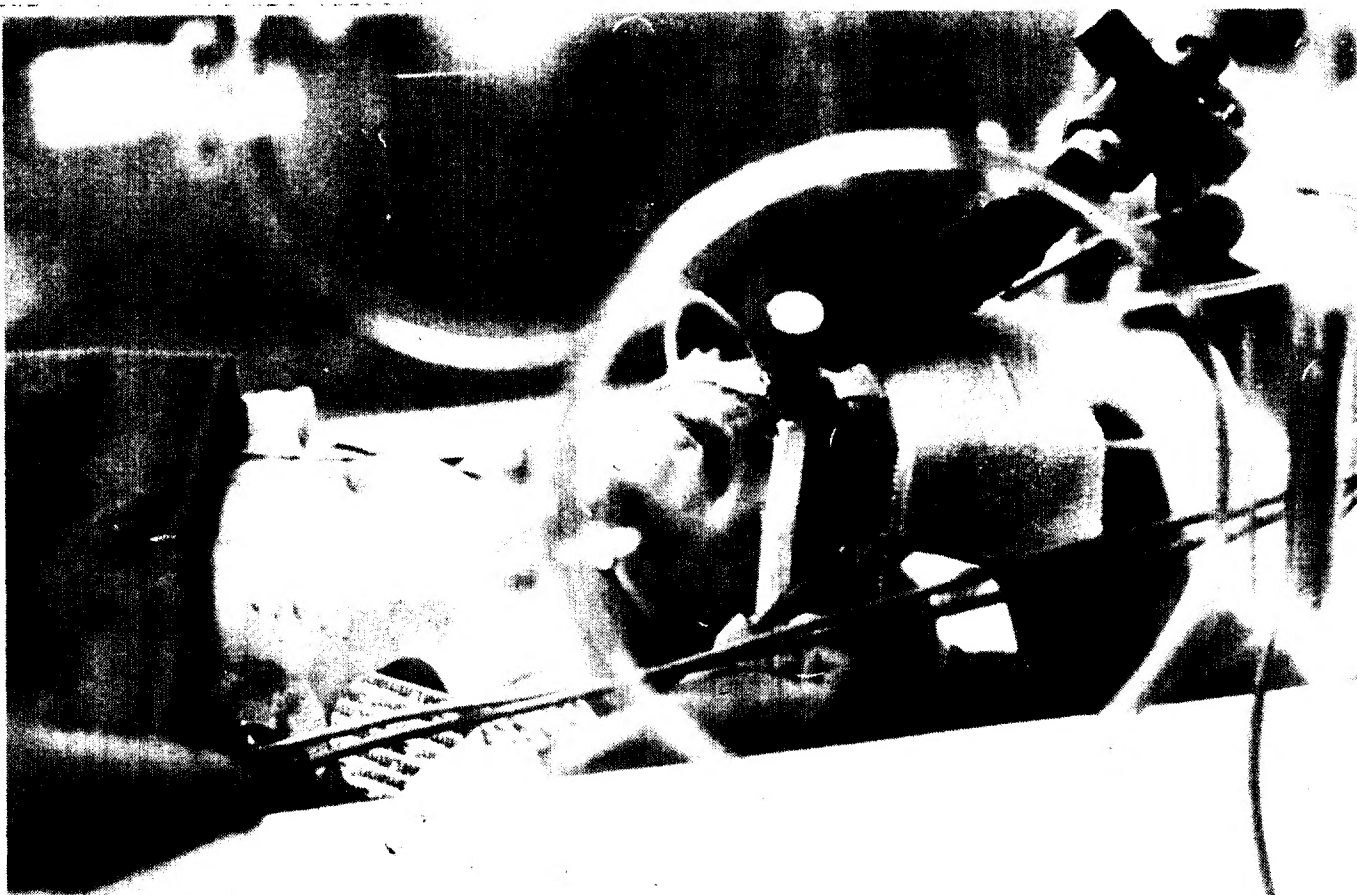
do respectivo autor. O não cumprimento desta cláusula implica a eliminação do concorrente. Só serão abertos os envelopes relativos aos autores premiados e àquelas obras sobre as quais a Editora decida exercer o seu direito de opção para publicação.

O valor do prémio será de 150 contos para cada modalidade. No acto da entrega do valor do prémio o autor premiado considerará com isso pagos os direitos autorais da primeira edição da respectiva obra, com uma tiragem máxima de 3 mil exemplares, ou no caso de se optar por uma edição de bolso, com uma tiragem máxima de 15 mil exemplares.

O júri será constituído por João Aniceto, João David Pinto Correia, Mário de Carvalho, Salvato Teles de Meneses, um representante da Associação Portuguesa de Escritores e um representante da Editorial Caminho.

As decisões do júri serão tomadas por maioria de votos. O júri poderá, se assim o entender, não atribuir o prémio de uma modalidade, ou de ambas, por falta de qualidade das obras concorrentes, mas em caso nenhum o prémio será repartido por duas ou mais obras.

O júri poderá também recomendar a publicação de obras que considere com mérito para tal.



Holie, desde que foi operada até à morte, nunca abandonou o aparelho de respiração artificial

Apesar da morte de Holie

Cirurgião disposto a fazer novas transplantações em bebés

Perante as objecções de ordem moral que têm sido levantadas pela opinião pública londrina à transplantação cardíaca a que foi sujeita uma criança de dez dias, o cirurgião que efectuou a operação afirma-se disposto a repeti-la em outros bebés, apesar de a primeira ter morrido.

Magdi Yacoub, entrevistado pelo «Sunday Times», disse que há um bebé de 29 dias à espera de um dador.

Nas suas primeiras declarações, desde que Holie Roffey morreu na passada sexta-feira, com 28 dias de vida, Yacoub afirmou que «tudo dava a entender que a coisa devia resultar».

«Holie respondeu a algumas das incógnitas que tínhamos», disse o cirurgião britânico de origem egípcia.

«Ela provou que um coração de um dador de três dias tolera a

transplantação e que a circulação se mantém em boas condições», acrescentou.

Holie nunca rejeitou o seu novo coração, nem morreu das duas complicações que surgiram posteriormente, uma perfuração intestinal e problemas renais, disse o cirurgião.

A criança, que nunca abandonou um aparelho de respiração artificial depois da operação, morreu devido a graves problemas respiratórios que não se relacionavam directamente com a transplantação, afirmou.

Yacoub respondeu a críticas sobre a operação dizendo que a decisão de a fazer «não foi súbita». afirmou estar certo de que o coração de Holie teria crescido com ela.

O facto de já não ser preciso usar esteróides — que podem im-

pedir o crescimento do corpo — como droga anti-rejeição «torna viável a transplantação de coração em bebés», disse Yacoub.

Resta uma interrogação

O cirurgião declarou que os pais de Holie, Anthony Roffey, de 26 anos, e Janet, de 24 foram «fantásticos».

Eles foram avisados que a operação a Holie, nascida sem a metade esquerda do coração, «era uma incógnita», acrescentou Yacoub.

«Os pais foram muito compreensivos e a mãe de Holie disse mesmo que se ela não sobrevivesse ao menos beneficiaria outros», acrescentou.

Jane Somerville, uma especialista em doenças de coração em crianças no Hospital Nacio-

nal do Coração em Londres, é de outra opinião: Ela pensa que o melhor conselho aos pais de crianças com graves deficiências no coração é talvez «sugerir-lhes que tenham outro filho».

«Temos de nos interrogar se é sempre certo tentar salvar a vida», disse Somerville ao «unday Times».

Dizendo ter muitos doentes adolescentes que foram operados ao coração quando bebés, a médica acrescentou: «penso muitas vezes se isso se justifica. Eles e os pais passam por enormes sofrimentos».

Antes da transplantação em Holie, o mais jovem ser humano a receber um novo coração foi um bebé de duas semanas e meia que morreu em Brooklyn, Nova Iorque, pouco depois da operação, em 1967.

Total degradação das condições de vida

— denunciam sindicatos de Coimbra

A União dos Sindicatos de Coimbra afirma que «a total degradação das condições de vida e de trabalho» no distrito mostram «a necessidade imperiosa de mudança de política e de Governo».

Um comunicado divulgado pela organização sindical de-

nuncia que a fome «é uma realidade dura para os trabalhadores da Vidreira da Fontela», apesar de todas as promessas feitas pelo Governo». Refere que além destes trabalhadores do sector vidreiro, outros há com salários e subsídios em atraso e que encerraram também vários estabelecimentos comerciais.

Greve nos CTT proposta para o fim do mês

A comissão negociadora sindical (CNS) dos CTT propôs aos trabalhadores desta empresa a realização de uma greve nos próximos dias 30 e 31, com o objectivo de «lutar por um acordo de empresa justo».

Na proposta, salienta-se que «após a última reunião de negociações, a CNS confirmou claramente que a administração dos CTT não quer repor o poder de compra dos trabalhadores».

Segundo o documento, a proposta global da administração relativa ao acordo de empresa não ultrapassa os 18 por cento da massa salarial global, enquanto os organismos oficiais revelam

que o custo de vida já subiu mais de 30 por cento.

A CNS considera esta situação «inadmissível e intolerável» e afirma que «não teve outra alternativa para defender os direitos dos trabalhadores senão recorrer às formas de luta drásticas».

Adverte, no entanto, que os trabalhadores dos CTT «nunca fizeram a greve pela greve nem a desejam, mas não a recusam quando a ela são forçados para defenderem os seus direitos».

Entretanto, e por proposta da administração, realiza-se esta tarde nova reunião de negociação do acordo de empresa do corrente ano.

Novo embaixador na Guiné-Bissau

Manter as «óptimas relações existentes» entre Portugal e a Guiné-Bissau é o propósito principal do novo embaixador português que ontem chegou à capital guineense.

O embaixador, Barreiros Martins, 23 anos de carreira, substitui no cargo o embaixador Meneses Cordeiro que se encontra em Bissau desde Junho de 1980.

Diplomado pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Barreiros Martins, actualmente ministro de segunda, desempenhou, sucessivamente,

os cargos de cônsul em Belém (Brasil) e de secretário nas Embaixadas de Helsínquia (Finlândia) e Berna (Suíça).

Primeiro secretário junto da missão de Portugal nas Nações Unidas, em Genebra, foi promovido a conselheiro tendo então desempenhado, com a mesma categoria, após uma breve passagem pela repartição dos organismos económicos internacionais, o lugar na Embaixada de Madrid, desde Maio de 1979.

Barreiros Martins deverá proceder à entrega de credenciais no decorrer da próxima semana.

Universidade Portuguesa de Ciências Humanas-Medicinas Alternativas

Gentil Martins duramente criticado

A Comissão Instaladora da Universidade Portuguesa de Ciências Humanas-Medicinas Alternativas repudiou ontem, em Braga, todas as afirmações da Ordem dos Médicos sobre a medicina alternativa.

Num comunicado subscrito pelo seu presidente Ricardo de Carvalho da Comissão Instaladora de Braga, «denuncia com o maior vigor e o mais vivo repúdio todas as cabalas e falsas declarações divulgadas pela Ordem dos Médicos e pelo seu Conselho Regional do Norte».

A Comissão Instaladora afirma que o bastonário da Ordem dos Médicos, Gentil Martins, utilizou, em declarações tornadas públicas, «uma linguagem pouco ortodoxa, dolosa e injuriante», que considera «desprestigiante».

A mesma Comissão reafirmou que dos 17 elementos que a compõem 14 são médicos inscritos na Ordem, «pelo que — diz — não passa de aleivosia que bem retra-



Gentil Martins, segundo a Comissão Instaladora da Universidade Portuguesa de Ciências Humanas, teria utilizado, sobre as medicinas alternativas, «uma linguagem pouco ortodoxa, dolosa e injuriante»

ta o seu autor (ou os seus autores), a recente afirmação tornada pública em que se chama a atenção para o facto de nenhum dos

indivíduos que aparecem como promotores da iniciativa se encontrarem inscritos na Ordem». Por outro lado, o documento

sublinha que «em qualquer altura e circunstância a Comissão está disposta a demonstrar com evidência como se curam os pacientes carecidos, utilizando métodos duma ciência milenar e sem o uso de drogas agressivas».

A Comissão Instaladora manifestou a disposição de «desmascarar as subversões movimentadas que têm originado as afrontosas afirmações reveladoras dos despeitos iníquos e suspeitos», ao mesmo tempo que está disposta a apresentar «documentação idónea e suficiente da legalização da Universidade Portuguesa de Ciências Humanas-Medicinas Paralelas».

Considera por último que a posição assumida pela Ordem dos Médicos constitui uma «desesperada tentativa de impedir a concretização de uma obra que vem sendo compreendida e amparada, embora ainda na sua incipiência, pelas maiores autoridades médicas mundiais».

Folhetim artístico

No centenário de Pousão

José Augusto França

Entre o Alentejo de Vila Viçosa, o Porto da Academia de Belas-Artes, as montanhas do maciço central da França e as doces alturas de Capri, viveu e morreu Henrique Pousão, de 1859 a 1884. Vinte e cinco anos de idade e uns doze de pintura é pouco para quem tinha para fazer algo de tão importante como seja transformar o sentido da pintura portuguesa. O que quase fez, no tempo que lhe foi possível.

Transformar o sentido e não o destino, que esse foi objecto dos seus companheiros pouco mais velhos, Silva Porto e Marques de Oliveira. Por destino entende-se a história, por sentido a estética, por assim abreviadamente dizer. Com os outros dois pintores, a pintura nacional entrou no bom caminho do naturalismo necessário e suficiente ao romantismo que não tivera; com ele, a pintura não entrou em caminho nenhum mas ganhou um sentido que até então não tivera, nem havia de ter, de definição formal e de fixação luminosa. Uma coisa veio-lhe por Corot, a outra nada tem que ver com o impressionismo, como um dia se supôs, por ignorância destas coisas; mas foi balela de futuro, nesta teima de termos que, de algum modo, ter um impressionista na família, bem fora das nossas posses bioatmosféricas...

Sabe-se que influências teve Pousão no Porto, e foram menos da Academia que dos seus predecessores no curso, através das provas de França mandavam, em aproveitamentos de bolseiro. Menos de Silva Porto, em paisagens que não lhe convinham, pelo lado Daubigny de diluências francesas, mais de Marques de Oliveira, pelo lado de figuras que de Cabanel inspirava ao princípio, em doçuras de carne. Os acares do mestre francês não tinham porém, lugar na paleta do portuense, menos sujeito a gostos de Salon, e isso foi bom também para Pousão, por interposta pintura. Uma vez adquiridos os dados tratava-se, de juntar ambas as coisas em nova circunstância mediterrânea, onde a lição era necessariamente de Roma e de Corot. Capri deu-lhe então, ou logo depois, o que lhe faltava, para o acerto desta primeira fase de uma obra que segunda já não pôde ter.

Primeira fase que assim seguiu sua evolução, como que aditiva, de elemento: academismo de figura, naturalismo de paisagem e estruturação geométrica que as «Casas Brancas de Capri», em 1882 propõem no seu plano de fundo, deixando no primeiro as piteiras naturalistas ainda.

Mas a análise da obra de Pousão tem que se deter em quadro outras obras, pelo menos. Há a «Cecília», romaníssima, e muito apreciada pela beleza calma da pintura tanto quanto da mocinha que lê o seu missal, contra uma base de coluna bem desenhadamente seiscentista. Trata-se, evidentemente, de um modelo a tantas liras por pose, que a outros pintores desta obrigatória viagem a Roma terá sem dúvida servido, com seu

olhar meigo e sua tez oliva. Repare-se, porém, no jogo de brancos do lenço da cabeça, do vestido, entre as travessas da cadeira, e do topo das folhas do livro, numa alvura de contraste que ultrapassa a lição académica. É, por isso, um quadro académico com mais alguma coisa que permite uma linguagem nova que veremos, na «Senhora de Preto» — um palmo de tela pintada à pressa e, nele, o mais extraordinário negro da pintura portuguesa, pelo menos cinquenta anos à volta do 1882 em que foi pintado.

O branco e o negro convinham assim àquilo que de pessoal Pousão queria e podia dar, e neste vestido da senhora, é Manet quem nos aparece, com um negro gordo, tátil, perfeitamente certo no volume que modela. «Pochade», sim, mas que qualidade pictural a sua, sem paralelo na nossa pintura conhecida!...

«Pochade» também a destas janelas de Capri, com as suas persianas azuis. A parede é ocre, como a roupa estendida ao sol, e o amor aposito no tratado da tinta, quase estendendo a espessura dos muros, é outra lição de pintura que se acorda com a estrutura nítida dos volumes articulados, até ao telhado vertical, na perspectiva de bandas sobrepostas.

Estes dois quadros, pequeninos de formato, são, entre as obras de Pousão de 1882-3, aquelas que mais significado têm, no sentido em que ela se moveu. Sentido pictural e plástico, simultaneamente, como em Corot aconteceu, antes do fim da vida, mais atmosférico nas passagens.

Nada de passagens na pintura de Pousão, nem de atmosferas, à maneira impressionista, por nova visão da natureza, ou sobretudo, da pintura. O que ele pinta é nítido e firme, e o ar que circula na luz bem fixada tem o seu lugar tal como as paredes ou a linha do céu e do mar. Por isso, quando deixou incompleta uma «Rapariga deitada no tronco de uma árvore», sempre na ilha de Capri, ele não quis fazer impressionismo, só querendo, com certeza, ter semanas de vida e saúde para acabar o que começara... Nem será preciso ver o pé da moça, bem boleado em doçura, para entender o que falta: bastará entender que, volta do tronco, não há vibração de luz a perturbar a razão física de ser do próprio tronco e da sua folhagem ou do chão, que um «esfregãoço» marca no sítio devido e com a devida estrutura formal. Daí em diante, seria tudo a acabar — e não é assim que os impressionistas abordavam a sua captação-invenção luminística do real. Nem podia ser...

Com estes quatro quadros de Pousão e mais as «Casas Brancas» tem-se todo ele, e o sentido do que fez. Mensagem poderemos chamar-lhe, de uma maneira que não é comum, porque para lançar ou deixar uma mensagem é preciso ter algo de original, ou pessoal, para dizer. Teve-o Henrique Pousão e, por isso, trazê-lo a Lisboa, ao Museu da Fundação Gulbenkian, é acto mais do que centenário — necessário...



Antunes da Silva

Telegramas

① De repente, o mar.

Neste mês, aqui em Sines, o oceano parece um pavilhão espalmado da cor do vinho tinto. Contudo, tem um vaivém pouco operacional. Destruídos os viveiros da costa pela desastrosa implantação de unidades industriais que despejam os resíduos nas embocaduras dos terminais e por outras bandas peculiares, o mar pouco rumoreja e não faz tantas caretas hoje de manhã.

A mão do vento não o apoianta. Os barcos deslizam na sua superfície como se navegassem numa colgadura de seda. Tem tons de platina, o mar. Parece, outras vezes, uma jamanta colossais, de mica-azul, a dormitar aos raios do Sol, que por sua vez põem reflexos de funduras irizadas em monstruosas algas com feitio de cidades velhas, que lhe sugam o aspecto de fera acossada, cujos rugidos se integram mais no barulho do porto onde os petroleiros procedem às operações da descarga, do que nas ondas quase sem espuma que mal se elevam a um palmo da areia.

Tanta serenidade aparente desassossegam-me mais os sentidos do que quando o vejo alterado, porque já sei que assim ele anda no seu ofício natural de comedor de espaços. Depois, lembro-me dos espólios que andam por aqui desperdiçados, do mar abundante de peixe que não aproveitamos e se anda a destruir, dos grandes prejuízos que este complexo continua a dar à Nação.

Por estas e outras nunca gostei do mar. Só o Sol me faz vir junto dele, pois a terra é a minha paixão.

② Sento-me na laje de granito, à sombra de umas árvores velhas, de largas copas a dobrá-las para o chão. O Sol afunila-se na largura da paisagem, com uma chuva de fogo tão incandescente que nos fulmina a vista, se por acaso os olhos se atrevem a mirá-lo. Mas é uma atracção, o Sol, meu padrinho.

No meio da nave rural, os insectos devoram-se entre si e as aves embrulham-se nas folhas dos chaparros ou andam de férias por áreas menos atormentadas de canícula.

Nos refolhos da planície, as boiadas procuram a soli-

ção das albufeiras para se dessedentarem e um pastor, aqui ao meu lado, esconde pela vigésima vez, numa caixa de cartão, um grilo. Logo a seguir tirou uma melancia do boral, partiu-a e perguntou-me: «é servido?» Comi com ele.

A temperatura subiu aos quarenta graus do termómetro. Derrete-se o alcatrão das estradas. Dissolve-se parte do oxigénio, apesar dos enormes pulmões de ar que cercam esta alçada rústica, o ar é gordo de mais, veio com o vento suado na ribeira e custa a ser respirado, as adenóides sentem-se inchar. À frente de nós movem-se tremulinas, elas bailam à frente dos olhos, entontecem, moem as miudezas do cérebro, alastram pelos campeiros. Logo, ilusórios incêndios devastam o miolo do céu implantado no seio dos gigantescos silveirais ressequidos. As gargantas secam-se-nos. Uma dolorosa sede se apossa de nós. Sente-se que o clima é forte para quem por ele nunca foi bafejado, e um clima assim, peninsular e tórrido nesta época do ano, faz lembrar sertões de febre, estios cinzentos, modela a face sentimental dos aborígenes que, ou dão em vassallos e velhacos, ou dão os melhores artistas e cidadãos anónimos da Ibéria.

Uf, tudo está parado, senhor Deus. Dói ver tanta vastidão de terra abandonada. Os odores das raízes ateiavam-se uns aos outros, aliviam-nos os sobressaltos da paciência, tenteiam-nos os rasgos de uma qualquer memória sarracena colada à nossa condição humana, e sentimo-nos como que subjugados por uma moleza que dir-se-ia heróica, espreguiçante, talvez aptos para inesperados actos de amor. Ali, no âmago das casas de telha-vã dos «montes», onde os telhados fumegam e nos espera uma fêmea de grandes seios erectos, largas ancas, de tranças negras caídas no colo branco, pescoço rosado, longo, de bailarina, coxas desenhadas de pregas morenas, palpitantes de um excitante suor a cheirar a palha, a banhar-lhe as axilas, oh, este calor devora-nos a carne, assim submersos num êxtase de frenesins, à frente dos tojos.

À tarde, o mundo é menos ameaçador. É quando se come alguma coisa. E se canta como ninguém.

Prática política e prática cristã

● Um depoimento de Maria de Lourdes Pintasilgo

Da «revista internacional católica» «Communio» transcrevemos, sobre o tema «Prática Política e Prática Cristã», o depoimento da engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo. Antiga primeira-ministra, dirigente nacional do Movimento de Aprofundamento da Democracia (MAD), figurando no topo das sondagens como uma eventual candidata à Presidência da República, reveste-se da maior importância para a opinião pública ter, pelos textos, um exacto conhecimento das suas posições como militante cívica e cristã praticante. Da coerência da sua «prática política» e da sua «prática cristã», fala-nos Maria de Lourdes Pintasilgo neste depoimento.

Maria de Lourdes Pintasilgo

Não distingo nos empenhamentos que atravessam a minha vida o que é matéria «profana» ou «temporal» — como nos habituámos a dizer na teologia do laicado — e o que é matéria de Fé. Não faz, por isso, parte da minha experiência uma prática que seria toda ela segundo a lógica de uma actividade temporal e que fosse interpelada, de fora pela Fé. Habitada pela Fé, é nela que encontro motivação, estímulo imediato e finalidade última para a prática que assumo em diferentes momentos da minha vida.

Aceitei exercer funções políticas desde 1969. Fi-lo como cristã que sou, na exigência de uma convicção que tem necessariamente a ver com a presença de Jesus Cristo na minha vida e na sequência de um empenhamento social e cultural que teve a sua origem nos movimentos eclesiais em que tenho vivido, de forma directa, a minha pertença de Igreja — a JUCF, a Pax Romana, o Gral.

Reconheço que o meu código ético-político, modelado pela vivência cristã, diverge em muitos aspectos dos códigos e práticas políticas dominantes. O essencial dessa diferença situa-se, a meu ver, e cada vez com mais nitidez, no facto de que, na conduta política,

ca, não abduco de nenhum dos valores que me guiam enquanto pessoa. Disse-o publicamente na Assembleia da República: «Se julgamos, com bitolas diferentes, na mesma pessoa, o ser humano e o político, eu, pela minha parte, em todo o comportamento humano, analiso a componente política, e, em todo o político, aprecio o homem. No dia em que um esconder o outro, o mundo ter-se-á transformado num mero jogo entre máscaras e não será mais uma relação entre pessoas».

Houve, pois, divergência de códigos ético-políticos no exercício do poder político. Mas tive de constatar — como, de resto, já o fizera no mundo científico e técnico — que não era a divisão cristãos/não cristãos que estava em causa. Sem mesmo falar do cristianismo «implícito», tão caro a Rahner, acentuarei que aquilo de que nos damos conta nas várias tarefas exigidas pelo «estar no mundo» é que vivemos, de facto, numa «Igreja-do-limiar», como Congar gosta de dizer. Somos todos cristãos e não cristãos que um mesmo Espírito move, Povo de Deus no limiar do Seu Templo, todos catecúmenos a aproximarmo-nos do baptismo...

Há por vezes, a ideia ingénua em certos meios da Igreja de que a actividade política, porque se situa numa zona do poder, leva a compromissos e a «sujar as mãos». Ora, o que me parece im-

portante reconhecer é que toda a actividade, qualquer que ela seja, participa desse manejo do poder e do que isso acarreta. Pois não é poder a forma como os funcionários atendem e servem as pessoas nos vários serviços públicos? Não é poder a actividade dos advogados usando a palavra para construir verdades? Não é poder a atitude dos professores face aos alunos? Não é poder as decisões dos gestores de empresas conduzindo a economia e a dos engenheiros que, pelas escolhas técnicas que fazem, determinam o estilo de vida do país?

O que reafirmo aqui é que a Fé se inscreve no tecido histórico-cultural em que nos movemos. A minha experiência política e, em particular, a de chefia do Governo, levou-me a experimentar de novo — e como que em situação-limite — que a Fé em Jesus Cristo se aprofunda através das experiências humanas que vamos vivendo.

Neste contexto, fui levada a reconhecer com mais profundidade e agudeza, que a Fé, embora não se esgote na moral, cria em nós uma ética própria, à medida que, tomados pela moção do Espírito e pela leitura atenta dos sinais dos tempos, vamos caminhando para uma maior integração de toda a nossa existência.

Ao mesmo tempo, tenho que afirmar que até se situa num paralelo de todas as experiências,

por mais intensas que sejam. E que o aprofundamento da Fé a que uma experiência concreta nos leva — e, em particular, a do exercício do poder governativo, com a carga evidente de factores aleatórios que traz consigo — toca o Mistério e ultrapassa, em muito, as boas ou más decisões que tenhamos tomado para irmos ao encontro dos problemas do nosso próximo.

II

Recebi um grande apoio de várias comunidades cristãs espalhadas pelo mundo e que se enquadram em duas famílias espirituais dentro da Igreja: por um lado, comunidades religiosas que vivem o primado da oração na sua expressão da Fé, e, por outro lado, comunidades cristãs empenhadas explicitamente no serviço do Evangelho quer através de uma acção directamente social quer através da actividade intelectual. Uma e outras, sem sequer precisarem de analisar em pormenor a actividade governativa que realizei, sentiram-se pessoalmente envolvidas na minha própria tarefa. Para essas comunidades, todo um passado de mais de 25 anos de militância cristã levou-as a esperar que a minha acção governativa ajudasse a criar estruturas por onde passassem com mais clareza os va-

Continua na pag. 17

Roménia comemora os 40 anos da libertação

Comemora-se, dentro de dias — 23 de Agosto — o quadragésimo aniversário do derrube do regime pró-nazi na Roménia, liderado por Ion Antonescu, e da constituição de um governo de unidade nacional que colaborou com os aliados contra Hitler, nos últimos meses da Segunda Guerra Mundial.

O dia 23 de Agosto é assim o Dia Nacional da Roménia por ser considerado como uma data essencial para o renascimento do país.

A unidade geográfica da Roménia foi efémera em tempos passados. Num breve período do século XVI à Moldávia e à Valáquia juntaram-se as terras da Transilvânia na resistência contra a invasão turca, mas só em 1918 as províncias romenas seriam reunidas com continuidade.

Em 14 de Setembro de 1940 o rei Miguel da Roménia chamou ao poder o general Ion Antonescu que estabeleceu a ditadura e arrastou o país para a guerra ao lado da Alemanha nazi.

Logo em Outubro de 1940, as tropas de Hitler entraram na Roménia ocupando as principais zonas estratégicas e económicas e um mês depois o governo de ditadura adere ao eixo.

Em Junho do ano seguinte, a Roménia participa na invasão da União Soviética pela Alemanha. A Grã-Bretanha declara então guerra à Roménia.

As forças de oposição procuravam, entretanto, unir esforços para combater a ditadura de Antonescu. A própria família real foi abscindida e participou nas conspirações contra o general.

Os partidos que mais se destacaram nesta política de alianças foram o Partido Comunista, o Partido Social-Democrata, o Partido Nacional-Camponês e o Partido Nacional-Liberal, a que outros se juntaram entre 1942 e 1944.

Derrube da ditadura

A frente política procurou o apoio de sectores do Exército, no interior do qual se manifestavam tendências contra a participação da Roménia na guerra ao lado da Alemanha.

O agravamento das contradições no seio do regime, nomeadamente nas Forças Armadas, o agrupamento da oposição, acentuado em Junho de 1944 com a formação de uma ampla frente política chamada Bloco Nacional Democrata, e ainda o evoluir da guerra num sentido favorável aos aliados proporcionaram a tentativa vitoriosa de derrube da

ditadura.

Em 23 de Agosto, Antonescu e os seus principais colaboradores foram presos. Ao fim de três dias de combates a oposição tomava o poder em Bucareste.

No fim de Agosto as tropas alemãs na Moldávia, Valáquia, Oltenia e Banat tinham sido derrotadas.

O novo governo, formado com base nas forças integrantes do Bloco Nacional-Democrata, levou desde logo a cabo pontos essenciais do seu programa, que incluía a saída do eixo e o armistício com os aliados.

A libertação da Roménia foi considerada de importância estratégica pelos aliados e pelo próprio regime nazi, que perdia a sua base mais importante e mais segura nos Balcãs.

A Roménia prosseguiu na guerra, mas ao lado dos aliados. Depois de libertada a Transilvânia, participou em combates na Hungria, Checoslováquia e Áustria.

PCR vence eleições

Os anos subsequentes à guerra proporcionaram ao Partido Comunista Romeno consolidar posições no governo. Em 1946 foi a força mais votada nas eleições.

Em 1947 o rei abdicou e foi implantada a República Popular e mais tarde, em 1965, a República Socialista.

Os 40 anos de domínio do Partido Comunista na Roménia têm sido marcados a nível interno, por um regime de controlo férreo e no plano externo pela repetida manifestação de independência da Roménia face à União Soviética e ao Pacto de Varsóvia, de que faz parte.

Em 1964, o Partido Comunista Romeno proclama o direito de cada Partido Comunista a definir o seu programa.

Três anos mais tarde, contra a orientação de Moscovo, a Roménia estabelece relações com a República Federal da Alemanha, e não condena Israel na guerra israelo-árabe. No ano seguinte, a Roménia não participa nas forças do Pacto de Varsóvia que invadem a Checoslováquia.

A nível interno, o regime romeno é semelhante aos dos outros países comunistas.

Sob a direcção de Nicolas Ceausescu, secretário-geral do partido desde 1965 e presidente da República desde 1974, a Roménia considera-se um país de desenvolvimento médio pelo que é dada maior atenção às carências dos consumidores.

(Serviço NP)

Membro do Governo denuncia dificuldades do Poder Local

“Ninguém quer largar a mão do Poder...”

— diz Helena Torres Marques

O facto de “ninguém querer largar a mão do Poder” tem sido a razão principal das dificuldades da descentralização — considerou na Batalha, a secretária de Estado da Administração Autárquica, Helena Torres Marques.

«A resistência à mudança foi sempre uma constante da História» — disse ainda aquele membro do Governo que encerrou ontem na Batalha a IV Feira Artesanal e Agro-Industrial do concelho.

Helena Torres Marques exaltou ainda a legislação já produzida para reforço do Poder Local e prometeu envidar esforços para que se concretize o plano de urbanização do Mosteiro da Batalha.

Dissolução de câmaras

Entretanto, uma Câmara Municipal que se endive exageradamente ou desobedeça sistematicamente e reiteradamente aos órgãos de soberania pode ser dissolvida — nos termos de uma proposta que o Governo apresentou na Assembleia da República.

A proposta governamental, divulgada ontem pela NP regula o exercício da tutela administrativa sobre as autarquias locais.

Nos termos da proposta, os órgãos autárquicos deixam de poder ser suspensos, mas são

aumentadas as causas da sua dissolução, a qual reveste a forma solene de um decreto do Governo.

O texto governamental define a tutela administrativa como a verificação do cumprimento das leis e regulamentos por parte dos órgãos e serviços das Autarquias Locais e Associações de Municípios, com o objectivo de promover as medidas julgadas adequadas para reparar as eventuais irregularidades detectadas.

A tutela exerce-se através das inspecções, inquéritos e sindicâncias, bem como da recolha e análise de informações e esclarecimentos, não podendo abranger, em caso algum, o exercício pela entidade tutelar das competências legalmente cometidas aos órgãos das autarquias.

A tutela administrativa cabe ao Governo sendo assegurada pelo ministro da Administração Interna ou pelo ministro das Finanças e do Plano, e enquanto subsistir o distrito, também pelo governador civil na área da sua jurisdição.

A prática, por acção ou omissão, de irregularidades graves, ou a conduta delituosa continuada, darão lugar à perda do mandato, se tiverem sido praticadas individualmente por um ou vários membros de órgãos autárquicos, ou à dissolução do órgão, se forem resultado de deli-

beração deste.

A proposta prevê 8 causas de dissolução dos órgãos autárquicos, nomeadamente quando o nível de endividamento da autarquia ultrapasse os limites legais ou quando se recuse de forma sistemática e reiterada a dar cumprimento aos actos normativos dos órgãos de soberania ou da administração central.

A decisão de dissolução cabe ao Governo e será objecto de decreto fundamentado, que designará, sempre que esteja em causa órgão executivo, uma comissão administrativa.

A dissolução será sempre precedida de parecer da assembleia distrital, a emitir no prazo de 30 dias, a contar da data da recepção do pedido.

Na falta de parecer, considerase que a assembleia se manifesta favoravelmente à dissolução.

A realização de nova eleição efectuar-se-á no prazo máximo de 90 dias, a contar da entrada em vigor do decreto de dissolução.

Estatuto e carreiras no poder local

O Governo solicitou ainda autorização ao Parlamento para legislar sobre o estatuto do pessoal dirigente e regime e estrutura das carreiras dos trabalhadores da administração central e local.

Nos termos da autorização legislativa — segundo também a agência NP — o Governo pretende atingir «uma boa gestão dos recursos humanos da administração pública».

A autorização solicitada ao Parlamento não é acompanhada do respectivo diploma por os trabalhadores da função pública terem direito de participar, através das suas associações sindicais, na «elaboração da legislação relativa ao regime geral ou especial da função pública».

No que respeita ao pessoal dirigente, o Governo pretende tornar mais rigorosa a selecção, exigir formação técnica e científica, definir claramente os direitos e deveres e criar estímulos compensatórios, graduados em função da experiência e do grau de responsabilidade ou de complexidade dos respectivos cargos.

Quanto aos restantes trabalhadores, assume particular relevância, segundo o Governo, a perspectiva de carreira profissional, aspecto que, «congregando factores de ordem psicológica, permite dinamizar a vida interna das organizações, com reflexos imediatos nos níveis de produtividade».

Para o Governo — segundo o documento citado — o actual sistema de carreiras é caracterizado pela insuficiência de posições salariais e por módulos de progressão muito curtos.

ensino

Viseu: concursos do Ensino Primário viciados à partida

Mais uma vez o concurso dos professores do Ensino Primário não efectivos vai ser um amontoado de injustiças. Os professores e os seus Sindicatos representativos há já muito que vêm exigindo a revisão da legislação que serve de base a estes concursos. Como vai sendo habitual, o Ministério da Educação marcou uma reunião com a Fenprof sobre esta matéria para alguns dias depois de o prazo de concurso ter começado — explica, quanto à situação em Viseu, o Sindicato dos Professores da Região Centro, através de um comunicado da sede distrital que tem aquela cidade como capital.

Assim, «e à semelhança dos anos anteriores», este concurso «provocará graves injustiças», levando professores com graduação profissional mais elevada para cada vez mais longe das suas residências, «enquanto um elevado número de lugares se mantem como superveniente a concurso e onde posteriormente serão colocados professores com uma graduação profissional menos elevada».

Irregularidades na contagem
No distrito de Viseu, esta situação vem-se agravando de ano para ano — e não é indiferente para um professor obter colocação em Armamar ou em Vila Nova de Paiva.

Mas se a legislação em vigor é, no fundamental, «responsável por muitas das injustiças, a Direcção Escolar de Viseu e algumas Delegações não o são menos».

Pomenorizando: «As irregu-

laridades, este ano, começaram logo na contagem de tempo de serviço (factor da graduação profissional) — e na consequente elaboração da lista ordenada dos candidatos. «Neste concurso, as Delegações Escolares verificavam ou forneciam a graduação profissional que os professores tinham que mencionar nos boletins de concurso.

«A incapacidade notória, a incompetência e o compadrio praticado por alguns levaram a que a ordenação da lista graduada fosse viciada, chegando professores que em concursos anteriores sempre tiveram a mesma graduação a aparecer na lista deste ano com diferenças de muitos dias de serviço.» Ora isto acontece «porque algumas Delegações forneceram de forma errada e/ou viciada a graduação profissional de alguns (e só alguns) professores».

Muitos dos professores «opponentes ao concurso encontram-se, nesta altura, em merecido gozo de férias e não tiveram oportunidade de verificar e reclamar da sua ordenação na lista».

Urgente rever concurso

O Executivo Distrital de Viseu do Sindicato dos Professores da Região Centro, tendo sido alertado por vários professores solicitou de imediato à Direcção Escolar, na pessoa de um seu responsável, que «a ordenação fosse verificada e revista».

Mas a Direcção Escolar «preferiu manter esta situação, continuando assim a ordenação viciada.» Assume assim esta Di-

recção «a responsabilidade pelas injustiças cometidas.»

«Não será portanto de estranhar que a pouca confiança que os professores já depositavam nesta entidade venha a desaparecer» — diz a delegação distrital de Viseu do SPRC.

Pergunta a delegação distrital de Viseu:

«Como perceber que neste distrito as vagas supervenientes sejam tantas como as da primeira fase do concurso e que aquelas sejam, na sua maioria, geograficamente bem localizadas ou de mais fácil acesso?»

E, pois, neste contexto, que, presentemente, a Direcção Escolar de Viseu e algumas Delegações aparecem como órgãos desprestigiados aos olhos dos professores, dando mesmo motivo «para algumas anedotas que um pouco por todo o lado se vão contando». Só que neste e noutros casos «estão em causa o prestígio que deviam ter as instituições e os seus responsáveis, os direitos legítimos dos professores e a própria qualidade do Ensino».

Que fazer face a tal situação...?

Segundo a delegação distrital de Viseu, «torna-se cada vez mais urgente rever a legislação dos concursos, reivindicando já há muito feita pelo SPRC e Fenprof.» Mas «a alteração radical desta situação só é possível com o fim desta «gestão» e com a implementação da gestão democrática nos Ensinos Primário e Pré-Primário onde a palavra seja dada aos professores».

Membros do CDS podem emitir as opiniões que entenderem — considera

Adriano Moreira

Adriano Moreira defendeu sábado a modificação da lei eleitoral como factor de lealdade da vida política portuguesa, salientando que as eleições presidenciais serão um elemento importante para a alteração dessa legislação.

Em entrevista ao programa «Cartas na Mesa», da Rádio Renascença, o presidente do Conselho Nacional do CDS considerou que «a manter as coisas como elas estão, não é um novo Presidente da República que vai remover as dificuldades institucionais» portuguesas.

Salientar, no entanto, que, apesar de «não ser relevante», que o novo presidente seja civil ou militar «a eleição presidencial pode ser importante para se criar apoios» para a alteração da lei eleitoral.

«Essa nova lei — justificou — vai permitir estabelecer maiorias estáveis e coerentes, que possam proporcionar ao país pelo menos essa ambição modesta que é ter uma estabilidade governativa de legislatura».

Ainda relativamente às eleições presidenciais, Adriano Moreira recusou-se a comentar o que considerou «as opiniões libérrimas que pode e deve emitir qualquer membro do CDS» sobre o assunto.

Contudo, sublinhou que, de acordo com a decisão do Conselho Nacional do CDS, o candidato do partido «é decididamente contra o bloco central».

Revista das revistas

Communio

O 4.º fascículo de Communio, revista internacional católica, tem como tema central: «Esperança e Escatologia». Procurando reflectir as raízes e as diversas dimensões da esperança cristã, este número contém os seguintes artigos: «A unidade das virtudes teológicas», por (Hans Urs von Balthasar); «Ressurreição de Cristo e esperança cristã», por Isidro Alves; «Do renascimento crítico do humano», por Carlos Silva; «Imortalidade e ressurreição», por Henrique de Noronha Galvão; «Morte e ressurreição», por Júlio Fragata; «Céu, Purgatório, Inferno e o dinamismo da esperança», por Maria Manuela Carvalho; «Do admirável mundo novo ao Reino de Deus», por Guy Bedouelle; «Viver da esperança — um testemunho», por Clara Menezes.

Este 4.º número de Communio inclui ainda um artigo do Cardeal Joseph Ratzinger sobre a «Assunção de Maria à glória celeste» e uma reflexão de Faustino Caldas Ferreira sobre «Fé, consciência e moral». De assinalar também a inclusão de um depoimento sobre o recentemente falecido Prof. Fernando de Mello Moser,

um dos primeiros sócios apoiantes da Associação que edita a revista Communio.

Nos números anteriores, referentes aos meses de Março/Abril (n.º 2) e de Maio/Junho (n.º 3), a revista Communio inseriu sobre diversos temas de «reflexão teológica» e de «mundivência cristã», colaboração J. Carreira das Neves, Lothar Roos, Acácio F. Catarino, M.L. Marinho Antunes, Tomaz Silva Nunes, H. Noronha Galvão, M. Sousa Gonçalves, J. Borges Pinho, António Rego, Manuela Silva, Germano M. Silva, A. Costa Almeida, Hans Urs von Balthasar, Mendo Castro Henriques, Luís Filipe F.R. Thomaz, Manuel Clemente, Maria Ângela Branco, Walter Kasper, Peter Stillwell, Paulo Pires, A. Bruto da Costa, Teresa Costa Macedo, Maria de Lurdes Pintasilgo, Henrique Baniloro Ruas.

A palavra Communio, como é explicado na contraporta da revista, adquire no cristianismo particular significado doutrinal e espiritual.

A revista é bimestral. É edição e propriedade da Associação de Teologia e Cultura Cristã.

Por impedir acesso às fontes de informação

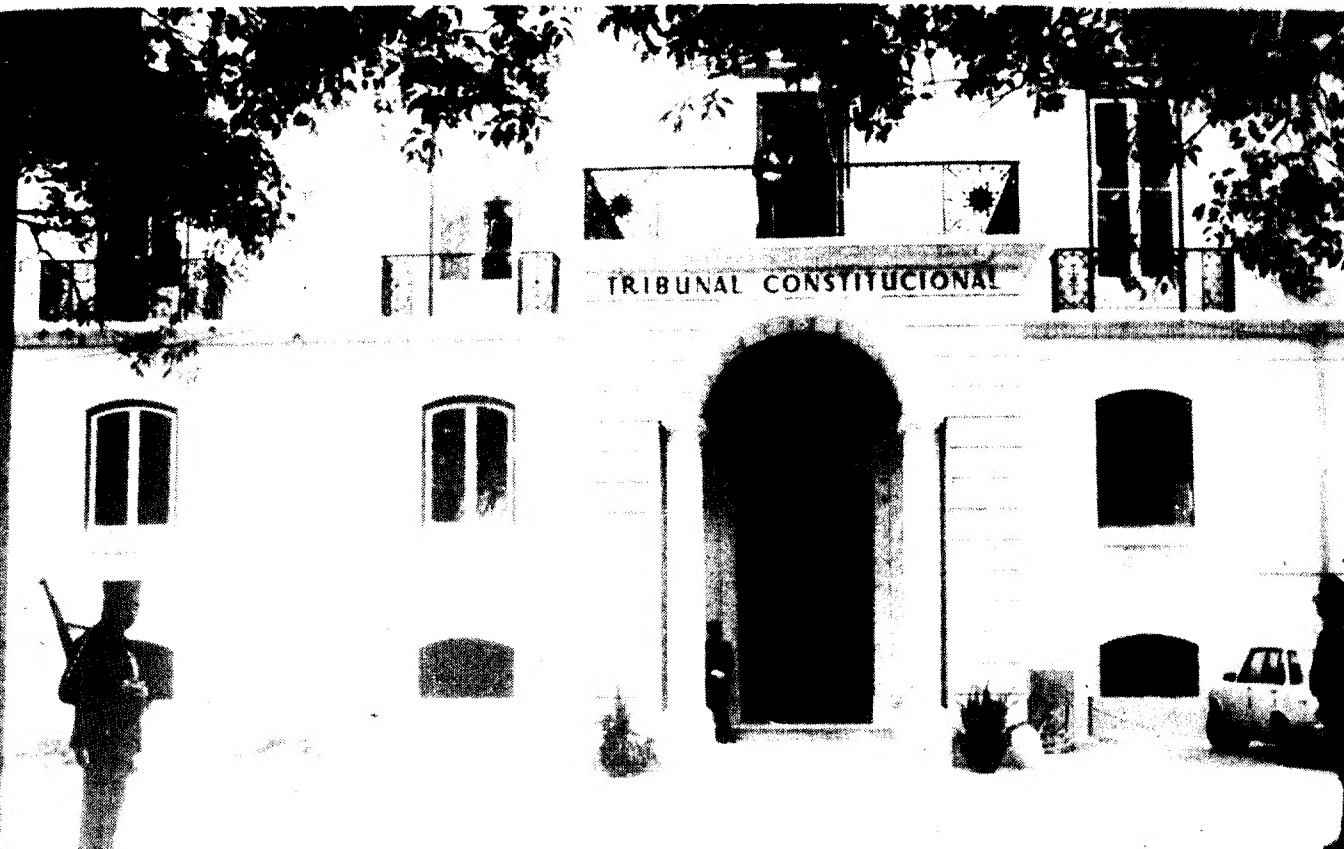
“Diário de Lisboa” vai apresentar queixa-crime contra presidente do Tribunal Constitucional

A direcção do «Diário de Lisboa» e o jornalista José Manuel Saraiva, membro do quadro redactorial deste jornal, decidiram apresentar junto do Supremo Tribunal de Justiça uma queixa-crime contra o presidente do Tribunal Constitucional por violação das normas constitucionais que garantem a liberdade de imprensa e o acesso às fontes de informação.

Armando Marques Guedes, juiz-conselheiro presidente do TC, recusou àquele jornalista, por duas vezes consecutivas, a divulgação dos nomes dos titulares dos cargos públicos que declararam, nos termos da lei em vigor, o valor dos seus rendimentos e património.

Recentemente, o Conselho de Imprensa emitiu um parecer que lhe havia sido solicitado pelo redactor do «DL», através do qual aquele órgão considera que o presidente do TC violou o preceituado no artigo 37.º da Constituição da República ao recusar a um jornalista o direito ao exercício da liberdade de informação.

Em 21 de Fevereiro deste ano, José Manuel Saraiva dirigiu-se pela primeira vez ao Tribunal Constitucional a quem requereu que lhe fosse facultada a indicação dos nomes dos titulares dos cargos políticos que entregaram, dentro do prazo legalmente estabelecido, as declarações sobre o valor dos rendimentos e de outras riquezas. O petiçãoário — dizia então no seu requerimento — não pretendia de tal informação outra coisa que não fosse inseri-la num trabalho jornalístico sobre o cumprimento de leis da República por parte de quem por elas está obrigado. Em 20 de Março o Tribunal Constitucional proferiu um importante acórdão através do qual fez saber que a autorização para o acesso aos dados requeridos pelo jornalista apenas cabiam na competência do presidente do TC. Se o requerente tivesse solicitado o



acesso aos dados constantes dos processos que guardam as declarações dos titulares dos cargos políticos, isso

então já era matéria para o plenário do Tribunal — e só ele

— decidir sobre se deveria dar ou negar autorização ao jornalista para deles ter conhecimento. Porém, o que sempre

se pretendeu saber foi apenas os nomes dos cidadãos que cumpriram a Lei 4/83, de 2 de Abril. Nada mais.

1.º requerimento: Indeferido

Em 5 de Abril, Marques Guedes assinou um despacho através do qual indefere o requerimento, argumentando que o petiçãoário não articulou «factos concretos que, homologamente, demonstrem interesse legítimo e relevante» (sic).

Doze dias depois, o jornalista do «DL» insiste com um novo requerimento dirigido ao presidente do Tribunal. Nele

se volta a requerer a lista com os nomes dos titulares dos cargos públicos que cumpriram a lei. E na fundamentação que então se faz, afirma-se que o acesso às informações que o presidente do TC se havia recusado a fornecer, só pode encontrar-se sujeito ao regime geral constitucional e legalmente previsto para a actividade jornalística. Considerava-se, por outro lado, que a divulgação pública dos nomes dos cidadãos que deram cumprimento, dentro

do prazo legal, às suas obrigações, constitui um imperativo com vista à mais eficaz realização dos objectivos da lei. E se a identidade dos titulares dos cargos públicos fosse tornada pública, como aliás se deseja, evitar-se-ia que recaíssem ou pudessem recair suspeições ilegítimas sobre os que exercem sem infracções os seus cargos e deveres políticos.

Um mês depois de apresentado este segundo requerimento, Marques Guedes volta

a considerar válido o seu primeiro argumento e soma-lhe um outro: a lista dos cidadãos que cumpriram a Lei 4/83 foi enviada pela Procuradoria-Geral da República aos Juízes de Instrução Criminal, pelo que a questão se encontra em segredo de Justiça. E, por isto, porque o petiçãoário «não articulou factos concretos que, homologamente» demonstrassem «interesse legítimo e relevante», pela simples razão de que a «questão se encontra em segredo de Justiça», o juiz-conselheiro presidente do Tribunal Constitucional indeferiu o segundo requerimento apresentado pelo jornalista do «Diário de Lisboa».

Foi, de resto, contra esta decisão que o Conselho de Imprensa emitiu um extenso parecer através do qual lembra que «o cumprimento da lei nunca está em segredo de justiça». «O segredo de Justiça — acrescenta — é um instituto que cobre a investigação da prática de infracções e não do cumprimento das obrigações legais».

O parecer emitido por este órgão constitucional teve larga repercussão pública. Os jornais, a Rádio e a Televisão reservaram-lhe significativo espaço nas suas colunas e noticiários. A Imprensa estrangeira também lhe deu relevo. A agência EFE, por exemplo, enviou um despacho para Madrid e o correspondente da Rádio Nacional de Espanha, em Lisboa, fez deste assunto o principal tema da sua crónica diária.

Nos meios jurídicos portugueses a questão do «segredo de Justiça» invocado pelo presidente do TC causou já alguma estranheza. Alguns juristas contactados pelo «Diário de Lisboa» dizem não conseguir perceber a razão pela qual Marques Guedes, professor da Faculdade de Direito e presidente do Tribunal Constitucional, invocou o segredo de Justiça (que neste caso não existe) para negar uma informação primária.

Festa do «Avante!» promete

Música, exposições e artesanato

Carlos do Carmo, Carlos Mendes, Paulo de Carvalho, Alceu Valença (Brasil), Grupo Sandoval (Cuba), Blues Felloows (Polónia) e Dixiland All-Stars e Spartakus (ambos da RDA), são alguns dos nomes já conhecidos do extenso e valioso cartaz musical da festa do Avante-84, prevista para o Alto da Ajuda, nos dias 7, 8 e 9 de Setembro.

Entretanto, o pavilhão central da festa assinalará, particularmente, os dez anos de 25 de Abril. Além de uma extensa exposição — dividida por quatro zonas — o referido pavilhão terá dois centros de animação, um dedicado à luta dos camponeses e à Reforma Agrária e um outro ligado às lutas operárias. Os dois palcos manterão, porém, espaço e tempo para a intervenção de grupos corais e para iniciativas de teatro, arte e literatura.

O pavilhão central terá, este ano, um piso superior, onde serão expostos painéis, quadros e esculturas alusivas ao 25 de Abril. Outra novidade do mesmo pavilhão será — «Objectiva/84» — uma exposição de arte fotográfica

que registará a participação de mais de duzentos profissionais e amantes da fotografia. Objectivo da mostra: «reforçar o encontro entre dezenas de artistas e qualidade da arte fotográfica portuguesa actual nas suas diferentes modalidades técnicas e temáticas».

O pavilhão central exibirá ainda filmes sobre o 25 de Abril, e manterá um espaço de circo, teatro, saltimbancos e «robertos» e um «café amizade», onde circulará um fotógrafo a la minuta pronto a registar para a posteridade os seus frequentadores.

Rum cubano

Destaque ainda na festa do Avante, para a «cidade internacional», onde os apreciadores de artesanato, música e mesmo petiscos de outras terras e continentes, terão, entre outras coisas, muito por onde escolher.

Este ano, os cubanos parecem dispostos a dar cartas. O «Avante!» ainda não o noticiou mas, tanto quanto apurámos, o pavilhão da «ilha verde» de Che

e Fidel, terá rum (o autêntico, o Havana Club) em quantidade e música tropical a cargo do grupo Sandoval.

Também o Brasil estará bem representado, graças à iniciativa dos comunistas brasileiros empenhados em trazer à festa a história da luta do seu povo pelas «directas» e a música, as «batinhas» e outras particularidades do país irmão.

Duas novidades já confirmadas para este ano: os pavilhões da Frente Polisário e da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (El Salvador).

Serigrafia de Mariano Rodriguez

De Cuba, ainda, haverá uma participação de assinalável significado cultural. O grande pintor e presidente da Casa das Américas (a mais importante e prestigiada instituição cultural de toda a América Latina, Mariano Rodriguez, ofereceu à festa do órgão central do PCP uma serigrafia de que serão feitas apenas

500 cópias, rubricadas pelo autor.

Segundo o «Avante!», há já cerca de duas centenas de inscrições para reserva das serigrafias e o proprietário de uma galeria de arte de Lisboa quis já reservar vinte exemplares. Registe-se que, para além do seu valor artístico, a serigrafia permitirá a cada um dos seus compradores a participação num sorteio que proporcionará uma viagem a Cuba!

Os emigrantes portugueses terão também, e uma vez mais, o seu pavilhão na festa. Para além de uma exposição fotográfica que mostrará a vida dos portugueses em terras de França, o pavilhão terá um espaço de debate e animação (por onde passarão diversos artistas), um bar e um bazar onde serão vendidos — atenção! — os tão procurados e belos lenços palestinos.

O exposto não esgota as novidades e acontecimentos da festa. Na sua última edição, o «Avante!» dá conta do que acabamos de referir mas promete: «... e ainda vai haver mais!»

Viorel Trifa está a mentir

— garante rabi em Genebra

O arcebispo ortodoxo romeno Viorel (Valerian) Trifa, expulso dos Estados Unidos, tenta tirar partido do desconhecimento do período da Segunda Guerra Mundial na história romena — disse hoje em Genebra o rabi Alexander Safran.

«Trifa é um mentiroso que tenta tirar vantagem do facto de muitas pessoas não conhecerem a história romena da Segunda Guerra Mundial», disse Safran em entrevista ao jornalista israelita Joseph Alpern, comentando a entrevista do arcebispo romeno sexta-feira ao matutino lisboeta «Diário de Notícias».

Safran, que residiu na Roménia durante o conflito mundial de 1939-45, confirmou que Trifa era um dos principais assistentes de Horia Sima, líder do movimento nazi romeno «Guardas de Ferro», e que foi um dos inspiradores do PROGROM de Bucu-

reste de 21-23 de Janeiro de 1941.

Sobre a detenção de Trifa na Alemanha nazi, entre 1941 e 1945, Safran disse ser «perfeitamente conhecido que Hitler manteve os líderes da «Guarda de Ferro» na Alemanha como uma espécie de espada de Dâmocles sobre a cabeça do ditador romeno Ion Antonescu.

«Os membros da «Guarda de Ferro» estavam prontos na Alemanha para substituírem Antonescu, se este deixasse de colaborar com Hitler», sublinhou Safran.

Trifa foi expulso dos Estados Unidos, acusado de encobrir a sua identidade aos serviços norte-americanos de emigração, e chegou terça-feira a Lisboa, com intenção de fixar residência permanente na capital portuguesa.

Por debilidade portuguesa

Zona do escudo não interessa à economia angolana

A República Popular de Angola não prevê quaisquer resultados positivos da sua participação numa eventual «Zona do Escudo», escreve na sua edição de sábado, o «Jornal de Angola».

De entre os inconvenientes que aponta à criação de uma zona monetária que tenha o escudo português como moeda central, o matutino angolano refere «a debilidade económica de Portugal, a sua passagem para um segundo plano como principal fornecedor e cliente das suas ex-colónias, o volume da dívida externa portuguesa (15 biliões de dólares), deveras superior ao das antigas colónias».

E ainda apontada a inexistência de «qualquer acordo de cooperação e solidariedade política entre os cinco países africanos de língua oficial portuguesa e a antiga potência colonizadora, que dê cobertura a acordos de âmbito monetário».

O jornal interroga-se sobre a viabilidade de tal projecto, visto «ser precisamente Portugal que nas suas relações com os novos países não aceita contratos estipulados em escudos e exige a utilização do dólar, para a liquidação de pagamentos que muitas vezes não constituíram encargos para o país», o que, segundo o articulista do «Jornal de Angola», «traduz a fragilidade da posição monetária portuguesa».

Depois de indicar que «a participação numa zona monetária, para além do interesse geral e global dos estados participantes, envolve para cada um a avaliação das vantagens e/ou inconvenientes da sua adesão individual»; o jornal refere que «para um país como a República Popular de Angola não se prevê quaisquer resultados positivos e poderiam verificar-se, mesmo, consequências negativas».

No primeiro semestre

Défi ce comercial reduzido em 41 por cento

O défi ce da balança comercial portuguesa diminuiu 41 por cento no primeiro semestre deste ano, relativamente a igual período de 1983, atingindo 1.052 milhões de dólares, soube-se de fonte oficial.

Em relação ao mesmo período de 1983, este valor representa uma diminuição de 732 milhões de dólares.

Este resultado foi conseguido mediante um aumento nas exportações de 10,5 por cento, atingindo 2.573 milhões de dólares, enquanto as importações se reduziram 11,9 por cento, cifrando-se em 3.997 milhões de dólares.

Em valor absoluto, e no período considerado, as exportações aumentaram, assim, 244 milhões de dólares, tendo as importações diminuído 538 milhões.

Por aluguer ou venda

TAP está a desfazer-se dos seus «Boeing 707»

A TAP-Air Portugal alugou um «Boeing 707-320 B» à companhia islandesa Eagle-Air por um período de mês e meio, a fim de dar resposta ao aumento de tráfego sazonal — afirmou a empresa. A aeronave, alugada em regime de «dry-leasing», ficará registada na Islândia com certificação da autoridade aeronáutica local durante o prazo do contrato.

Dois técnicos de manutenção da transportadora aérea nacional executarão e assistirão a manutenção da linha do avião, embora sob a responsabilidade da Eagle-Air.

Entretanto, no final do mês de Julho a TAP vendeu à Dominicana Aviacion o «Boeing-707» «D. João de Castro», o qual estava já ao serviço desta transportadora em regime de «leasing» com opção de compra desde Novembro de 1983.

A TAP-Air Portugal ganhou, por outro lado, o concurso para a execução de uma inspecção de manutenção «intercalar» a um Boeing-707 da TAAG, a efectuar no período de 15 de Setembro a 7 de Outubro, nas oficinas de manutenção em Lisboa.



CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA DO ALENTEJO

AVISO

A Câmara Municipal do Concelho de Viana do Alentejo deliberou, em sua reunião ordinária realizada em 8 de Agosto de 1984, mandar avisar os interessados nas sepulturas perpétuas onde foram enterrados os cadáveres de Maria Piedade Almeida e Augusto Cordeiro Vinagre Sanches, a fazerem prova no prazo de sessenta dias contados a partir do próximo dia 20 de Agosto corrente, de que são os seus legítimos proprietários, dado que no livro de registo de enterramentos existente nesta Câmara não consta qualquer averbamento.

Paços do Concelho de Viana do Alentejo, aos 14 de Agosto de 1984.

O Presidente da Câmara,

MANUEL ANTÓNIO ROSA PÃO MOLE

Regresso dos emigrantes condicionado ao desenvolvimento regional

O regresso dos emigrantes só poderá ser resolvido numa perspectiva de desenvolvimento global da sociedade portuguesa, concluiu a conferência internacional sobre «Emigração, Integração e Retorno» que terminou no sábado, na Figueira da Foz. Também em Vila Real, no decorrer de um colóquio sobre a banca e a emigração, promovido pelo Sindicato dos Bancários do Norte, foi defendida a tese de que é necessário enquadrar o problema dos emigrantes e do seu retorno «na questão do desenvolvimento económico regional».

Por isso mesmo e segundo foi anunciado em Vila Nova de Foz

Côa, pelo presidente da Comissão de Coordenação da Região Norte, as associações de emigrantes vão passar a dispor de dados concretos sobre o desenvolvimento regional. Valente de Oliveira, o presidente da CCRN, frisou durante um colóquio sobre emigração e desenvolvimento regional que é necessário fazer novos empresários virados para o desenvolvimento regional. Ele lembrou, ainda, que as pequenas empresas são as mais vocacionadas para atrair a iniciativa dos emigrantes, até porque são as mais lucrativas.

O encontro de Vila Real, promovido pelo Sindicato dos Bancários do Norte reuniu na escola

de enfermagem local cerca de 80 pessoas, incluindo, emigrantes, deputados, autarcas, bancários e um representante da Secretaria de Estado da Emigração, Carlos Correia.

Fazendo a síntese dos trabalhos, Daniel Bessa, economista responsável pelo Gabinete de Estudos do Sindicato, disse à ANOP que os emigrantes presentes fizeram referências e reparos relativamente a algumas questões concretas, nomeadamente segurança social, importação de automóveis e congelamento das rendas de casa.

Sobre estas três questões pontuais, os representantes da Secretaria de Estado e os dois

deputados, membros da Comissão Parlamentar para a Emigração, procuraram dar respostas concretas.

Carlos Correia vincou a posição do Governo em matéria de retorno e que disse ser «nem de incentivo nem de desencorajamento mas antes de apoio à liberdade de escolha dos emigrantes com base numa completa informação sobre todos os aspectos envolvidos».

O encontro debateu, ainda, a questão das remessas de divisas e o estudo da forma como elas devem ser aplicadas e as consequências de um eventual regresso de emigrantes, tendo em conta o aumento constante dos índices de desemprego

Sector do material eléctrico com tendências muito depressivas

Baixos níveis de procura e acumulação de «stocks» continuaram a marcar a situação do sector de material eléctrico e electrónico no segundo trimestre de 1984, de acordo com a síntese de conjuntura elaborada pela Associação Nacional dos Industriais de Material Eléctrico e Electrónico (ANIMEE). Somente a procura externa denotou alguns indícios de recuperação, insuficientes contudo para conduzir aos níveis de actividade desejadas.

Naquele período confirmou-se a quebra de actividade orientada para o mercado interno, a qual é mais significativa na área de bens de consumo, o que traduz a acentuada redução do poder de compra em Portugal.

Em reflexo da quebra global do nível de actividade, 89 por cento das empresas laboraram em condições de subaproveitamento, sendo este facto mais notório nas áreas dos bens de consumo e de equipamento electrónico.

Para o terceiro trimestre do ano, apenas 6 por cento das empresas manifestam intenção de aumentar o número de efectivos, enquanto 26 por cento irão reduzi-los.

A situação financeira é considerada «razoável» por 57 por cento das empresas inquiridas e «má» por 31 por cento. Os dilatados prazos de recebimento constituem o factor invocado pela maioria das empresas como determinante da situação verifi-

cada.

Para o trimestre seguinte somente 6 por cento das empresas prevêem uma melhoria da sua situação financeira, enquanto 17 por cento apontam para o seu agravamento.

O relatório da ANIMEE refere que a quebra de procura interna e a alta dos custos continuam a constituir as principais condicionantes do desejado desenvolvimento económico. Também as dificuldades financeiras (obtenção de crédito e estrangulamento de tesouraria) se mantêm como factor altamente condicionante.

A procura externa, «não registando o incremento desejável, é, ainda assim, a determinante conjuntural menos deprimida», lê-se na publicação da ANIMEE.

O grande furo é casar com uma viúva rica

Os homens que pensam seriamente em caçar uma fortuna deveriam escolher por noiva uma viúva rica em vez de uma jovem à espera de herança, aconselhou, hoje, o director da «Burkes Peerage».

O conselho é pelo menos aplicável na Grã-Bretanha, onde as leis sobre impostos de transferência de capitais são bastante desiguais conforme as circunstâncias.

Harold Brooks-Baker, director de edições daquela casa de estabelecimento de árvores genealógicas e assuntos afins, escre-

veu um artigo no «Times» de hoje em que diz que o imposto de transferência de capitais, que se aplica a todas as heranças excepto às dos esposos, poderá muito provavelmente dizimar a fortuna das herdeiras antes de o marido a poder gastar.

«Quem estiver à procura de uma noiva rica não deve procurar uma provável herdeira, sujeita a ser severamente tributada quando herdar, mas uma viúva que herdou sem pagar um «penny» ao Ministério das Finanças», afirma Brooks-Baker.

A próxima edição da «Burkes

Peerage» incluiu uma lista de solteiras e solteironas, acrescenta o director da publicação.

Douglas Sutherland, autor de uma série de livros sobre o «gentleman» inglês, lembrou ao «Times» que a falha no sistema de impostos oferece uma oportunidade única para se preservar fortunas.

Disse ele: «Se a viúva se casa com um homem mais novo, ele herda livre de impostos e se ele casar outra vez e morrer antes da sua nova mulher, ela recebe tudo. E assim por diante.

Águas portuguesas para exportação

Para fazer face ao desafio-exportação a empresa Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas investiu em 1983 mais de 100 mil contos em equipamentos aumentando assim em cem por cento — garantiu à NP o empresário Sousa Cintra.

Na sua aposta para conquistar mercados externos, Sousa Cintra salientou que, para além do aumento da capacidade de produção daquela empresa «leader» do mercado interno de águas, adquiriu este ano a «água Caravello» que se encontra já a ser comercializada.

As vendas no mercado nacional da Vidago atingiram em 1983 meio milhão de contos e a exportação foi de seis mil contos, especialmente destinada aos países tradicionais da África do Sul, Estados Unidos e Canadá.

Para 1984, a empresa aposta no aumento da quota no mercado nacional e num grande incremento das exportações, quer para os mercados tradicionais quer para os países árabes, nomeadamente Arábia Saudita e Kuwait.

Sousa Cintra salientou que se desenvolvem todos os esforços para enviar água para Macau, Hong Kong e Europa.

As águas gaseificadas da Vidago têm 40 por cento no mercado nacional e as águas gasosas naturais possuem 91 por cento do mercado.

em duas palavras

O PREÇO DO VINHO de pasto de 1983 (170 escudos por grau-hectolitro) está na origem do pedido de demissão do secretário de Estado da Alimentação, exigido pelo Secretariado distrital do Partido Socialista de Vila Real.

Em 1979 já tinham sido pagos ao agricultor 172\$72 por grau-hectolitro e, em 1982, 213 escudos. Por isso mesmo, aquela Federação distrital do PS considera que a nova tabela para a última campanha «vai arruinar os vitivinicultores da zona do Douro «e acrescenta não aceitar a falência dos pequenos e médios agricultores em troca dos benefícios aos grandes produtores do vinho generoso».

UMA MISSÃO COMERCIAL, composta por representantes de 14 empresas de Agueda, Mealhada, S. João da Madeira e Vila Nova de Gaia, partiu ontem para Joanesburgo e Maputo onde vai tentar a conquista de mercados.

A missão é acompanhada por Castilho Dias, secretário-geral da Associação Comercial de Agueda, e na amostragem dos produtos que vai apresentar figuram material eléctrico, moldes, vinhos, produtos para a indústria vinícola, mobiliário, máquinas, cerâmica, flores artificiais, energia solar e calçado.

SOCIEDADES DE DESENVOLVIMENTO regional (uma ou duas, no dizer do secretário de Estado) vão ser autorizadas até ao final deste ano, segundo foi anunciado este fim-de-semana, em Penacova.

Falando numa sessão do PSD local, o secretário de Estado do Desenvolvimento Regional, Fernando Nogueira, considerou que essas sociedades constituirão instrumentos importantes no domínio do investimento no interior do País.

MOBILIÁRIO PORTUGUÊS vai ser apresentado em Bruxelas de 21 a 25 de Novembro, e em Nova Iorque, entre Abril e Maio do próximo ano, por iniciativa da Associação Comercial e Industrial do Concelho de Paredes (ACICP).

A revelação foi feita no encerramento da primeira feira-exposição de mobiliário do concelho de Paredes, numa sessão que contou com a presença do almirante Silva Horta em representação do Presidente da República. Orçada em cinco milhões de escudos, esta feira contou com a presença de 38 expositores, que apresentaram durante dez dias mobiliário de século, de linha direita, e um novo estilo, ainda não denominado, feito em folheado de raiz de nogueira, que constitui a novidade da exposição.

Trata-se de um estilo concebido por dois industriais de Paredes que efectuaram 30 por cento dos contratos da feira.

A AGRO-BARROSO, quarta edição, encerrou ontem, com um desfile de máquinas agrícolas e com o anúncio de que foi visitada por mais de cinquenta mil pessoas. De acordo com o coordenador-geral da feira, organizada pelos municípios de Boticas e Montalegre, Fernando Campos, o certame ficou um pouco aquém das previsões, embora se tenha conseguido ultrapassar os 50 mil visitantes, ou seja, o número atingido há dois anos.

Fernando Campos disse que o volume de negócios atingido na Feira Agro-Pecuária do Barroso ultrapassou os 20 milhões de escudos entre maquinaria agrícola, gado e equipamentos industriais.

Estação já está pronta... falta funcionar

Tratamento de esgotos chegou ao rio Gilão

O rio Gilão, que foi, desde sempre um «esgoto a céu aberto» da cidade de Tavira, vai finalmente deixar de receber os detritos domésticos da cidade.

O rio Gilão, que é um dos principais cursos de água tributários da Ria Formosa, recebe os esgotos da cidade (que desde sempre para ela foram canalizados), facto que nunca permitiu a apanha de moluscos em determinadas zonas e o interditou sempre para a pesca.

Isto não se refere aos viveiros concessionados, onde não se verificam indícios de poluição, tendo até reaparecido no rio as ostras, que se consideravam extintas desde há cerca de 30 anos.

Foi para acabar com esta situação crónica de um dos casos mais graves de poluição no Algarve, que o Município local lançou mão de todos os recursos desde há quatro anos a esta parte.

Estão prontas as estações elevatórias e depuradoras de esgotos de Conceição, Cabanas e Santa Luzia, Santa Catarina, Santo Estêvão e Cachopo, faltando apenas concluir a da própria cidade e algumas obras acessórias.

Um ano de atraso

«O plano de saneamento básico de Tavira deveria estar pronto já há um ano, mas não contamos que o esteja antes do

fim de 1984 ou, mesmo, em meados de 1985» — referiu o presidente da Câmara taviense.

E, no entanto, a estação de tratamento de esgotos da cidade, que foi financiada pelo GAPA, está pronta, mas sem funcionar, há três anos. A Hidrel empresa à qual a obra foi adjudicada, terá sido a principal responsável da demora, pela difícil situação em que caiu, dada a importância do equipamento, em 1981.

Neste momento, porém, tudo parece bem encaminhado. Está feita a estação de tratamento e foram concluídas a estação elevatória para os esgotos e a ligação entre as margens do rio, tendo estas duas últimas obras ascendido a cerca de 40 mil contos.

Processa-se, agora, à adaptação e montagem do equipamento electromecânico na estação elevatória que se seguirá a ligação à Ria Formosa para as águas residuais já tratadas e que orçará pelos cinco mil contos, a preços actuais.

Para tudo isto, o Município apenas beneficiou de um crédito com juro bonificado, que começou em três por cento e se cifra agora, nos 13,75.

Regresso da pesca

Logo que toda a rede de estações de tratamento de esgotos esteja em funcionamento, será lançado um programa de draga-

gens junto das margens e no leito do rio, cujas águas passarão, finalmente, a ser cristalinas e despoluídas como não há memória.

Poderá, então afirmar-se que o rio não deitará águas poluídas da zona lagunar da Ria Formosa para a Ria Formosa. E, ainda, transformar numa maior extensão os viveiros até agora quase apenas limitados à embocadura das «quatro águas». E, também, devolver ao rio Gilão a pesca a que, desde há muitas décadas, tem estado interdito.

A pesca artesanal, a única com expressão em Tavira, que em 1983 atingiu um volume de 1179 toneladas, com um rendimento de mais de 253 mil contos, poderá vir a aumentar substancialmente.

Como termo de comparação e segundo números da delegação algarvia da Secretaria de Estado das Pescas, salienta-se que o pescado descarregado nos postos de venda da Ria Formosa foi de cerca de 14 700 toneladas, com um valor equivalente a pouco mais de dois milhões de contos, o que representa cerca de 42 por cento do total regional.

Na pesca artesanal em que a Ria Formosa teve significativa importância, foram capturadas pescada, tainha, choupas, raia e linguado.

Melhorar os moluscos

Acresce que, com a despolui-



O Rio Gilão é uma das preciosidades de Tavira

ção do rio Gilão e, consequentemente, da área da Ria Formosa em torno de Tavira, podem aumentar substancialmente os estabelecimentos piscícolas que, neste momento, são apenas cinco na zona de Santa Luzia e com uma área total de 125 hectares e, mesmo assim, ainda não licenciados (só recentemente foram requeridas as respectivas concessões).

Cotejando aqueles números com os dos estabelecimentos piscícolas licenciados em Fuzeta, Olhão e Faro, em número de 12 e com uma área total de 107 hectares, pode verificar-se facilmente a importância de Tavira no contexto da zona húmida da Reserva Natural da Ria Formosa.

Com a produção de moluscos (o Algarve produz 80 por cento da produção nacional de bivalves) o panorama não é tão aliciente, mas pode melhorar.

Tavira produziu, em 1983, em 119 viveiros licenciados, com

uma área de pouco menos de 240 hectares (contra 2578 e 2906 hectares em Olhão e Faro, respectivamente), quase três por cento da amêijoalgarvia, cuja produção total se estima em quatro mil toneladas/ano.

Entre os moluscos que não são objecto de cultura, salienta-se a exploração do berbigão, com uma produção estimada em 10 000 toneladas/ano, não havendo todavia números exactos por falta de licenciamento da exploração.

Sal e sol

Com uma população de cerca de 11 000 pessoas, das quais sete mil residentes na cidade, o concelho de Tavira é essencialmente uma zona pesqueira, embora viva ainda do sal (pouco, já que as 18 067 toneladas extraídas em 1980 renderam, apenas, cerca de 45 mil contos) e do turismo.

O turismo é, na verdade, uma

boa fonte de receita para o concelho de Tavira, mas é igualmente um «sorvedouro» de despesas, segundo o presidente da edilidade taviense.

«É que — salienta — o turismo dá dinheiro ao País, mas são as zonas turísticas que suportam os custos. Melhor dizendo, as populações dessas zonas, que vêem os preços aumentar durante a época turística e têm de se aguentar com despesas que, de outro modo, não teriam».

A população flutuante aumenta consideravelmente e isso traz custos acrescidos, não obstante os benefícios (para alguns) que esse facto traduz.

«Mas o grosso da população pouco ou nada recebe em troca e é ela quem, em última análise, tem de os suportar na bolsa, já que os impostos do turismo são para o turismo» — acrescentou aquele autarca.

José Gutierrez, «NP»/«DL»

Especialistas debateram problemas no Fundão

Folclore ou a meditação sobre a crise

Os portugueses podem assistir durante o Verão, de há poucos anos para cá, a mais de uma centena de festivais «internacionais de folclore».

Por outro lado, o nascimento de grupos de danças e cantares folclóricos é explosivo e quase não há aldeia ou vila do interior que não «ameace» criar o seu museu etnográfico, folclórico, antropológico ou algo de semelhante.

A que se deve o súbito fenómeno? Aqui, os especialistas estão mais ou menos de acordo: em períodos de crise profunda, os povos debruçam-se atentamente sobre o passado na busca das suas raízes tradicionais.

É, de certa maneira, o que acontece na Europa do dealbar do século XIX, confundida pela Revolução Francesa e pelo enciclopédismo, devastada pelas invasões napoleónicas, assistindo à queda do poder tradicional da aristocracia e à sua substituição pela burguesia nascente. O princípio do século XIX acaba, assim, nessa necessária busca de identidade, por redescobrir a Idade Média como base-mãe do país, desde o «Fausto» de Goethe ao «Ivanhoe» de Walter Scott, do Hugo e «Notre Dame de Paris» ao Herculano das «Lendas e Narrativas» ao Garrett do «Cancioneiro».

Uma nova crise de identidade nacional, com a quebra das estruturas do consulado de Salazar, a descolonização, a debilidade económica, a emigração e a «ameaça» da integração europeia terão criado uma nova «urgência» de identificação nacional, a justificar o nascimento de dezenas de grupos folclóricos, de museus etnográficos, a levar as vedetas da rádio a arranjos mais ou (bastante) menos aceitáveis das melodias populares.

Debate no Fundão

Para uma primeira análise do problema etnográfico, dirigentes de ranchos folclóricos, musicólogos e antropólogos reuniram-

-se no Fundão, estabelecendo um diálogo interessado e participando no VI Festival Internacional de Folclore da Beira Baixa, uma organização do Rancho Folclórico de Silveiras. Aldeia estrategicamente situada entre a Gardunha e a Estrela, num dos extremos da Cova da Beira.

A reunião esperava, um tanto ambiciosamente, fazer um estudo do folclore da raia luso-espanhola e a possível integração de um maior número de festivais regionais portugueses na

uma das quais poderia, quase imediatamente, dizer respeito ao Festival de Folclore da Beira Baixa.

O encontro reconheceu a «anarquia» na recente aparição de dezenas de grupos interessados no folclore, embora não se tivesse mostrado excessivamente preocupado com o assunto. «Os que derem garantias, que foram capazes, poderão manter-se por si próprios. Os restantes tenderão a desaparecer», foi afirmado.

A questão básica da reunião

Faria, musicólogo, de Coimbra, opinou pela preservação; Tomás Ribas, especialista em folclore e delegado no Algarve do Ministério da Cultura, lançou uma contestada ponte de abertura: «o folclore não é um museu e evolui constantemente».

«Se fossemos à procura do folclore autêntico, das raízes verdadeiramente tradicionais teríamos que remontar ao homem do paleolítico e às suas danças mágicas», disse.

De uma maneira geral aceitaram-se como danças e cantares

se seriam criações daqueles compositores apropriadas pelo povo ou se não teria sucedido precisamente o contrário.

Para aquele musicólogo, a característica de uma canção popular é a de não ter autor, embora seja evidente que tenha existido uma criação individual. A canção e a dança tornaram-se populares, ganharam o direito de ser folclóricas quando correspondiam a uma determinada estética local, quando podiam ser apropriadas pelo povo como representando a sua autêntica maneira de ser.

«Eu hei-de dar ao menino...»

Para além dos poemas, lembra Francisco Faria, restam-nos dos cancionários medievais apenas sete melodias escritas, todas elas do galego Martim Codax. Música erudita, da altura, de que o povo se apropriou e que canta ainda hoje. O musicólogo entende que a música do famoso poema de Codax «Ondas do mar de Vigo» se manteve até ao século XX com as letras de Natal beirãs, em que se diz «eu hei-de dar ao menino...».

Francisco Faria reconhece que muitas dezenas de composições «de autor» ganham rápida popularidade, mas acrescenta ser necessário «um certo tempo para saber se uma determinada criação vai ou não ser apropriada pelo povo, se corresponde à sua autêntica maneira de ser».

Contrariado Tomás Ribas, Francisco Faria aceita que «uma coisa é evoluir, outra é substituir», aceitando como autenticamente populares «as canções que resistiram a um certo tempo».

Numa linha aparentada, o padre Pires de Campos da raiana Penha Garcia, mosrou-se disposto a aceitar «uma evolução mas apenas dentro de um grupo étnico definido».

A recente «explosão» no sur-

gimento de grupos folclóricos, com os seus erros, as suas hesitações, as suas hipóteses de reaparição a curto prazo, levantam um problema paralelo, um rosso aberto e crescente entre os folcloristas «de gabinete» e os próprios ranchos, isto é: entre a investigação e a divulgação.

Encenações tradicionais

Henrique Gouveia, delegado português do CIOFF, propôs que essa interligação se estabelecesse por um processo semelhante ao que está a ser feito em relação aos museus, assunto sobre o qual se realizaram já duas reuniões locais e se prepara uma terceira, precisamente para a Beira Interior.

O processo implicaria em acções formativas junto dos ranchos folclóricos e folcloristas regionais, na preparação de literatura didáctica de apoio por parte das entidades oficiais e no apoio aos ranchos em termos de equipamento.

Tomás Ribas, agora com a concordância dos restantes participantes lembrou que os ranchos folclóricos se «esquecem do ritualismo» que acompanha as danças e os cantares que os grupos habitualmente apresentam e propôs que fosse recomendado que os ranchos acrescentassem ao seu repertório uma encenação das cerimónias tradicionais, como as encomendas das almas, as janeiras, o entrudo, as festas das colheitas e outras semelhantes.

Uma sugestão do padre Pires de Campos, de Penha Garcia, ficou, igualmente, anotada como recomendação: o ensino da etnografia nas escolas secundárias.

Tudo isto necessitará do apoio do Estado por múltiplas formas possíveis. Mas «o Estado ajuda a cultura, sobretudo, pagando-a», também ficou assinalado.

Roby Amorim, ANOP/«DL»



O folclore não é só para dançar. Também é motivo de reflexão, uma forma de conhecer os motivos dos povos.

organização internacional de festivais.

O encontro foi presidido por um representante do CIOFF (Comité Ibero-Americano do Conselho Internacional das Organizações de Festivais de Folclore), entidade que reconhece como único festival internacional de folclore, em Portugal, o que se realiza em Santarém, no decorrer da Feira Nacional da Agricultura.

O CIOFF mostra-se aberto a algumas «escassas aberturas»

terá sido a de saber até que ponto será permitido «deixar evoluir o folclore um pouco ao sabor do tempo», ou exigir-lhe uma exacta estratificação numa certa época — o final do século XIX.

Função é conservar?

António Salvado, director do Museu de Castelo Branco, afirmaria que o folclore tem uma função idêntica à do museu: conservar, transmitir a tradição às gerações futuras; Francisco

populares, como folclore, as manifestações dos finais do século XIX e dos inícios do século XX, isto é, daquilo que foi possível recolher entre os mais velhos habitantes de uma região, de um lugar, de uma aldeia.

A opção é um tanto complicada. Na verdade, a noção de povo como classe social deixou de existir depois da Revolução Francesa. Canções de Mozart, Schubert e Brahms fazem parte do património de grupos populares. Francisco Faria interroga-se

de ontem para hoje

Motora abalroada em Leixões por cargueiro inglês

Quando procedia no sábado a manobras à entrada do porto de Leixões, o cargueiro inglês «City of Oporto» abalroou a motora «Alfamar», causando danos consideráveis não só no cal como ainda na embarcação. O mestre da «Alfamar», Manuel Gavina, conseguiu salvar-se ao ser avisado a tempo do embate por tripulantes de pesqueiros que estavam próximos. O nevoeiro que pairava foi o principal causador do acidente.

O caso da enfermeira assassinada

Continua por esclarecer as circunstâncias concretas que rodearam o assassinato a tiro da enfermeira do Hospital Egas Moniz, Maria do Carmo Henriques, de 57 anos, ocorrido, tal como noticiámos, no passado dia 8, em Monsanto. Como autores confessos do crime foram detidos os seus dois afilhados de casamento (Pedro Infante a quem ela criara — e a mulher, Gertrudes, ambos de 30 anos). Como móbil divulgado do crime: a tentativa de receberem um resgate de três mil contos, a ser pago pelo marido da vítima, o cirurgião dentário, dr. Manuel Chumbo Henriques. Acontece que, até à data, ainda não foram fornecidos pela PJ pormenores completos sobre a forma como Pedro Infante e a mulher levaram à prática um crime que causou grande impacto emocional na opinião



pública, e, que por isso mesmo, exigiria um esclarecimento mais detalhado (para evitar especulações) por parte dos investigadores.

Motociclista vitimado em Sacavém

Um motociclista, Manuel Rodas Afonso, de 20 anos deu entrada já cadáver no Hospital de S. José, para onde foi levado numa ambulância dos Bombeiros Voluntários de Sacavém. O acidente que vitimou o jovem, residente na Avenida Barbosa do Bocage, em Lisboa, ocorreu na povoação de Pirescoxe, nas proximidades da Portela da Azóia.

Esperas aos javalis em Arganil

Agricultores do concelho de Arganil, no distrito de Coimbra, têm realizado nos últimos dias esperas aos javalis que culpam de lhes destruírem milharais e batatais. Assim, numa espera efectuada no limite das freguesias de Coja e Benfeita, entre as aldeias de Esculca e Luadas, foram alvejados dois javalis, enquanto outros conseguiram fugir. Por outro lado, caçadores que fizeram uma espera entre os lugares de Lorja e No-

gueira, detectaram cinco daqueles animais mas não conseguiram acertar-lhes. Registe-se que as batidas ao javali, espécie em vias de extinção, só é permitida pela Secretaria de Estado das Florestas em condições especiais. Animal sagrado dos Lusitanos, o javali é hoje extremamente raro em Portugal e grande parte dos animais avistados são provenientes de Espanha.

PSP entrega objectos roubados

Na Secção de Justiça da PSP de Lisboa, na Rua Capelo, 13, frente ao governo civil, encontram-se depositados vários objectos provenientes de furtos que serão entregues a quem provar ser o seu proprietário. Alguns exemplos: quatro ferros de engomar, uma batedeira eléctrica, um relógio de pulso automático, duas chaves de fendas, um arranque pregos e dois capacetes.

«Conto do vigário» em Sesimbra

Uma nova variante do, ao que demonstram os factos, inesgotável «conto do vigário», fez com que um ancião de 90 anos ficasse sem objectos em ouro no valor de algumas centenas de contos. Mas contemos como tudo se passou: José David saía do barbeiro em Sesimbra quando foi ami-

gavelmente abordado por dois jovens que se faziam conduzir num «Peugeot 304», castanho. Dizendo conhecê-lo desde os seus tempos de criança, os dois burlões entraram no «coração» de José David que acabou por entrar no carro e seguir com eles para a sua casa, em Santana, de onde os mesmos haveriam de sair com o ouro. A GNR investiga.

Assalto a fábrica de cortiça

Desconhecidos assaltaram, na madrugada de ontem, uma fábrica de cortiça em Santa Maria de Lamas, Vila da Feira, levando cerca de quatro mil contos em rolhas. Segundo a Polícia Judiciária do Porto, os assaltantes, que utilizaram uma camioneta no transporte da mercadoria roubada, entraram nas instalações por meio de arrombamento de uma das portas.

Electricista alvejado no Montijo

Na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, no Montijo, um indivíduo que sofre de perturbações mentais, José Caetano Barbosa de Sousa, de 42 anos, por alcunha o «Inimigo Público», alvejou no sábado à tarde com um tiro de pistola nas costas o electricista Estevão Nu-

nes Borges da Silva, de 34 anos, que está internado em estado grave no Hospital de S. José. José Caetano disparou a queima-roupa, por motivos ainda desconhecidos, e perante a surpresa e impotência para intervir, de algumas dezenas de transeuntes.

De novo em resultado duma manobra perigosa

Mais seis portugueses mortos na localidade espanhola de Palência

O sangue de portugueses voltou a enlutar as estradas de Espanha quando seis emigrantes do nosso país em França morreram no choque do automóvel em que seguiam com um camião, cujo condutor ficou ferido com gravidade.

O acidente ocorreu sábado na estrada que liga Palência e Leon tendo vitimado Celestino Passos Fernandes, de 35 anos, que conduzia, Margarida Pereira, de 47, Ernestina Dinis Ferreira, de 21, José António Dinis Ferreira,

de 19, Liliana Ferreira Fernandes, de três, e José Maria Passos de Castro, de 18. No automóvel sinistrado seguia ainda Maria José Ferreira Reisimo, que recolheu em estado desesperado à residência de Segurança Social Lorenzo Ramirez, em Palência. No mesmo estabelecimento está igualmente internado o condutor do camião, Manuel Ribeiro Gimad, de 48 anos.

Registe-se que, ainda não há um mês, uma outra família por-

tuguesa (sete pessoas) encontrou a morte naquela mesma estrada quando o seu automóvel foi chocar frontalmente com um autocarro espanhol de passageiros, com destino a Bilbao.

No acidente de sábado passado o automóvel efectuou uma ultrapassagem perigosa que o fez chocar com o camião. Devido à violência do choque, a Guarda Civil levou quase duas horas para retirar os cadáveres dos escombros.

Dois mil nadadores ao serviço dos náufragos

Mais de mil homens do Instituto de Socorros a Náufragos velam este ano pela segurança dos banhistas nas praias do País, sobretudo aos fins-de-semana quando a afluência é maior.

O Instituto de Socorros a Náufragos colocou ainda à disposição das autoridades marítimas, dos bombeiros e dos concessionários das praias, 200 aparelhos de comunicação rádio, 73 botes pneumáticos, 36 embarcações de fibra de vidro, 110 motores

fora-de-borda, 21 viaturas, mais de 100 caixas-ambulâncias de primeiros socorros, cerca de 40 aparelhos lança-cabos e 19 tendas.

Estes meios, e outros dos próprios concessionários das praias e das 100 corporações que colaboram com o ISN, poderão vir a ser utilizados, em caso de acidente, nos locais com serviço de assistência, complementados por meios de salvamento que o Instituto também distribuiu a alguns núcleos da Cruz Verme-

lha, do Corpo Nacional de Escutas e autarquias locais.

Só na praias do litoral há diariamente mais de 700 nadadores-salvadores contratados pelos concessionários, os quais são reforçados aos fins-de-semana por cerca de 300 nadadores-salvadores dos bombeiros.

O Instituto de Socorros a Náufragos recorda, entretanto, que apesar de todos os meios postos à disposição foram registados no ano passado, nas praias do País, 469 acidentes, dos quais 75 mortais.

Vila Franca de Xira insistiu pela quarta vez

Manual de melão em tempo de feira

Pode escolher-se um melão puro e simplesmente com o pé? A prova foi-nos feita por Joaquim Dias Teodoro, um homem que se dedica a fazer melão desde há 30 anos. Ele era um dos seareiros que não recusaram a presença na IV Feira do Melão, que durante o fim-de-semana se realizou em Vila Franca de Xira.

Claro que o exemplo dado não resulta de qualquer «intuição» do pé de Joaquim Teodoro. Trata-se apenas de experiência, porque ele sabe o que vale cada melão, por uma simples olhadela. Como se isso não bastasse, a «carrada que aqui está é de confiança, é tudo do bom».

O objectivo desta feira que já se vai tornando habitual na nova cidade ribatejana é, afinal e depois de tudo, comprovar que o melão não é aquela fruta sensaborona, até desagradável, que muitas vezes compramos aí por mercearias, mercados e ambulante de fruta barata e que faz baixar os preços das restantes, torna-se, então, em algo de extremamente caro. Porque, às vezes, nem para doce se aproveita...

«Nesta altura do ano, se tiver havido cuidado com as sementes qualquer melão é bom» — garante-nos Joaquim Teodoro, o homem com quem falámos mais longamente. Ele desce anualmente, durante cinco meses, da Alparça onde habita, para fazer melão em terras da Companhia

das Lezírias.

«O que o melão não pode é ser apanhado verde. Se isso acontecer, o mais natural é que não preste para nada» — garante-nos. Pela sua parte, depois dos cuidados na semente que lança à terra, esse é um pormenor que tem sempre em atenção. Com resultados pela prova que fizemos no local e pelas compras que levámos para casa.

«Se for colhido maduro todo o melão é bom, nesta altura do ano» — afirma o seareiro. «É preciso bater nisto nos jornais, para que o consumidor não ande aí a gastar dinheiro sem resultado e até deixe de comprar o nosso produto».

Melão por terras

A própria feira dá como resultado prático a atribuição, aos produtores presentes e que distribuíram «provas», de galardões comprovativos da qualidade que patenteiam nos seus melões.

Mas, os homens que aqui se apresentam têm as suas histórias. Fazer melão, tradicionalmente em Almeirim, mas também em toda a terra ribeirinha do Tejo, em geral, é actividade no duro. São cinco meses a viver numa barraca, ao frio, à chuva, ao sol que o tempo der.

E porquê um homem se dedica durante tantos anos a «fazer» melão? «Olhe, porque no meu

caso não tenho terras para cultivar. E estou farto de as pedir aos serviços da agricultura. Até já levei o caso à Assembleia da República... e nada» — diz-nos Joaquim Teodoro.

Assim, desceu às margens do Tejo, primeiro perto de Azambuja. Depois, com o 25 de Abril, ele e tantos outros seareiros entraram nas terras da Companhia das Lezírias. Mas, a pouco e pouco, todos eles começaram a ter razões de queixa da forma como os responsáveis lhes atribuíam terras para a cultura do melão.

«Antes não havia problemas, arrendavam-nos fosse para melão, fosse para outra coisa. Agora querem é atirar-nos para as terras baixas, lá para Sul» — comenta ele e outros seareiros corroboram.

O mal é que essas terras têm vindo a apresentar índices crescentes de salinidade que inviabilizam não só a cultura do melão como algumas outras. Para os seareiros, que se queixam de perder mesmo algum dinheiro em resultado desta política de atribuição de terras, sendo que algumas outras, mais «altas», ficam ao abandono, sem qualquer utilidade.

O segredo da lezíria

Uma curiosidade, em dúvida, são as qualidades particulares que vulgarmente se atribuem ao melão produzido em toda esta

Dois pescadores desportivos morreram afogados na Madeira

Dois pescadores desportivos, que faziam parte de um grupo numeroso em que ninguém sabia nadar, morreram afogados sábado na Madeira na zona Marítima da praia do Porto Novo, em Santa Cruz. A tragédia aconteceu quando Gilberto Fernandes da Silva, de 42 anos, entrou na água para se refrescar, sentindo-se então indisposto (suspeita-se de congestão alimentar), pelo que pediu socorro. Em seu auxílio foi Jorge Teixeira Henriques, de 27 anos, que agarrado, em desespero, pelo companheiro, acabou por ser arrastado por ele para a morte.

Os dois corpos foram recolhidos mais tarde por mergulhadores dos Bombeiros Voluntários de Santa Cruz. Ambas as vítimas eram naturais do Funchal, sendo Gilberto da Silva solteiro e Jorge Henriques, casado.

Salvou a irmã em Algés

Na praia de Algés, um jovem de 19 anos, António Júlio de Oliveira Coelho Pinto, conseguiu salvar a irmã, Elizabete Coelho Pinto, de 24 anos, que ao atirar-se à água foi acometida de doença súbita. Conduzida de urgência para o Hospital de S. José, Elizabete Pinto acabou por ser transferida para o Hospital Curry Cabral, onde esta manhã já estava livre de perigo.

área da lezíria. O porquê, segundo a generalidade dos seareiros, é a «qualidade dos terrenos».

«O segredo — especifica Joaquim Teodoro — está na quantidade de sal que estes terrenos têm. Se for de mais não dá, mas o que eles têm normalmente torna o melão muito doce...»

A verdade, porém, é que os produtores se queixam. No mercado interno nem sempre a política de preços é a mais correcta, com a agravante de os preços mínimos oficiais descenderem, de facto, por via da concorrência. Quanto à exportação...

«Ninguém repara em nós. A Junta Nacional das Frutas, por exemplo, bem nos podia dar apoio nos transportes. Mas ninguém quer saber disto para nada» — lamenta-se Joaquim Teodoro.

Para ele, seareiro, que durante sete meses do ano (em que não há melão para fazer) trabalha por conta de outrem, o que é grave é que não haja apoios à agricultura. Terras ao abandono e ele com um tractor de 77 cavalos para poder fazer feijão, milho, sabe-se lá mais quê...

Voltando ao melão, ele insiste em realçar as virtudes do produto. Até pelos efeitos moderadores do mercado das frutas que exerce. «Já viu como começou tudo a baixar quando apareceu melão com fatura?» — interroga.

ESPECIAL FÉRIAS/84
NO
HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO

Apesar de tudo não deixe de fazer férias este ano. Você precisa de umas férias tranquilas.

7 dias: 7700.00 p.p. em quarto duplo no mês de Outubro e 9100.00 em Setembro, e a possibilidade que o Hotel do Parque lhe oferece no sossegado ambiente das suas 4 estrelas, 2 piscinas climatizadas no verde natural do Alto Minho, além de agradáveis surpresas.

(Suplemento para o mês de Agosto 2 800\$00) Peça-nos programa detalhado «Especial Férias/84» por escrito C.P. 4900 — através do telefone 24151/5 telex 32511 ou no seu agente de viagens.

Aguardamos a sua rápida consulta que desde já agradecemos.

ÁSIA CENTRAL

- Moscovo, Tachkent, Achikhabad, Duchambé (Rússia, Usbequistão, Turcomenistão, Tajikistão)
- Zona do Pamir, no coração da Ásia, junto às fronteiras da China, Afeganistão e Irão
- Partido: 5/9 (2 semanas)
- Pensão completa, espectáculo, visitas sociais
- 94 000\$00 • Desconto familiar

AEROFLOT

- Voando com a
- Peça programas detalhados.

Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op. 414

Responsável directo em 90 por cento dos casos

Homem é o maior "amigo" dos fogos

Cerca de 90 por cento dos fogos florestais registados este Verão em Portugal «são da responsabilidade do homem» — disse o inspector superior do Serviço Nacional de Bombeiros (SNB).

Cristiano Santos referiu que «nem todos são de origem criminosa, mas também provenientes de negligência, o que acaba igualmente por ser criminoso».

Afirmou, ainda, que «os bombeiros têm a percepção de que este ano há mais fogos postos do que no ano passado».

O responsável do SNB revelou que se registaram entre 1 e 15 de Agosto nas zonas Norte e Centro 619 fogos florestais de proporções assinaláveis, tendo arido 3660 hectares de terreno.

Essa área, referente a incêndios que atingiram áreas superiores a um hectare, significa uma média de 5,9 hectares aridos por cada fogo.

Esta média — salientou Cristiano Santos — é «significativamente inferior a todas as médias alcançadas em anos anteriores».

Em 1980, por exemplo, cada incêndio de proporções significativas consumiu uma média de 20 hectares, relativamente a toda a época — revelou.

A média de área ardida registada este mês é similar à média alcançada nos 14 distritos do Sul de França no mesmo período, «apesar dos poderosos meios aéreos ao dispor dos bombeiros franceses daquela zona» — referiu ainda Cristiano Santos.



O desleixo a incúria e frequentemente os interesses económicos do homem estão na origem dos incêndios. Para combatê-los há uma pequena parte da população.

Pior foi em Oleiros

Os maiores incêndios ocorridos em Portugal desde Julho até agora registaram-se em Oleiros (750 hectares de área atingida), Gondomar (três incêndios que atingiram entre 200 e 400 hectares), serra de Monchique (dois incêndios com 200 e 300 hectares aridos) e Reguengos de Monsaraz (300 hectares).

Um incêndio ocorrido em Almeida a 3 de Agosto, atingiu uma área de 100 hectares, enquanto as chamas atingiram na

Gardunha uma área assinalável mas de pouco significado florestal — referiu Cristiano Santos.

As regiões mais afectadas pelo fogo têm sido o Norte e o Centro, mas a situação atingiu a normalidade no Norte a partir do dia 12, adiantou.

Cristiano Santos salientou ainda a «grande quantidade» de incêndios registados no distrito de Viana do Castelo, Porto e Vila Real no fim-de-semana de 28 e 29 de Julho.

Referiu também que «se notam carências a nível de viaturas e de natureza financeira nos bombeiros do distrito de

Viana do Castelo».

No entanto, acrescentou, os bombeiros portugueses carecem de meios aéreos, sendo «insuficientes» os seis aviões e quatro helicópteros estacionados em Viseu e na Lousã.

Referiu a necessidade de se lançar um sistema integrado de alerta, baseado num sistema de previsão meteorológica adequado.

Militares devem fazer vigilância

O sistema de previsão meteorológica, acrescentou, permitiria «o planeamento das forças de reserva para alturas cri-

ticas» e o accionamento de um sistema de alerta».

Como causas indirectas de fogo, Cristiano Santos indicou as altas temperaturas, a baixa humidade do solo, a falta de limpeza na floresta, principalmente particular, a falta de caminhos de penetração e o vento, que considerou o «factor principal».

A propósito, Cristiano Santos considerou que os militares são «a única entidade com capacidade para dar continuidade ao esforço dos bombeiros quando estes atingem a exaustão».

Os militares, acrescentou, «são solicitados não para apagar o fogo mas para missões de rescaldo e vigilância final».

O «caso de Braga», quando o responsável do regimento local se negou a mandar sair os seus homens para combater um incêndio, «não é significativo» — considerou Cristiano Santos.

O mal não é dos militares, que sempre nos deram um apoio extraordinário — sublinhou, recordando a morte de 23 militares na serra de Sintra, na década de 60, quando combatiam um incêndio.

O inspector superior do SNB afirmou ainda que «se nota este ano maior apoio das populações no combate aos incêndios».

Reafirmou, no entanto, que «a grande maioria dos fogos são da responsabilidade do homem». Quando os bombeiros combatiam o grande incêndio de Oleiros — revelou «lançavam-se foguetes numa festa em plena serra».

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM



Os Estados Unidos impingiram-nos o Trifa. O Governo aceitou-o, para fazer o jeito aos amigalhões e porque não sabia que ele era criminoso de guerra. O Governo português fica, desde agora, a personalizar a imagem da inocência. Vai adiantando que, se o Trifa for aquele mauzão que dizem, o põe daqui para fora, já. Por outro lado, o Governo de Israel mete a sua colherada e exige a expulsão do Trifa, o tal que mandou matar milhares de judeus. No meio de tudo isto há uma porção de equívocos sobre os quais nos deveríamos debruçar um pouco. Os Estados Unidos desamam os criminosos nazis mas já não desamam tanto os criminosos de guerra americanos. Esses fizeram, no Vietname, tropelias dignas dos ancestrais germânicos. Que são eles hoje? Dignos habitantes de penitenciárias? Post-tostadinhos na cadeira eléctrica? Premiados, com a bolinha de cianeto? Qual quê! São dignos e honestos cidadãos...

E os israelitas? Os massacres que praticaram e patrocinaram no Líbano podiam levar a assinatura nazi. Foram castigados, esses criminosos? Foram condecorados...

E o Governo português, zeloso agora da expulsão do Trifa tanto quanto da sua admissão (!) o que é que fez que medidas práticas tomou já para castigar os criminosos da guerra colonial? Onde estão as desautorizações públicas, sociais, morais, nacionais de centenas de portugueses que mancharam até à loucura uma bandeira e uma farda?

E onde estão, neste momento, os agentes inspectores e directores da PIDE? Seria de facto interessante saber onde param os criminosos da guerra movida contra toda uma população sobre a qual exerceram o terror, a tortura e a morte? Onde estão eles? Na cadeia, não. Nem se exilaram para longas terras. Nem sofreram, cá, represálias do Governo. Não foram nem moral, nem social, nem materialmente penalizados. Então que foram? Foram indemnizados, recompensados, sei lá se integrados ou não tardarão muito a sê-lo...

De modo que neste caso do Trifa importado dos Estados Unidos (faria parte da carta de intenções?) reina uma grande confusão e hipocrisia. Porque havia o Governo português de se doer demasiado com o assunto? Por ser um criminoso de guerra? Mas, ó manos, um a mais onde singram pacificamente tantos — que mal tem?...

Enquanto fogos florestais não abrandam

Chamas destruíram parte antiga da fábrica de cerâmica de Chaves

Enquanto as chamas continuam a consumir a nossa cada vez mais reduzida área florestal, um fogo, de origem ainda não determinada, mas que, à partida terá sido de natureza accidental, destruiu, esta madrugada em Chaves, a parte antiga da «Cerâmica Flaviense». Segundo afirmou esta manhã ao «DL» um porta-voz da empresa, fundada em 1920, o sinistro, cujos trabalhos de rescaldo ainda prosseguem à hora do fecho do nosso jornal, não chegou a atingir as novas instalações da «Cerâmica Flaviense», pelo que a sua actividade poderá ser retomada já na próxima semana.

Na fábrica antiga, que ocupava um edifício de três andares, foram consumidos toneladas de combustível sólido e numerosa maquinaria, sendo os prejuízos avaliados em milhares de contos. Na «Cerâmica Flaviense», localizada no Campo da Roda, trabalham 108 trabalhadores que, de acordo com a mesma fonte, não deverão ser afectados pela ocorrência, dado que toda a laboração da fábrica se estava praticamente a desenvolver na parte nova.

Relativamente aos fogos florestais deste fim-de-semana há a destacar os ocorridos em Mexilhoeira Grande (Portimão), na encosta do Sameiro (Braga), no Pinhal da Quinta dos Prados (Guarda) e na Serra de Bornes (Macedo de Cavaleiros).

Em Mexilhoeira Grande, numa zona situada entre Alcalar e Se-

nhora do Verde, foram consumidos entre 150 e 200 hectares de matos, amendoeiras, oliveiras, alfarrobeiras e pomares, tendo as chamas chegado a ameaçar algumas vivendas habitadas sobretudo por cidadãos estrangeiros.

No Sameiro, nos arredores de Braga, o fogo que foi combatido por bombeiros e militares destruiu mato e chegou a ameaçar algumas moradias. Devido à falta de água na zona os bombeiros tiveram de recorrer ao complexo habitacional da Quinta da Capela.

Na Guarda o incêndio que deflagrou no pinhal da Quinta dos Prados, chegou a ter uma frente de quatro quilómetros, destruindo ainda algumas searas de trigo. Finalmente na Serra de Bornes (Macedo de Cavaleiros) foram devastados, por um incêndio de origem criminosa, cerca de 400 hectares de mata novas de pinheiros e castanheiros.

Octogenário incendiário

Um octogenário, José Narciso, residente em Lomba, foi surpreendido quando ateava um fogo na zona do Marmeleiro, no concelho do Sabugal.

Entretanto, um indivíduo de 24 anos, que, no Cartaxo, pegou fogo à sua própria casa, «por uma questão de partilhas», será ainda hoje presente ao juiz de Instrução Criminal daquela Comarca. Antes de incendiar a casa, Elisa Serreira agredira a mãe.

Os tempos vão difíceis mesmo para eles

Foi o que pôde ser o Dia dos Bombeiros

O «Dia Mundial do Bombeiro» foi ontem assinalado no nosso país, um pouco por todo o lado, com cerimónias das mais diversas, dos desfiles à própria comemoração de aniversários, passando por alguns incêndios que permitiram «brilhantes» de rua.

Coimbra foi exemplo, com um encontro de confraternização entre os voluntários e os sapadores municipais. O convívio teve almoço, futebol e uma romagem aos «soldados da paz» mortos em serviço.

Um exemplo, pois, este de Coimbra. No caso de Setúbal, as comemorações introduziram uma novidade a nível nacional. Ali passaram a existir os primeiros 52 aspirantes a bombeiros, com idades compreendidas entre os 5 e os 13 anos.

Também os voluntários de Almeida possuem já «bombinhas», mas dos 11 aos 13 anos — já que, nos termos dos regulamentos gerais dos bombeiros, só a partir dos 14 anos é permitido tomar parte nas operações no exterior ou nas tarefas técnicas internas destas associações.

A cerimónia em Setúbal, precedida de desfile da fanfara da corporação pelas ruas da cidade, terminou com simulacros de sinistros, na parada do quartel, «combatidos» com a colaboração dos jovens candidatos.

Estes acompanharam os profissionais no ataque a um «incêndio» no prédio de três pisos edificado para exercícios normais, após o que um «bombinha» de 13

anos, coadjuvado por mais novos, extinguiu à agueta as chamas provocadas na carcaça de um automóvel.

«Nesta cerimónia lançámos à terra sementes vindas de uma juventude com quem contamos para nos ajudar e a quem devemos ajudar, em vez de a denegrir como tantos fazem injustamente», disse, em breve alocução, o presidente da direcção dos BVS, Sobral Rodrigues.

Presidiu à cerimónia e dirigiu os exercícios o comandante interino do corpo activo, Janeiro Gonçalves, que em ordem do dia louvou o instrutor deste primeiro corpo nacional de «bombinhas», bombeiro João Silva.

A princípio eram os pregoeiros...

Os bombeiros portugueses nasceram da preocupação de D. João I de proteger Lisboa contra os incêndios. Assim, ao cair da noite, pregoeiros percorriam as ruas de Lisboa para lembrarem às pessoas da necessidade de apagar as lareiras antes de adormecerem.

Simultaneamente, havia uma lei que obrigava todos os carpinteiros e calafates da cidade a comparecerem com os seus machados — símbolo dos bombeiros — nos locais onde deflagrasse um incêndio.

Nos séculos seguintes, a situação foi-se modificando e, em 1678, já havia estações de material contra incêndios, que pos-

suiam escadas, tanques de água e tantos machados quantos os carpinteiros da cidade.

Em 1816, a cidade de Lisboa dispunha de aguadeiros equipados de barris de 25 litros e que se distribuíam pelos arredores dos 25 chafarizes públicos existentes na cidade.

A companhia de bombeiros, popularmente chamada de «companhia do caldo e nabo», só em 1834 foi criada. A partir desta altura as medidas de combate ao fogo começaram a ser organizadas seriamente, e o regulamento geral para a repartição de incêndios foi publicado no «Diário do Governo».

Em 1867, chegavam a Portugal as substitutas das caldeiras: as bombas a vapor, que foram utilizadas pela primeira vez em 1912. Porém os bombeiros continuavam a ter obrigatoriamente nas oficinas do corpo de bombeiros, em cada secção, uma tina, oito baldes e um lampião.

Em 1918, entrou ao serviço uma bomba montada numa viatura de incêndios, nas oficinas do Corpo de Bombeiros. O primeiro auto-socorro foi usado pela primeira vez em 1912.

Actualmente, em Portugal, existem 15 mil bombeiros profissionais e 45 mil bombeiros voluntários, distribuídos por 450 corporações, que se debatem com falta de meios técnicos e humanos e que lutam por condições de segurança e assistência social ainda hoje insuficientes em tal actividade.

A pretexto das minas

Franceses reforçam presença no Golfo

Dois draga-minas franceses chegaram à cidade de Jeddah, Arábia Saudita, para participarem nas operações de limpeza das minas que têm atingido numerosos navios no mar Vermelho — confirmou em Paris o ministro francês da Defesa.

O ministro Charles Hernu referiu que além dos dois draga-minas chegados a Jeddah, o Dompair e o Cantho, escoltados pelo Izard, a França vai ter mais dois draga-minas a operar no mar Vermelho em meados da próxima semana, o Eridan e o Cassiopee, escoltados pelo Loire.

Hernu referiu que a participação francesa divide-se em duas forças distintas, que correspondem aos pedidos formulados pela Arábia Saudita e pelo Egito.

«Missão humanitária» — foi como círculos oficiais franceses classificaram a acção.

Os seis navios franceses foram colocados sob o comando do contra-almirante Pierre Lefevre, comandante das forças francesas no oceano Índico.

Enquanto isto, o presidente egípcio, Hosni Mubarak, iniciou contactos com vários líderes árabes para a convocação de uma reunião internacional para debater a segurança do mar Vermelho e canal de Suez.

Além das mensagens aos líderes de países árabes, Mubarak enviou um telegrama ao secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, informando-o das medidas tomadas pelo seu governo para salvaguardar o tráfego pelo canal, em colaboração com as Marinhas dos Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e Itália.

A limpeza das águas regionais pelos draga-minas e helicópteros que já se encontram na zona levará pelo menos três semanas, segundo fontes militares.

Diversas fontes no Cairo, na maioria diplomáticas, afirmaram que já foram encontradas várias minas e que o seu exame leva a crer que foram construídas na Itália e na União Soviética.

Denúncia soviética

A revista soviética «Tempos

Novos» acusou sábado a imprensa ocidental de manter uma campanha anti-líbia e anti-iraniana inspirada pelos Estados Unidos, a propósito da minagem do mar Vermelho.

«O mundo árabe — assinala o semanário soviético — não exclui em absoluto que estas acções criminosas e provocadoras tenham sido levadas a cabo pelas mesmas forças interessadas em manter uma tensão contínua na área: os sionistas de Israel e os seus tutores norte-americanos».

«Tempos Novos», a publicação soviética de maior difusão internacional, refere que, depois da aparição das minas no mar Vermelho, surgiu uma justificação para o envio de unidades e especialistas militares dos Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e de outros países da NATO.

«Acaso isto não recorda algo semelhante com a passada criação de uma força multinacional, supostamente destinada a estabelecer a paz no Líbano?», pergunta a revista.

Apelo de Honecker ao diálogo Leste-Oeste

O líder da RDA, Erich Honecker, defendeu os seus esforços para a manutenção do diálogo Leste-Oeste numa entrevista divulgada no sábado, mas não disse se efectuará uma controversa visita à Alemanha Federal.

Honecker, disse ao jornal do Partido Comunista da RDA, «Neues Deutschland», que os contactos entre as duas Alemanhas eram cruciais para o conjunto das relações Leste-Oeste.

«Ambos os Estados alemães podem, através do desenvolvimento das suas relações, promover um efeito positivo no clima da Europa ou fazer crescer as tensões internacionais», declarou Honecker.

Repetiu os apelos à «limitação dos prejuízos» provocados pela instalação de novos mísseis nucleares norte-americanos, que Moscovo tem enfrentado através do estacionamento dos seus próprios mísseis na RDA. «É melhor negociar dez vezes do que disparar uma vez», afirmou.

«Honecker esclareceu, através do tom geralmente moderado das suas afirmações, que pretende que o diálogo continue, ainda que as superpotências não estejam a dialogar, mas está suficientemente precavido para não fazer anúncios precipitados acerca da visita de Setembro», declarou a propósito da entrevista um diplomata ocidental.

Diplomatas ocidentais afirmaram que o tom e a ocasião em que a entrevista surge — foi também publicada pelo jornal «Berliner Zeitung», pela agência oficial ADN e transmitida na rádio — sugerem que Honecker procura um sinal de Bona de que refreará o

seu apoio público à política externa do presidente norte-americano Ronald Reagan.

Honecker afirmou que os Estados Unidos detêm a superioridade nuclear sobre a União Soviética e, ao instalarem novos mísseis nucleares na Alemanha Federal, este ano, preparam-se para um «primeiro ataque» contra o Pacto de Varsóvia.

Novos mísseis?

A União Soviética está a planear a instalação de novos mísseis mais precisos do que os SS-20, para substituí-los nas instalações contra a Europa Ocidental, disse um perito em armamento alemão-federal.

A afirmação foi feita pelo cristão-democrata Juergen Todenhofer, que se recusou a dar a fonte da sua informação. Acrescentou que os novos mísseis soviéticos se designam por «SS-X-25 MOD» e que a sua precisão contra o alvo é superior à dos SS-20.

Segundo Todenhofer, os trabalhos de planeamento e construção dos novos mísseis já atingiu a fase final.

Cientistas reunidos

Para estudar o efeito do uso das armas cósmicas e o «Inverno Nuclear» que se lhe seguiria encontram-se reunidos na localidade, siciliana de Erice, cientistas de vários países incluindo China, Estados Unidos e União Soviética.

Estes encontros científicos são patrocinados pelo Centro de

Cultura Científica «Ettore Majorana», de que é presidente o professor António Zichichi, e que vai no seu quarto ano de actividade.

A China coopera pela primeira vez neste simpósio, que conta com a participação de vários Prémios Nobel.

Joe Knox, máximo expoente da investigação sobre a «Guerra das Estrelas» e as suas armas, dirige a delegação dos Estados Unidos que compreende a elite do «Livermore Laboratory», o mais importante centro dos Estados Unidos que estuda os problemas de defesa e simulação, por meio de computadores, de uma guerra atómica total entre as duas superpotências.

O grupo soviético é presidido por Mark Mokulski, director do Instituto de Genética Molecular da Academia das Ciências de Moscovo.

Os temas em estudo neste encontro científico são: consequências, à escala mundial, dum conflito atómico entre as duas superpotências, com especial referência ao chamado «Inverno Nuclear», novos sistemas de defesa, mais conhecidos como «Armas Estrelares» e o exame das novas formas de colaboração para construir a paz sobre bases concretas.

No ano passado, o seminário de estudo de Erice aprovou um «Protocolo de Acordo» para a colaboração científica, que prevê a realização de encontros periódicos, com o fim de elaborar esquemas de cooperação entre a URSS e os EUA para caminharem juntos para um futuro de paz.

Este protocolo foi assinado por Edward Teller, o pai da bomba de hidrogénio é conselheiro do presidente Reagan, e pelo professor Eugenij Velichov, vice-presidente da Academia de Ciências de Moscovo.

O presidente italiano Sandro Pertini enviou uma mensagem aos cientistas reunidos em Erice na qual advoga um «desarmamento gradual, recíproco e controlado».

O Papa João Paulo II também enviou uma mensagem chamando a atenção sobre as «graves consequências para toda a Humanidade, se os engenhos nucleares forem utilizados».

Convenção em Dallas a partir de hoje

Republicanos torna uma plataforma con

A trigésima terceira Convenção Republicana que hoje se inicia, em Dallas, Texas, caracteriza-se por uma plataforma conservadora contestada por várias alas do partido. A plataforma partidária que será votada terça-feira pelos 4470 delegados efectivos e suplentes à Convenção, foi definida domingo pela Casa Branca como um documento centrista embora tenha sido atacada pelos moderados do partido e considerada direitista por Walter Mondale, o rival democrata de Ronald Reagan. Os delegados republicanos — 56,6 por cento conservadores e 17,7 ultraconservadores, segundo uma sondagem de Los Angeles Times — apoiam de um modo geral o reforço do poder militar dos Estados Unidos e a política externa baseada no anticomunismo. Contudo, na sua grande maioria, e contrariamente à plataforma republicana, os delegados apoiam o congelamento das armas nucleares — um dos pontos do programa eleitoral de Mondale — e são contra a proibição do aborto.



Um retrato de Reagan, feito de berlín, pelo artista Peter Rocha, é transportado para o edifício de Dallas, onde está a decorrer a convenção dos republicanos (Telefoto UPI/NP/DL)

Segundo 95 por cento dos delegados o relançamento económico é a principal aposta de Ronald Reagan para a sua reeleição.

Os delegados à Convenção do Partido Republicano são mais conservadores, mais ricos, melhor educados e mais velhos do que a maioria dos restantes membros do Partido dos norte-americanos.

Apesar do conservadorismo patente nesta convenção, a representação feminina é de quase metade dos delegados, numa tentativa de contrariar o impacto da candidatura de Geraldine Ferraro à vice-presidência democrata.

Tendo em vista o eleitorado feminino, que apoia menos Ronald Reagan que o sexo oposto, foram seleccionadas várias mulheres como oradoras, incluindo a do discurso principal de terça-feira à noite, a cargo da hispano-americana Katherine Ortega.

Entretanto, no domingo, à sua chegada a Dallas, o vice-presidente George Bush, pediu

numa manifestação de boas-vindas outros quatro anos para a equipa republicana, a fim de acabar a tarefa iniciada em 1980.

Ronald Reagan, que se encontra em Washington, chegará a Dallas na quarta-feira, véspera do encerramento da convenção.

Políticos de dez países da América Latina, entre eles o presidente do Panamá, Nicolás Ardito Barletta, figuram entre os convidados estrangeiros à Convenção Nacional Republicana.

Um total de 38 políticos latino-americanos e das Caraíbas, quase todos de partidos conservadores são esperados em Dallas para a Convenção que começa hoje.

Esta representação da América do Sul e da América Central é integrada por políticos de Belize, Bolívia, Costa Rica, República Dominicana, Honduras, Jamaica, México, Panamá, Peru e Venezuela.

Não estará presente nenhum político salvadoreño,



Extraordinárias precauções de segurança com um engenhoso dispositivo em causa

embora a plataforma republicana que será ratificada na terça-feira, preveja o apoio da Administração a El Salvador. Entre os representantes da América Latina destacam-se o antigo presidente da Bolívia, general Hugo Banzer, o presidente do Partido Unido Social Cristão da Costa Rica, Rafael Calderon, e o ex-presidente da Venezuela, Rafael Caldera.

Comentário soviético

A política militar do presidente Ronald Reagan torna os Estados Unidos mais vulneráveis do que nunca — afirmou a agência noticiosa soviética «Novosti», num comentário que coincide com o primeiro dia da Convenção dos Republicanos norte-americanos.

«O credo do senhor Reagan» é bastante claro, mesmo que ele não tivesse ordenado a brincar o bombardeamento da União Soviética num espaço de cinco minutos — comentou a agência.

A Novosti referiu que a pla-

Franz Josef Strauss visita a Albânia

O dirigente da União Democrata Cristã (CDU) alemã federal, Franz Josef Strauss, efectua actualmente uma visita à Albânia — informou um porta-voz do governo bávaro.

Strauss, o primeiro político de destaque alemão federal a visitar a Albânia, poderá ser recebido pelo presidente Enver Hoxha — segundo o semanário «Welt Am Sonntag».

O mesmo semanário acrescenta

que Strauss continuará as suas férias na Jugoslávia, originando especulações de que poderá estar a tentar aliviar as tensões entre a Albânia e a Jugoslávia.

A Alemanha Federal não mantém relações diplomáticas com a Albânia pois este país tem exigido como condição que Bona pague uma indemnização pela ocupação durante a Segunda Guerra Mundial.

França

Grupo desconhecido provoca «psicose

O grupo autodenominado M-5, que, na passada semana, reivindicou três atentados à bomba nas cidades francesas de Lyon, Annecy e Grenoble ferindo cinco pessoas, está a «semear uma psicose do atentado» — anuncia a imprensa francesa.

Os métodos do grupo inspiram-se, ainda segundo a imprensa, no «terrorismo internacional».

O M-5 colocou as bombas de fabrico artesanal em locais públicos muito concorridos como nas estações de caminhos-de-ferro de Lyon e Grenoble e num centro

cultural em Annecy.

Apesar do último ataque perpetrado sexta-feira na estação de Grenoble não ter sido reivindicado, os investigadores policiais atribuem-no ao M-5.

A imprensa afirma que uma «psicose da bomba está a alas-

am pública nservadora



segurança estão a ser tomadas na Convenção. Uma série de túneis foi construído para evitar explosões de bombas. Na telefoto UPI/NP/«DL»: um dos disposi-

Ocupantes israelitas isolam o Sul do Líbano do resto do país

As tropas de ocupação israelitas isolaram hoje o Sul do Líbano do resto do país, enquanto próximo de Beirute combates entre drusos e cristãos causaram as primeiras vítimas civis desde que um cessar-fogo entrou em vigor em Julho passado.

Soldados israelitas começaram a implementar medidas que impedem o trânsito de e para o Sul do Líbano, isolando virtualmente aquela zona do resto do país — noticiou a Rádio Oficial de Beirute.

As autoridades judaicas explicaram a sua decisão como uma tentativa para travar o fluxo de armas e os fornecimentos aos guerrilheiros que combatem as tropas de ocupação.

O jornal oficial de Damasco «Baath» advertiu que «a Síria combaterá com o Líbano pela libertação do Sul, uma vez que os interesses de ambos os países são iguais». Soldados sírios e is-

raelitas enfrentam-se mutuamente no Sul do Líbano.

O exército israelita indicou que o encerramento durante dois dias do cruzamento de Bateer, a principal ligação entre Beirute e o Sul do Líbano, servirá para construir novas instalações para melhores operações de segurança.

Entretanto, nos montes a Sul de Beirute, sete civis ficaram feridos depois de seis horas de violentos confrontos entre guerrilheiros drusos e cristãos.

Durante o tiroteio, várias granadas explodiram em quatro subúrbios a Oriente de Beirute e quatro rockets caíram junto do palácio do presiden Amin Gemayel.

Os rockets destruíram um carro estacionado mas não causaram vítimas. No entanto, na frente drusa, seis membros de uma família e um trabalhador do Sri Lanka ficaram feridos.

Estes combates, que envolve-

ram tanques e morteiros, foram os mais violentos desde que um plano de segurança, apoiado pela Síria, estabeleceu um cessar-fogo em 4 de Julho último.

Métodos nazis

O primeiro-ministro libanês, Rachid Karamé, acusou Israel de práticas «desumanas, para não dizer fascistas e nazis, nas zonas ocupadas».

Karamé referia-se à decisão israelita de reduzir até à proibição total, a partir de 29 de Agosto, a circulação de veículos privados entre o Sul, que ocupa, e o resto do país.

As declarações do primeiro-ministro fazem prever que o governo libanês aprove na sua reunião de quarta-feira a apresentação de uma queixa formal contra Israel no Conselho de Segurança das Nações Unidas, ainda esta semana.

O ministro libanês da Justiça e de Estado para o Sul do país, Nabib Berri, chefe do Movimento Político-Militar chiita Amal, replicou que a intenção dos israelitas é converter o Sul do Líbano numa nova Cisjordânia (região jordana ocupada por Israel há 18 anos).

Nabib Berri acusou os israelitas de estarem a desviar o curso de dois pequenos rios do país em benefício de Israel.

Berri apelou aos libaneses residentes no Sul para que resistam à ocupação israelita e pediu aos seus partidários para que diariamente desfilassem pelo menos três ataques contra as forças ocupantes.

Informações procedentes do Sul do Líbano referem que a Resistência Nacional Libanesa está a aumentar o número e a eficácia dos seus ataques contra as forças israelitas e parece actuar de uma forma mais coordenada e activa.

Filipinas

Manifestações por Aquino

Centenas de manifestantes apanharam a Polícia de surpresa, ontem de manhã, quando se concentraram frente à sede da Polícia de Manila para protestar contra o uso de gases lacrimogéneos sobre manifestações não autorizadas.

Um porta-voz da Polícia disse que a manifestação matinal deixou a corporação completamente desprevenida e sem possibilidade de organizar a sua força de dispersão de multidões.

Trata-se evidentemente de uma violação de um acordo prévio segundo o qual os manifestantes deveriam informar as autoridades de quaisquer manifestações planeadas de forma a poderem tomar-se as precauções necessárias à sua defesa, acrescentou o porta-voz.

Boca calada

O presidente norte-americano, Ronald Reagan, disse domingo a jornalistas que ninguém teria ficado preocupado se a Imprensa tivesse ficado de boca calada.

Reagan foi instado a comentar a afirmação do candidato presidencial democrático, Walter Mondale, que disse ter ficado o mundo assustado com a piada do presidente.

«É realmente engraçado», respondeu Reagan, «se a Imprensa tivesse ficado de boca calada ninguém teria sabido que eu tinha dito aquilo».

A piada foi feita há uma semana por Reagan durante um teste de microfone antes da leitura da sua mensagem semanal pela Rádio. O presidente disse que tinha assinado leis que ilegalizavam a União Soviética e acrescentou: «Começamos a bombardear dentro de cinco minutos».

Testemunhas disseram que os manifestantes, membros do Movimento 21 de Agosto — data do assassinato do dirigente da oposição filipino Benigno Aquino, no ano passado — gritaram palavras de ordem antigovernamentais durante alguns minutos e afastaram-se depois para um parque vizinho onde dispersaram.

A manifestação vem na sequência de uma série de acções de rua nos últimos dias da iniciativa de seguidores de Aquino.

A oposição convocou para amanhã uma marcha sobre Manila a partir do aeroporto, onde há um ano Aquino foi assassinado, quando regressava do exílio voluntário nos Estados Unidos.

Esta manifestação já foi autorizada pelo Supremo Tribunal.

Enquanto isto, as autoridades do aeroporto internacional de Manila retiveram por alegados motivos aduaneiros, uma estátua de Benigno Aquino.

A estátua, obra em bronze do artista filipino Tomas Concepcion, residente em Roma, iria ser descerrada amanhã, na cerimónia inserida nas manifestações que a oposição ao regime de Ferdinand Marcos organizou para comemorar o primeiro aniversário da morte de Aquino.

Fontes do aeroporto, citadas pela agência estatal filipina de notícias, afirmam que a estátua não será entregue aos seus destinatários enquanto não se determinar se é necessário efectuar o pagamento de direitos ou se basta para o efeito um certificado de importação.

Em pessoas predispostas

Radiações de microndas aceleram o cancro

As pessoas que estão sujeitas durante muito tempo a radiações de microndas de baixa intensidade poderão ter complicações glandulares e ser mais atreitas a doenças cancerosas — revela uma publicação especializada norte-americana.

Animais de laboratório que foram sistematicamente submetidos a microndas de baixa intensidade apresentaram alterações glandulares e contraíram mais facilmente doenças cancerosas — este o resultado de um estudo encomendado pela Força Aérea norte-americana e que está a preocupar os cientistas.

A radiação de microndas é emitida por uma larga variedade de fontes, desde fogões caseiros de microndas a emissões da banda do cidadão, instalações de radar, estações terrestres de satélites, transmissões de televisão, etc.

Os cientistas recordam que as pessoas que trabalham nesses locais queixam-se frequentemente de dores de cabeça, tonturas, perda de memória e cansaço, pensando-se que tal estará relacionado com as radiações de microndas.

Os regulamentos existentes nos Estados Unidos obrigam a que os fogos de microndas não emitam radiações superiores a mil microwatts por centímetro quadrado, medidos a uma distância de cinco centímetros quadrado, da superfície exterior do fogão.

O estudo encomendado pela Força Aérea norte-americana foi levado a cabo por uma equipa da Universidade de Washington, em Seattle.

Os cientistas submeteram cobaias a radiações de microndas com uma intensidade de 480 microwatts por centímetro quadrado, por um período de 25 meses.

Dos 100 ratos que foram expostos às radiações 16 contraíram tumores, na sua maior parte no sistema endócrino. O aparecimento de doenças cancerosas em outros 100 animais não submetidos às radiações foi muito menos (apenas quatro casos).

Segundo um dos cientistas, a radiação por microndas não provoca o cancro mas «desenvolve rapidamente os tumores quando existem células cancerosas».

Acordo para a retirada

O Partido Trabalhista e a coligação «Likud» chegaram a um acordo com vista ao estabelecimento de uma acção comum para a retirada das tropas israelitas que ocupam parte do Líbano.

No entanto, os dois partidos — que constituem os principais movimentos políticos de Israel — mantêm as suas discordâncias acerca da política de implantação de colonatos judeus nos territórios árabes ocupados e da forma de conseguir uma paz duradoura no Médio Oriente.

O acordo quanto à retirada de Israel do Líbano foi conseguido durante as conversações destinadas à formação de um governo de união nacional.

OLP em reunião

Representantes das cinco principais facções da OLP concordaram em realizar em Setembro uma reunião do Conselho Nacional Palestino, precedida por um encontro entre Arafat e os chefes das outras facções da Organização.

Uma declaração divulgada no final de uma reunião de dois dias entre dirigentes de Fatah, a maior facção da Organização de Libertação da Palestina, e os quatro membros da Aliança Democrática, apoiada pela Síria, afirma ter sido obtido acordo em sete assuntos.

Um deles foi a decisão de realizar antes de 15 de Setembro, em Argel, uma reunião do Conselho Nacional Palestino, que o grupo de guerrilha considera o seu parlamento no exílio.

Manifestações e atentados no País Basco

Dois mil manifestantes desfilaram na cidade basca de San Sebastian na noite de sábado, empunhando tochas, em protesto contra a intenção francesa de extraditar guerrilheiros separatistas bascos para Espanha.

Os manifestantes clamaram contra a atitude da Polícia e entoaram palavras de ordem de apoio ao grupo guerrilheiro separatista ETA.

Em, Bilbao, a Polícia de Choque dispersou um grupo de jovens que atiravam pedras contra funcionários que tentavam has-tear a bandeira basca espanhola, durante uma festa local.

Numa entrevista concedida à televisão no sábado, o vice-primeiro-ministro Alfonso Guerra criticou o governo autônomo bas-

co por ter pedido à França que não extraditasse para Espanha quatro presumíveis membros da ETA.

Um tribunal francês recomendou tal atitude ao governo francês o que originou uma onda de ataques bombistas contra empresas e viaturas francesas em Espanha.

Também dois guardas civis e uma rapariga de nove anos ficaram feridos domingo à noite, quando dois presumíveis guerrilheiros bascos lançaram uma granada antiataque contra uma esquadra em Las Arenas.

A rapariga foi hospitalizada em estado grave, mas a situação dos guardas civis não é de perigo. Anteriormente, num outro ata-

que, também no domingo, duas pessoas ficaram feridas quando uma bomba explodiu próximo da cidade de Bilbao, no País Basco.

de atentado”

trar» na região.

Em chamada telefónica para a agência noticiosa francesa France Presse, um elemento anónimo do M-5 ameaçou com futuras «acções ainda mais sangrentas no caso de o governo francês se negar a pagar um resgate de 30

milhões de francos (cerca de 510 mil contos).

Esta exigência foi acompanhada de considerações pseudopolíticas quando a voz pretendeu representar uma minoria de gente que pensa que o actual governo conduz a França à ruína.

ARMÁRIOS ESTANTES ROUPEIROS

EXECUTAMOS TODOS
MODELOS E MEDIDAS

MÓVEIS JORGE

Avenida Almirante Reis, 35
(defronte à Igreja dos Anjos)



DESPORTO

Em Moscovo

Oito mil atletas nos 'Jogos da Amizade'

Alguns dos principais dirigentes soviéticos assistiram ontem em Moscovo à abertura dos «Jogos da Amizade», réplica socialista aos Jogos Olímpicos.

Os membros do Politburo Mikhail Gorbachev, Dmitri Ustinov, Vital Vorotnikov, Grigory Romanov e Viktor Grishin aplaudiram mais de oito mil desportistas que desfilarão no Estádio Olímpico de Moscovo.

O quadro electrónico gigante mostrava as palavras «Desporto, Amizade, Paz», enquanto a multidão que enchia o Estádio escutava de pé o hino nacional soviético e um atleta acendia a pira olímpica de 1980.

Embora a cerimónia só ontem tenha aberto os Jogos, já na sexta-feira houve provas de atletismo masculino, em que os desportistas da RDA mostraram a sua superioridade relativamente aos vencedores olímpicos de Los Angeles nos lançamentos mas falharam na pista.

O número oficial de países participantes foi de 29. Os jogos incluem competições de atletismo, ciclismo, natação, remo, vela, basquetebol, hóquei em campo e tiro.

Alguns resultados

Atletismo: Estafeta 4x400m:

URSS 3.00,16m; 5000m: Iegor Ignatov (Bulgária), 13.26,35 m; Maratona: Nedy Deredje (Etiópia), 2h10m31s; Decatlo: Grigori Degtiarov (URSS), 8523 pontos.

Hóquei em Campo: URSS (equipa B) — Cuba, 5-0; Polónia-RDA, 2-2; Zimbabwe e Finlândia, 1-0; URSS (equipa A) — Afeganistão, 13-0.

Natação: 100 m livres femininos: Kristine Otto (RDA), 55,55; 100 m bruços masculinos: Dimitri Volkov (URSS), 1.03,72 m; 400 m estilos femininos: Elena Denderova (URSS), 4.43,78 m; 200 m livres masculinos — Sven Lodzevskii (RDA), 1.49,83 m.

Ciclismo

Acácio Silva triunfa em Itália

O português Acácio Silva venceu uma das mais importantes provas clássicas de ciclismo do calendário italiano, a «Coppa Placci», à média de 40,220 quilómetros/hora. O emigrante português percorreu os 244 quilómetros da prova entre Imola e Cattolica em 6.04.44 horas impondo-se aos seus mais directos adversários.

A prova que decorreu praticamente toda em pelotão acabou por ter a vitória decidida ao «sprint». O italiano Vittorio Algeri classificou-se na 2.ª posição com o mesmo tempo do português Acácio Silva. Franco Chioccioli, Itália, ficou em 3.º lugar com mais 16 segundos que o vencedor. Mário Beccia, chefe de fila da equipa de Acácio Silva, (Malvor Bottechia) obteve a 7.ª posição com o mesmo tempo do terceiro classificado.

Inatel vence circuito de Gaston Reiff

O Inatel conquistou o primeiro lugar por equipas no 6.º Circuito Internacional de Atletismo de Gaston Reiff.

A prova, 30 quilómetros marcha, foi ganha pelo belga Alain de Boeck, com 1 hora 37 minutos e 37 segundos, com o primeiro português, António Monteiro, na 6.ª posição com 1 hora 45 minutos e 12 segundos. Francisco

Granito foi sétimo (1.45,15) e José Mestre classificou-se na nona posição (1.46,13).

Por equipas venceu o Inatel com 22 pontos, seguido do Brighton (Inglaterra) com 30 pontos.

Participaram, nesta prova 500 atletas de sete países.

Terminou ontem a volta à Bélgica

O belga Eddy Planckaert, ao ganhar ontem ao sprint a última etapa da Volta à Bélgica, em bicicleta, sagrou-se vencedor da prova.

Planckaert percorreu os 182 quilómetros da última etapa em 4.33.49 minutos (com bonificação), seguido do seu compatriota Benny Van Brabant, com 4.33.59 e de Marc Sergeant, com 4.34.04.

Classificação na etapa: 1.º Eddy Planckaert, Bélgica, 4 horas 33.49 minutos; 2.º Benny Van Brabant, Bélgica, 4.33.59; 3.º Marc Sergeant, Bélgica, 4.34.04; 4.º Ivan Lamotte, Bélgica, 4.34.09 e 5.º Ludwig Wijnants, Bélgica, MT

Classificação final: 1.º Eddy Planckaert, 22 horas, 22.51 minutos; 2.º Marc Sergeant, 22.23.06; 3.º Ronny Van Houten, Bélgica, 22.23.42; 4.º Teun Van Vliet, Holanda, 22.23.55 e 5.º Jean-Luc Vandenbroucke, Bélgica, 22.23.58.

Canoagem — equipa feminina

Náutico de Crestuma vence troféu em Espanha

A equipa portuguesa do Clube Náutico de Crestuma (CNC) ganhou a prova feminina do troféu «Príncipe das Astúrias» em canoagem (Kayak-4), disputado em Pontevedra, Norte de Espanha.

A tripulação vencedora (Luzia Azevedo, Adélia Barbosa, Manuela Guedes e Eugénia Barbosa) bateu as espanholas do Gorillas de Candas e Valladolid. Na edição de 1983, a embar-

cação tripulada pelas atletas do CNC conseguiu o segundo lugar, atrás das canoístas do Gorillas de Candas, vencedoras em três anos sucessivos.

Neste troféu, prova anual que se realiza em honra do «Príncipe Herdeiro» de Espanha, participaram, além de Portugal e Espanha, a Suécia, Hungria, Alemanha Federal, Austrália, França, Dinamarca, Venezuela, Cuba, Holanda e Irlanda.

Basquetebol

Mundial de clubes terá sete participantes

Sete equipas disputarão o campeonato mundial de clubes de basquetebol que se realiza entre 18 e 23 de Setembro, em São Paulo, anunciou a organização.

O campeonato que pela quarta vez se realiza contará com a presença de clubes europeus e americanos. Da Europa irão o Banco Rama de Itália, campeão europeu de clubes e o vice-campeão, o

Barcelona, de Espanha.

Do continente americano estarão presentes o Obras Sanitarias, da Argentina, o campeão de Porto Rico, (Bayamo), o vencedor do campeonato sul-americano que, proximamente se realiza na Bolívia e uma equipa universitária norte-americana ainda não escolhida.

CHIMENE

LIQUIDAÇÃO TOTAL ATÉ 31/8

A SEGUIR VAMOS PARA OBRAS

FATOS PARA HOMEM	a partir de	4.650\$00
CASACOS SPORT	" " "	2.500\$00
CALÇAS		850\$00
CAMISAS	a partir de	450\$00

RESTOS DE COLECÇÕES EM ARTIGOS DE SENHORA

A PREÇOS EXCEPCIONAIS

RUA DA PRATA, 215/217 — LISBOA

S.T.O.P.

SALDOS ESPECTACULARES

FATOS PARA HOMEM	a partir de	4.650\$00
CASACOS SPORT	" " "	2.500\$00
CALÇAS	" " "	850\$00
CAMISAS	" " "	795\$00
BLUSÕES		1.650\$00

RESTOS DE COLECÇÕES EM ARTIGOS DE SENHORA

A PREÇOS EXCEPCIONAIS

RUA DO OURO, 260/4 — LISBOA

CARTÃO

RAIL EUROP SENIOR A EUROPA NA MÃO!



A Senhora já tem 60 anos de idade?

E o Senhor, já completou os 65?

Nesse caso, muitos Parabéns.

Porque, agora, basta-lhe adquirir o novo Cartão Dourado para obter o cartão "Rail Europ Senior"...

e partir em viagem por essa Europa fora, a preços muito, muito acessíveis. Basta dizer que o Cartão "RES" abrange 19 países europeus e as suas reduções vão até 50%!

Informe-se já na Estação mais próxima. Aproveite o Cartão "RES" para ter a Europa na sua mão...
...e Boa Viagem!

VIAJE A PREÇOS REDUZIDOS
ADQUIRA JÁ O SEU CARTÃO "RES"



Comboio, a opção inteligente

DESPORTO

Futebol

Em Espanha: Belenenses vence torneio

O Belenenses foi o vencedor do sexto Troféu «Cidade de Marbella» ao derrotar o Castilla por 4-2 num jogo disputado no Estádio Municipal de Marbella perante 5000 espectadores.

Ao intervalo, o Belenenses vencia por 3-0. Os golos da equipa portuguesa foram marcados por: Djão aos 25 minutos (de «penalty»), aos 44 minutos e aos 45. Aos 47 minutos seria a vez de Dudu concretizar o quarto golo do desafio. Os dois golos do Castilla foram marcados por Galvez, aos 64 e aos 71 minutos, ambos de «penalty».

As equipas alinharam: Castilla: Alia; Juanito, Bolos (Gay, ao intervalo), Perez, Dura, Martos, José Manuel (Galvez aos 73 minutos), Pombo, Sanchez, Candil (Ortiz 63 minutos), Martin e Julia e de Las Heras.

Belenenses: Melo; Pereirinha, J. António, Ronnie (Joel aos 75 minutos), Artur e Bastos Lopes; Dudu, Norton, Rúben, Jorge e Djão.

Árbitro: Alvarez Marguenda (Espanha).

O juiz espanhol expulsou Artur (ao segundo cartão amarelo) e também ordenou a saída do banco do treinador da equipa portuguesa.

Mostrou ainda cartão amarelo a Rúben, Pereirinha e Joel.

A equipa portuguesa foi superior a um Castilla desorientado que, após ter sofrido o primeiro golo de «penalty», perdeu o controlo do jogo e cedeu por completo a iniciativa que até ao momento havia mantido.

Os portugueses, mais ordenados no meio-campo, souberam aproveitar-se da desorientação de Castilla para assegurar a vitória nos últimos minutos do primeiro tempo.

Na segunda metade, os espanhóis reagiram obstinadamente, porém sem resultados palpáveis já que os jogadores portugueses souberam fechar muito bem as suas linhas defensivas. Todavia, o Castilla conseguiu diminuir a vantagem com dois golos (ambos de «penalty») mas nunca esteve próximo de pôr em causa a vitória do Belenenses.

Benfica empata em Setúbal...

Vitória de Setúbal e Benfica jogaram sábado à noite no Bonfim uma partida particular de futebol que terminou sem golos, apesar de várias ocasiões. Integrado na transferência da defesa Nunes para a equipa campeã nacional, o jogo ficou sem este jogador logo aos seis minutos, por lesão aparentemente ligeira.

Houve domínio repartido, com o Benfica mais aguerido na primeira parte, o Vitória na primeira meia hora do período complementar a ser superior e os campeões a voltarem a estar na «mó de cima» no quarto de hora final. Como jogadas de maior realce destacaram-se um remate excelente de Manniche, aos 33 minutos, a fazer a bola sair junto ao canto superior esquerdo da baliza vitoriana, para o Benfica, e um tiro de Jorge Plácido no início da segunda parte, com Álvaro a afastar quando o esférico ia entrar. Aos 40 minutos, o mesmo Álvaro afastou Roçadas, com este isolado, dentro da área, deixando alguma ideia de irregularidade.

O técnico húngaro do Benfica, Pal Csernai, chegou sexta-feira a Lisboa, presenciou o encontro.

Sob a arbitragem de Heliodoro Saraiva (Setúbal) alinharam:VI-



No Bonfim, os benfiquistas atacaram mas não venceram, nem convenceram

tória: Jorge: Mota, Vicente, Artur e Sobrinho: Barrinha (Vitor Manuel 65), Freire (Hernâni 87), Vitorinha (Edmundo 82) e Roçadas (Aparício 60); Nascimento (Cerdeira 28) e Jorge Plácido (César 60).

Benfica: Bento (Silvino 45); Veloso, Nunes (Oliveira 6), Bastos Lopes e Álvaro: Carlos Manuel, Sheu, Manniche e José Luís: Wando (Padinha 45) e Diamantino (Nené 45).

... E em Bragança

O Bragança, impôs ao Benfica um empate 1-1, em jogo de carácter particular, presenciado no Estádio Municipal por cerca de dez mil pessoas.

A equipa bragantina foi a primeira a marcar, num forte remate cruzado de Óscar, aos 19 minutos. O golo foi o corolário da melhor equipa no terreno até essa altura, merecedor de jogadas plenas de garra e da habilidade de Fernando, Beck e Sena.

Os campeões de Portugal reagiram e equilibraram a partida, mas o intervalo chegou com os visitados a ganhar por 1-0. Os dois meios-campos sobressaíram e as defesas impunham-se claramente aos atacantes, daí que não fosse marcado mais qualquer golo nos primeiros 45 minutos.

Mercê da sua melhor condição física e classe, o Benfica dominou no segundo tempo, mas não foi além do tento da igualdade aos 54 minutos, num remate de cabeça de Oliveira, na sequência de centro de Jorge Silva.

O troféu em disputa, (Taça Grupo Desportivo de Bragança), de valor superior a 220 mil escudos, foi entregue a Carlos Pereira, do Benfica, no final do excelente desafio que foi arbitrado por Luís Silva, tendo as equipas alinhado assim:

Sob a arbitragem de Luís Silva (Bragança) as equipas alinharam: **Bragança:** Cancelinha; Cunha, Ilídio, Chicão e Bernardo; Eusébio, Beck, Teixeira I e Óscar; Sena e Pinto. Alinharam ainda: Rui Luís, Lopes, Beto, Teixeira II e Parente.

Benfica: Neno; Carlos Pereira, Samuel, Oliveira e Álvaro; Nivaldo, Tozé, Padinha e Wando; Nené e Jorge Silva. Delgado e Diamantino foram também utilizados.

Em dia de festa Porto vence Espinho

O FC Porto venceu merecidamente o Sporting de Espinho, por 2-0, em encontro amigável de futebol, a marcar a inauguração da nova bancada do campo dos espinhenses.

Os portistas, com uma primeira meia hora de grande nível,

fizeram o resultado nesse período, com golos de Quinito (4 minutos) e Vermelhinho (21).

A equipa de Artur Jorge, em que Quinito se destacou sobremaneira, abrandou depois e limitou-se até final do desafio a controlar as operações.

O Espinho, apenas com treze dias de preparação, melhorou na segunda parte, actuando com mais rapidez, mas não foi suficiente para dar a volta à partida e surpreender o seu categorizado adversário.

Sob a arbitragem de Vitorino Gonçalves (Aveiro), as equipas alinharam:

Espinho: Rui; Serra, Eliseu (Jaime), Freitas e Raul; Mário Jorge (João Carlos), Carvalho, De La Rosa e Dário (David); Oliveira (Abel) e N'habola.

FC Porto: Zé Beto (Borota); João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio (Eduardo Luís); Frasco (Ademar), Quinito e Quim; Vermelhinho, Gomes e Jacques.

Taça da Póvoa para o Braga

Um golo solitário de Vitor Santos, aos cinco minutos, deu ao Sporting de Braga o triunfo (1-0) sobre o Guimarães, na final da Taça Cidade da Póvoa de Varzim.

Vitória merecida dos bracaraenses, num mau jogo em que imperou a violência, culminada com a expulsão, aos 25 minutos, de Jorge Machado (Guimarães) e Artur (Braga).

Sob a arbitragem de Amorim Silva (Porto), as equipas alinharam:

Braga: Hélder; Artur, Nelito, Dito e Vitor Santos; Quim Alberto, Zinho e Serra; Reinaldo (Festas, 60), Jorge Gomes e Fontes.

Guimarães: Jesus; Costeado, Valério, Teixeira e Laureta (Sérgio, 62); Miguel, Soeiro e Jorge Machado; Gregório, Paulo

TOTO BOLA

jogue conosco

1. Vizela - Benfica	 2
2. Porto - Rio Ave	 1
3. Sporting - Guimarães	 1
4. Braga - Boavista	 X
5. Belenenses - Setúbal	 1
6. Penafiel - Académica	 1
7. Varzim - Farense	 X
8. Portim. - Salgueiros	 1
9. Arsenal - Chelsea	 1
10. Everton - Tottenham	 2
11. Norwich - Liverpool	 X
12. Sheffield - Nottingham	 X
13. Sunderland - Southam.	 X

Futebol internacional

Chalana e mais trinta e três

Fernando Chalana é um dos 34 futebolistas estrangeiros que na temporada de 1984/85 militam nos vinte clubes da primeira divisão do futebol francês.

Os argentinos, com sete jogadores, e os jugoslavos, com seis, são os países em maior número, vindo depois polacos e alemães federais com quatro futebolistas. Do Uruguai vieram três jogadores, enquanto argelinos e dinamarqueses são dois. Tal como Chalana, representantes únicos dos seus países são um espanhol, um escocês, um austríaco, um norueguês e um húngaro.

Cada equipa pode apresentar dois futebolistas de nacionalida-

des de ascendência portuguesa, tais como Venâncio Ramos (Lens), Daniel Bravo e Carlos Lopes (Mónaco), Daniel Alberto (Ruão), José Souto (Estrasburgo) e Omar da Fonseca (Tours).

Em Angola Inter vence Mambroa

O Inter de Luanda igualou o Mambroa do Huambo no topo da classificação do campeonato angolano de futebol, ao vencê-lo ontem, no seu campo, por 2-1.

Os dois clubes partilham a liderança com o 1.º de Maio de Benguela, vencedor do TAAG, no campo deste, por 2-0, totalizando os três, 23 pontos.

Outros resultados da décima-oitava jornada: Desportivo de Benguela-Petro do Huambo, 1-3; Primeiro de Agosto-Petro de Luanda, 0-1; Progresso do Sambizanga-Ferroviário de Huila, 1-2 e Sagrada Esperança-Nacional de Benguela, 4-0.

Everton fica com «Charity Cup»

O Everton venceu por 1-0 o Liverpool, em Wembley, conquistando o «Charity Cup», troféu que tradicionalmente abre a temporada futebolística inglesa.

O guarda-redes do Liverpool, Bruce Grobbelaar, foi o responsável pelo único golo da partida, ao introduzir a bola nas suas próprias redes, aos 56 minutos.

A «Charity Cup» envolve o vencedor do campeonato (Liverpool) e o da Taça (Everton).

Uma assistência recorde de 100 mil pessoas presenciou a partida.

Na Escócia: Aberdeen no comando

Resultados da segunda jornada do campeonato escocês de futebol, divisão de honra, ontem disputada: Celtic-Dundee United, 1-1; Dumbarton-Rangers, 1-2; Dundee-Hibernian, 0-1; Hearts-Morton, 1-2; St. Mirren-Aberdeen, 0-2.

Aberdeen e Morton comandam a classificação com 4 pontos.

Na RDA começou o campeonato

O Dinamo de Dresden e o FC Magdeburgo iniciaram o campeonato da RDA de futebol com go-leadas, uma delas pouco habitual na modalidade.

O Dinamo de Dresden venceu o Chemie Leipzig por 9-1 enquanto o Magdeburgo foi ganhar fora ao Stahl Brandenburg por 5-1.

Resultados da primeira jornada: Dinamo Dresden-Chemie Leipzig, 9-1; Karl-Marx-Stadt-Wismut Aue, 1-2; Motor Suhl-Vorwärts-Frankfurt, 0-1; Hansa Rostock-Rot-Weiss Erfurt, 1-1; Lokomotiv Leipzig-Stahl Riesa, 4-0; Dinamo Berlin-Jena, 2-0 e Stahl Brandenburg-Magdeburg, 1-5.

Em algumas equipas da primeira linha do futebol gaulês encontram-se ainda diversos futebolis-

tas de ascendência portuguesa, tais como Venâncio Ramos (Lens), Daniel Bravo e Carlos Lopes (Mónaco), Daniel Alberto (Ruão), José Souto (Estrasburgo) e Omar da Fonseca (Tours).

Os argentinos, com sete jogadores, e os jugoslavos, com seis, são os países em maior número, vindo depois polacos e alemães federais com quatro futebolistas.

Do Uruguai vieram três jogadores, enquanto argelinos e dinamarqueses são dois. Tal como Chalana, representantes únicos dos seus países são um espanhol, um escocês, um austríaco, um norueguês e um húngaro.

Cada equipa pode apresentar dois futebolistas de nacionalida-

des de ascendência portuguesa, tais como Venâncio Ramos (Lens), Daniel Bravo e Carlos Lopes (Mónaco), Daniel Alberto (Ruão), José Souto (Estrasburgo) e Omar da Fonseca (Tours).

Em Angola Inter vence Mambroa

O Inter de Luanda igualou o Mambroa do Huambo no topo da classificação do campeonato angolano de futebol, ao vencê-lo ontem, no seu campo, por 2-1.

Os dois clubes partilham a liderança com o 1.º de Maio de Benguela, vencedor do TAAG, no campo deste, por 2-0, totalizando os três, 23 pontos.

Outros resultados da décima-oitava jornada: Desportivo de Benguela-Petro do Huambo, 1-3; Primeiro de Agosto-Petro de Luanda, 0-1; Progresso do Sambizanga-Ferroviário de Huila, 1-2 e Sagrada Esperança-Nacional de Benguela, 4-0.

Everton fica com «Charity Cup»

O Everton venceu por 1-0 o Liverpool, em Wembley, conquistando o «Charity Cup», troféu que tradicionalmente abre a temporada futebolística inglesa.

O guarda-redes do Liverpool, Bruce Grobbelaar, foi o responsável pelo único golo da partida, ao introduzir a bola nas suas próprias redes, aos 56 minutos.

A «Charity Cup» envolve o vencedor do campeonato (Liverpool) e o da Taça (Everton).

Uma assistência recorde de 100 mil pessoas presenciou a partida.

Na Escócia: Aberdeen no comando

Resultados da segunda jornada do campeonato escocês de futebol, divisão de honra, ontem disputada: Celtic-Dundee United, 1-1; Dumbarton-Rangers, 1-2; Dundee-Hibernian, 0-1; Hearts-Morton, 1-2; St. Mirren-Aberdeen, 0-2.

Aberdeen e Morton comandam a classificação com 4 pontos.

Na RDA começou o campeonato

O Dinamo de Dresden e o FC Magdeburgo iniciaram o campeonato da RDA de futebol com go-leadas, uma delas pouco habitual na modalidade.

O Dinamo de Dresden venceu o Chemie Leipzig por 9-1 enquanto o Magdeburgo foi ganhar fora ao Stahl Brandenburg por 5-1.

Resultados da primeira jornada: Dinamo Dresden-Chemie Leipzig, 9-1; Karl-Marx-Stadt-Wismut Aue, 1-2; Motor Suhl-Vorwärts-Frankfurt, 0-1; Hansa Rostock-Rot-Weiss Erfurt, 1-1; Lokomotiv Leipzig-Stahl Riesa, 4-0; Dinamo Berlin-Jena, 2-0 e Stahl Brandenburg-Magdeburg, 1-5.

Em algumas equipas da primeira linha do futebol gaulês encontram-se ainda diversos futebolis-

tas de ascendência portuguesa, tais como Venâncio Ramos (Lens), Daniel Bravo e Carlos Lopes (Mónaco), Daniel Alberto (Ruão), José Souto (Estrasburgo) e Omar da Fonseca (Tours).

Os argentinos, com sete jogadores, e os jugoslavos, com seis, são os países em maior número, vindo depois polacos e alemães federais com quatro futebolistas.

Do Uruguai vieram três jogadores, enquanto argelinos e dinamarqueses são dois. Tal como Chalana, representantes únicos dos seus países são um espanhol, um escocês, um austríaco, um norueguês e um húngaro.

Cada equipa pode apresentar dois futebolistas de nacionalida-

des de ascendência portuguesa, tais como Venâncio Ramos (Lens), Daniel Bravo e Carlos Lopes (Mónaco), Daniel Alberto (Ruão), José Souto (Estrasburgo) e Omar da Fonseca (Tours).

Em Angola Inter vence Mambroa

O Inter de Luanda igualou o Mambroa do Huambo no topo da classificação do campeonato angolano de futebol, ao vencê-lo ontem, no seu campo, por 2-1.

Os dois clubes partilham a liderança com o 1.º de Maio de Benguela, vencedor do TAAG, no campo deste, por 2-0, totalizando os três, 23 pontos.

Outros resultados da décima-oitava jornada: Desportivo de Benguela-Petro do Huambo, 1-3; Primeiro de Agosto-Petro de Luanda, 0-1; Progresso do Sambizanga-Ferroviário de Huila, 1-2 e Sagrada Esperança-Nacional de Benguela, 4-0.

Everton fica com «Charity Cup»

O Everton venceu por 1-0 o Liverpool, em Wembley, conquistando o «Charity Cup», troféu que tradicionalmente abre a temporada futebolística inglesa.

O guarda-redes do Liverpool, Bruce Grobbelaar, foi o responsável pelo único golo da partida, ao introduzir a bola nas suas próprias redes, aos 56 minutos.

A «Charity Cup» envolve o vencedor do campeonato (Liverpool) e o da Taça (Everton).

Uma assistência recorde de 100 mil pessoas presenciou a partida.

Na Escócia: Aberdeen no comando

Resultados da segunda jornada do campeonato escocês de futebol, divisão de honra, ontem disputada: Celtic-Dundee United, 1-1; Dumbarton-Rangers, 1-2; Dundee-Hibernian, 0-1; Hearts-Morton, 1-2; St. Mirren-Aberdeen, 0-2.

Aberdeen e Morton comandam a classificação com 4 pontos.

Na RDA começou o campeonato

O Dinamo de Dresden e o FC Magdeburgo iniciaram o campeonato da RDA de futebol com go-leadas, uma delas pouco habitual na modalidade.

O Dinamo de Dresden venceu o Chemie Leipzig por 9-1 enquanto o Magdeburgo foi ganhar fora ao Stahl Brandenburg por 5-1.

Resultados da primeira jornada: Dinamo Dresden-Chemie Leipzig, 9-1; Karl-Marx-Stadt-Wismut Aue, 1-2; Motor Suhl-Vorwärts-Frankfurt, 0-1; Hansa Rostock-Rot-Weiss Erfurt, 1-1; Lokomotiv Leipzig-Stahl Riesa, 4-0; Dinamo Berlin-Jena, 2-0 e Stahl Brandenburg-Magdeburg, 1-5.

Em algumas equipas da primeira linha do futebol gaulês encontram-se ainda diversos futebolis-

tas de ascendência portuguesa, tais como Venâncio Ramos (Lens), Daniel Bravo e Carlos Lopes (Mónaco), Daniel Alberto (Ruão), José Souto (Estrasburgo) e Omar da Fonseca (Tours).

Os argentinos, com sete jogadores, e os jugoslavos, com seis, são os países em maior número, vindo depois polacos e alemães federais com quatro futebolistas.

Do Uruguai vieram três jogadores, enquanto argelinos e dinamarqueses são dois. Tal como Chalana, representantes únicos dos seus países são um espanhol, um escocês, um austríaco, um norueguês e um húngaro.

Cada equipa pode apresentar dois futebolistas de nacionalida-

des de ascendência portuguesa, tais como Venâncio Ramos (Lens), Daniel Bravo e Carlos Lopes (Mónaco), Daniel Alberto (Ruão), José Souto (Estrasburgo) e Omar da Fonseca (Tours).

Em Angola Inter vence Mambroa

O Inter de Luanda igualou o Mambroa do Huambo no topo da classificação do campeonato angolano de futebol, ao vencê-lo ontem, no seu campo, por 2-1.

Os dois clubes partilham a liderança com o 1.º de Maio de Benguela, vencedor do TAAG, no campo deste, por 2-0, totalizando os três, 23 pontos.

Outros resultados da décima-oitava jornada: Desportivo de Benguela-Petro do Huambo, 1-3; Primeiro de Agosto-Petro de Luanda, 0-1; Progresso do Sambizanga-Ferroviário de Huila, 1-2 e Sagrada Esperança-Nacional de Benguela, 4-0.

Everton fica com «Charity Cup»

O Everton venceu por 1-0 o Liverpool, em Wembley, conquistando o «Charity Cup», troféu que tradicionalmente abre a temporada futebolística inglesa.

O guarda-redes do Liverpool, Bruce Grobbelaar, foi o responsável pelo único golo da partida, ao introduzir a bola nas suas próprias redes, aos 56 minutos.

A «Charity Cup» envolve o vencedor do campeonato (Liverpool) e o da Taça (Everton).

Uma assistência recorde de 100 mil pessoas presenciou a partida.

Na Escócia: Aberdeen no comando

Resultados da segunda jornada do campeonato escocês de futebol, divisão de honra, ontem disputada: Celtic-Dundee United, 1-1; Dumbarton-Rangers, 1-2; Dundee-Hibernian, 0-1; Hearts-Morton, 1-2; St. Mirren-Aberdeen, 0-2.

Aberdeen e Morton comandam a classificação com 4 pontos.

Na RDA começou o campeonato

O Dinamo de Dresden e o FC Magdeburgo iniciaram o campeonato da RDA de futebol com go-leadas, uma delas pouco habitual na modalidade.

O Dinamo de Dresden venceu o Chemie Leipzig por 9-1 enquanto o Magdeburgo foi ganhar fora ao Stahl Brandenburg por 5-1.

Resultados da primeira jornada: Dinamo Dresden-Chemie Leipzig, 9-1; Karl-Marx-Stadt-Wismut Aue, 1-2; Motor Suhl-Vorwärts-Frankfurt, 0-1; Hansa Rostock-Rot-Weiss Erfurt, 1-1; Lokomotiv Leipzig-Stahl Riesa, 4-0; Dinamo Berlin-Jena, 2-0 e Stahl Brandenburg-Magdeburg, 1-5.

Em algumas equipas da primeira linha do futebol gaulês encontram-se ainda diversos futebolis-

tas de ascendência portuguesa, tais como Venâncio Ramos (Lens), Daniel Bravo e Carlos Lopes (Mónaco), Daniel Alberto (Ruão), José Souto (Estrasburgo) e Omar da Fonseca (Tours).

Os argentinos, com sete jogadores, e os jugoslavos, com seis, são os países em maior número, vindo depois polacos e alemães federais com quatro futebolistas.

Do Uruguai vieram três jogadores, enquanto argelinos e dinamarqueses são dois. Tal como Chalana, representantes únicos dos seus países são um espanhol, um escocês, um austríaco, um norueguês e um húngaro.

Cada equipa pode apresentar dois futebolistas de nacionalida-

des de ascendência portuguesa, tais como Venâncio Ramos (Lens), Daniel Bravo e Carlos Lopes (Mónaco), Daniel Alberto (Ruão), José Souto (Estrasburgo) e Omar da Fonseca (Tours).

Em Angola Inter vence Mambroa

O Inter de Luanda igualou o Mambroa do Huambo no topo da classificação do campeonato angolano de futebol, ao vencê-lo ontem, no seu campo, por 2-1.

Os dois clubes partilham a liderança com o 1.º de Maio de Benguela, vencedor do TAAG, no campo deste, por 2-0, totalizando os três, 23 pontos.

Outros resultados da décima-oitava jornada: Desportivo de Benguela-Petro do Huambo, 1-3; Primeiro de Agosto-Petro de Luanda, 0-1; Progresso do Sambizanga-Ferroviário de Huila, 1-2 e Sagrada Esperança-Nacional de Benguela, 4-0.

Everton fica com «Charity Cup»

O Everton venceu por 1-0 o Liverpool, em Wembley, conquistando o «Charity Cup», troféu que tradicionalmente abre a temporada futebolística inglesa.

O guarda-redes do Liverpool, Bruce Grobbelaar, foi o responsável pelo único golo da partida, ao introduzir a bola nas suas próprias redes, aos 56 minutos.

A «Charity Cup» envolve o vencedor do campeonato (Liverpool) e o da Taça (Everton).

Uma assistência recorde de 100 mil pessoas presenciou a partida.

Na Escócia: Aberdeen no comando

Resultados da segunda jornada do campeonato escocês de futebol, divisão de honra, ontem disputada: Celtic-Dundee United, 1-1; Dumbarton-Rangers, 1-2; Dundee-Hibernian, 0-1; Hearts-Morton, 1-2; St. Mirren-Aberdeen, 0-2.

Aberdeen e Morton comandam a classificação com 4 pontos.

Na RDA começou o campeonato

O Dinamo de Dresden e o FC Magdeburgo iniciaram o campeonato da RDA de futebol com go-leadas, uma delas pouco habitual na modalidade.

O Dinamo de Dresden venceu o Chemie Leipzig por 9-1 enquanto o Magdeburgo foi ganhar fora ao Stahl Brandenburg por 5-1.

Resultados da primeira jornada: Dinamo Dresden-Chemie Leipzig, 9-1; Karl-Marx-Stadt-Wismut Aue, 1-2; Motor Suhl-Vorwärts-Frankfurt, 0-1; Hansa Rostock-Rot-Weiss Erfurt, 1-1; Lokomotiv Leipzig-Stahl Riesa, 4-0; Dinamo Berlin-Jena, 2-0 e Stahl Brandenburg-Magdeburg, 1-5.

Em algumas equipas da primeira linha do futebol gaulês encontram-se ainda diversos futebolis-

tas de ascendência portuguesa, tais como Venâncio Ramos (Lens), Daniel Bravo e Carlos Lopes (Mónaco), Daniel Alberto (Ruão), José Souto (Estrasburgo) e Omar da Fonseca (Tours).

Os argentinos, com sete jogadores, e os jugoslavos, com seis, são os países em maior número, vindo depois polacos e alemães federais com quatro futebolistas.

Do Uruguai vieram três jogadores, enquanto argelinos e dinamarqueses são dois. Tal como Chalana, representantes únicos dos seus países são um espanhol, um escocês, um austríaco, um norueguês e um húngaro.

Cada equipa pode apresentar dois futebolistas de nacionalida-

des de ascendência portuguesa, tais como Venâncio Ramos (Lens), Daniel Bravo e Carlos Lopes (M

46ª VOLTA A PORTUGAL

Os mais interessados estão dentro do esquema mas, para alguns espectadores tavrinses, poderá ter ficado sem inteira explicação o facto de Marco Chagas, ao entrar na pista para traçar dois quilómetros trazer no tronco uma camisola amarela: é que essa honra, num prólogo de «Volta» é conferida ao corredor presente que se tenha classificado em melhor posição no ano transacto. O chefe de fila sportinguista foi o conquistador da coroa de louros-83: ontem, às 20.35 h, quando deu a pedalada de abertura, tendo como oponente directo outro triunfante voltista (Belmiro Silva) o ciclista com o número um no seu dorsal provou, a quem tivesse qualquer dúvida, que procurava honrar a memória do chefe que partiu em Maio. Marco entrou de amarelo e de amarelo continua. E, a menos que suceda um cataclismo ou que algum imponderável preguie uma rasteira na estrada, o favorito caminha velozmente para o pódio, rodeado por um séquito que certamente o irá defender de ataques mais ou menos coligados que possam aparecer sob diferentes bandeiras.

Desistir antes de partir

De manhã, enquanto se tomava conhecimento de que a família do saudoso Idalino de Freitas resolvera instituir um prémio pecuniário anual e um troféu ao ciclista mais amável para com os jornalistas, ficou também a saber-se que, ainda antes de se apresentarem no risco de partida, já havia desistências. Seis ciclistas tinham preferido ficar em «vale de lençóis»: Manuel Alves e Joaquim Fonseca (Coimbrões/Café Gama), José Henriques (Olanense/Algarve), Fernando Costa, José Pereira e José Sá (da turma que tem como rótulo a dupla Maria José Abreu/Vigaminho). No ar ficaram problemas de índole diversa, digamos até que alguns a proporcionarem cabal explicação nas deficientes condições em que vegeta o ciclismo português, cercado por tremendas limitações ou vogando incaracteristicamente ao sabor de ondas no centro de um furacão. Um exemplo: José Henriques, o rapazinho que há um ano durante largo tempo cingiu ao tronco a camisola amarela, suportando até à Curia esse pesado fardo, acabou por romper a sua ligação com o bloco Olanense porque não via o dinheiro a que se julgava com direito: e terá (até) abalado para casa tomando para a sua posse definitiva um automóvel que estava emprestado por quem assumira a responsabilidade da sua contratação. Negócios ou imbrólios que apenas o tempo poderá ajudar a compreender.

Mas, vá lá que nem tudo dá motivação para tristeza: aparecem sempre voluntários à última hora e, no caso, chamam-se José Barbosa (que vai defender as cores do Centro Ciclista de Loulé e segue integrado no conjunto da Ajacto/Morphy Richards) a António Vitorino (que deseja divulgar o nome do Fazendense e foi incluído na soberania do Olanense/Algarve). Porém, o caso mais pasmoso iria acontecer ao cair da tarde quando Belmiro Ribeiro (Maria José Abreu/Vigaminho) se aprestava para disputar a sua série com António Beirão e este (dorsal que teria o número quarenta) não tuguu nem mugiu. Não apareceu na pista e só depois se saberia que, tendo assinado compromisso com o Paços de Ferreira/Construções Pinto e Mota e com os companheiros estagiado pelo Norte, resolveu a passagem pelo Alentejo ir ver a namorada, que reside em Moura: e, Moura talvez encantada, tal canto de sereia lhe meteu nos ouvidos que o rapaz mandou às urtigas a bicicleta, fez manguitos para o grosso da coluna e deixou-se enfiar pela conversada, que certamente terá entendido que para estafar o moço não era preciso pedir reforços à dureza da estrada. Portanto e para já teremos o beirão esta tarde, em Évora, rindo para os parceiros mas de braço dado com a sua beldade: outros que dêem às canelas que ele já está para ali servido.

ARDAL

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

Patrocina camisola Azul

Agostinho: lembrança

A meia dúzia de metros da entrada da pista de Távira fica agora uma placa evocativa de Joaquim Agostinho. O presidente da câmara municipal (Joaquim Anastácio Fialho) teria, no momento em que se descobria a pedra, palavras de «saúde e justiça» para com o ciclista que morrera de amarelo. E, depois de falar em vultos antigos do ciclismo tavrinses (Jorge Corvo, Sérgio Páscoa, António Graça, Alcides Neto), atiraria ainda uma pedrada no charco, quando disse da impossibilidade de Agostinho ficar perpetuado dentro da pista porque a isso se tinha oposto uma «mentalidade retrógrada e doentamente clu-bista». Quería ele referir-se à teimosia do Ginásio de Távira

que, dono do recinto, não se curvou perante Agostinho. É que existe (realmente) uma mentalidade ultrapassada em certos usufrutuários do dirigismo desportivo e em Távira isso é manifesto a olho nu quando se ouve falar do litígio permanente que os ginastas mantêm com o clube de ciclismo de Távira que, comandado por Brito da Mana e integrando aqueles que se consideram «os verdadeiros amantes do ciclismo na cidade de Távira» alugaram o recinto e, esperando que a receita do «cartão de apresentação» da «Volta» ultrapassasse as quatrocentas notas de mil, tomaram o encargo de organizar uma equipa para estar por aí fora em cima de bicicletas. Sintetizando: existem em Távira dois blocos que fidalgamente pensam de modo diferente mas talvez com a comum paixão pelo

DESPORTO

Marco: a primeira homenagem

ciclismo. Apenas o Ginásio não mantém a sua prática activa, o que o faz perder pontos a favor da companhia rival.

Adiante. Inaugurou-se a placazinha, estavam bombeiros e polícias, umas centenas de curiosos a escutarem palavras bonitas do nosso camarada Serafim Ferreira (jornalista do «JN» que, ao lado de Costa Carvalho, vai brevemente dirigir um diário desportivo denominado «O Jogo»), do dr. Dias Ferreira (vice-presidente do Sporting), do dr. Eduardo Mansinho (figura do ciclismo dos anos 50 e 70 e sócio de mérito da federação) e até um

Neves de Sousa
nosso enviado especial

soneto rubricado por António Chambel (representante federativo na cerimónia) que encaminhou as suas ideias para um confronto com Camões. Agostinho, que teve ontem perto de si uma delegação de Torres Vedras, não estava ali para se envaldecer ou (sabe-se lá?) para se defender de um qualquer despropósito.

Com o sol a pino

Eram dezoito horas quando António Vitorino e José Barbosa, curiosamente os únicos defensores de causas quase ignoradas, deram as primeiras sapatadas nas bicicletas. O sol era inclemente e bronzeava os que, escorrendo litros de suor, estavam por obrigação na pista de Távira.

O fim da primeira dúzia de artistas, o líder era o sportinguista José Xavier que, propagandeando os espumantes da Raposeira cobria as cinco serpentes em redor do pelado em dois minutos e 37 segundos. E a longa luta entre dialogantes binava-se quando Belmiro Silva (Ovarense/Herculano) vencedor voltista em 1978, contava: «Estou com boa disposição e quero fazer o melhor possível mas também ajudarei o colega que necessitar do meu apoio e esteja colocado no primeiro lugar. No princípio da época, os jornalistas só falavam do Sporting e do Lousa: a malta de Ovar era uma enfeitada, nós éramos uns secundários sem qualquer hipótese e eles os reis disto tudo. Agora já começam a fazer a agulha para a gente, porquê?»

O seu técnico (recordam-se ainda de Fernando Mendes?) foi mais comedido, melhor diplomata: «Tenho um pouco de dor por já não andar a correr: mas o meu tempo passou. De qualquer modo, acho que não estava ainda em altura de ser deitado fora do ciclismo: e aqui estou.»

Depois: «Nesta 'Volta' há certamente valores que vão revelar-se, porque me parece que vários candidatos sonham com o triunfo. Tanto uma equipa recheada de potenciais valores: Belmiro, Cunha, o Pinto, o Alves mesmo os Gomes e o Neves, ainda que os três primeiros de que eu falei sejam homens para discutirem esta 'Volta'. Claro que há equipas como o Sporting e o Lousa, até a Vigaminho e o Coimbrões que vão dar muita luta mas isso não significa que a Ovarense fique de asas em baixo.»

Com 56 minutos de espectáculo, o melhor tempo nos dois



Uma cena a que Marco Chagas se habituou

quilómetros pertecia a Fernando Carvalho (Ajacto/Morphy Richards) mas as trutas ainda não tinham entrado no festival. Adelino Teixeira (o homem do Lousa que triunfou em 1977) garantia: «A Ovarense não era favorita e aparece agora cheia de força. E mesmo uma «Volta» a sério porque está cheia de dificuldades e vai exigir muito de nós». E, concluía: «Onde é que já tivemos quatro chegadas em montanhas de primeira categoria?»

Quase ao lusco-fusco

Bem: o Sol tinha mesmo marchado para o jantar e a rapaziada da fotografia já preparava os «flashes» das suas máquinas quando Eduardo Correia (Sporting/Raposeira) se apossou do trono: **Bem dentro, bem dentro**, gritara-lhe o Emídio Pinto ali mesmo nas nossas barbas, a um palmo da meta. E gritaria quando o pupilo Manuel Zeferino deu um banho a Belmiro Silva, com o

ELECTRO HERMES DE ALMADA, LDA.

ELECTRODOMÉSTICOS
Patrocina a camisola Amarela

Emídio: o Pedroto do ciclismo

Há muito quem chame ao técnico sportinguista Emídio Pinto o «Pedroto do ciclismo». Pelo meu lado, entendo que ninguém copia ninguém: cada qual é como nasce e a mais não é obrigado.

Todavia, lá que Emídio Pinto dá um «show» dos diabos quando os seus meninos correm, não existe a mais pequena dúvida e basta recordar como ele gritava, a meio metro das bicicletas que desfilavam em galopada: «**dá tudo, forte, mais forte, mais, mais ainda que isto já está a acabar**». Era um vozear que só visto, algumas vezes secundando ironicamente pela vastíssima plateia que, na bancada central, não escondia a sua perdição pelos ciclistas do Algarve e certa antipatia por tudo o que viesse de fora e com força de comandante.

Enfim: a corrida aquecendo na razão directa em que o Sol ia ficando em repouso. Venceslau Fernandes, o «avozinho» do pelotão, dizia:

«Na minha equipa (Ajacto/Morphy Richards) tenho pouca gente capaz de me auxiliar numa vitória na «Volta» que poderia significar o meu adeus em beleza como praticante de ciclismo. Assim, como estamos muito desfalecidos, lá terei de continuar a minha luta quase isolado.» **Muito convicto, o «Lau» acrescentava:** «Esta 'Volta' é difícil: como eu me sinto bem nas subidas, vamos a ver o que sucede. Mas, já agora, sempre quero dizer uma coisa: vocês (jornalistas) atentem no Fernando Carvalho: o miúdo vai ser uma surpresa.

Ovarense batido por 5 segundos em 2000 metros bem aferidos. O ar refrescara, as gargantas estavam mesmo secas, Venceslau ganhara 10 segundos a Bernardo de Sousa (Paços de Ferreira/Construções Pinto e Mota) que até podia ser seu filho. Carlos Marta (Sporting/Raposeira) mostrava o nariz com um pequeno rasgão, fruto de um trambolhão dado em treino. Fernando Ventura (Távira/Macal/Minarelli) queixava-se da vista direita: «entrou-me para aqui um cisco». E, de repente, todo o conclave se abriu: Estavam em duelo Marco Chagas e Adelino Teixeira: por coisa de 8 segundos o marido de Maria do Rosário e pai da Isabel Alexandra (agora com 5 anos) passeava de amarelo e de amarelo ganharia a carta de alforria para esta tarde abalar à conquista do Alentejo.

— **«Meu caro: há 65 ciclistas em prova e todos têm a sua dose de esperança. Portanto (e muito sinceramente) eu sou apenas um dos que sonham em vencer.»**

Marco Chagas dizia-me mais: **«Tenho trabalhado muito, mas realmente esta 'Volta' é diabólica, tem etapas para grandes estragos e a segunda semana pode ser penosa e arrasante.**

Quer que lhe diga o que mais receio? Não, não é um eventual desfalecimento meu, mas sim aquilo que pode ser feito pelo Belmiro, pelo António Alves, pelo Manuel Cunha, pelo José Pinto, pelo Venceslau. Cada um à sua maneira me vão fazer uma vida negra: mas se é disto que eu gosto e disto que eu vivo, é forçoso que não defraude a minha própria imagem.»

Concluía:

— **«De qualquer modo, correndo pelo Sporting e com a camisola que deveria pertencer ao senhor Joaquim Agostinho, não posso manchar a sua memória. É para ele este triunfo.»**

Marco Chagas abalou, cercado de miudagem que queria tocar o seu ídolo. Já todos passavam pela lápida que perpetuava o homem de Brejijas sem sequer um golpe de olhar.

Classificações

	M S
1.º MARCO CHAGAS (Sp.)	2 33
2.º Eduardo Correia (Sp.)	m.t.
3.º Fer. Carvalho (Ajacto)	2 34
4.º A. Fernandes (Olan.)	m.t.
5.º Manuel Zeferino (Sp.)	2 35
6.º Carlos Santos (Lousa)	
7.º Paulo Ferreira (Sp.)	m.t.
8.º José Xavier (Sp.)	2 37
9.º Alexan. Ruas (Lousa)	
10.º F. Fernandes (Lousa)	
11.º Venceslau F. (Ajacto)	m.t.
12.º Carlos Marta (Sp.)	2 38
13.º Manuel Cunha (Ovar.)	m.t.
14.º Jorge Evang. (Távira)	2 39
15.º José Amaro (Sp.)	
16.º João Santos (Távira)	m.t.
17.º Belmiro Silva (Ovar.)	2 40
18.º Ar. Terrentino (Tav.)	
19.º Alberto Leal (Lousa)	
20.º José Poeria (Lousa)	
21.º Manuel Gomes (Ovar.)	m.t.
22.º Adelino Teixeira (Lousa)	2 41
23.º Benedito Ferreira (Sp.)	
24.º Luís Vargões (Olan.)	
25.º Luís Doming. (Olan.)	m.t.
26.º Jacques Boubin (Tav.)	2 42
27.º António Pinto (Ovar.)	
28.º Carlos Ferreira (Lousa)	
29.º Fernando Maia (P. Fer)	
30.º Fern. Ventura (Tav.)	m.t.
31.º José Camilo (P. Fer.)	2 43
32.º Luís Teixeira (P. Fer.)	
33.º José Barbosa (Loulé)	
34.º Manuel Neves (Ovar.)	
35.º Abel Coelho (Olan.)	m.t.
36.º Fern. Vale (Lousa)	2 44
37.º Jacq. Sabaton (Tav.)	
38.º R. Terrentino (Coim.)	
39.º Manuel Vilar (Ajacto)	m.t.
40.º Belmiro Rib. (Vigam.)	2 45
41.º M. Correia (Olan.)	
65.º António C. (Coim.)	2 56
Média do vencedor:	47,059 km/h.

Equipas

	M S
1.º SPORTING/Raposeira	7 41
2.º Lousa/Trinarianj	7 49
3.º Ajacto/Morphy/Richards	7 55
4.º Olanense/Algarve	7 56
5.º Távira/Macal/Minarelli	7 58
6.º Ovarense/Herculano	m.t.
7.º Paços Ferreira/Z. Pinto	
Mota	8 08
8.º Coimbrões/Café Gama	8 18
9.º Vigaminho/M.J. Abreu	8 26

A nossa equipa de reportagem desloca-se numa viatura gentilmente cedida por



SACAVENAUTO

Estrada Nacional, n.º 10 n.º 69
2685 SACAVEM
Telefone: 2525040

SAGRUP CONSÓRCIO DE CONCESSIONÁRIOS GENERAL MOTORS
O único consórcio de marca em Portugal

Telefs. 808020/803658

DESPORTO



Agostinho, sempre! Aspecto da homenagem póstuma a Joaquim Agostinho efectuada em Tavira e promovida pela autarquia local, momentos antes do início da 46.ª Volta a Portugal

46.ª VOLTA A PORTUGAL

Uma História a duas colunas

El-rei e as rainhas

Inegavelmente que a empresa do nosso colega «Jornal de Notícias» para erguer a maior prova ciclista do ano teve de procurar apoios, ganhar patrocínios. Descobrir boas-vontades especialmente entre aqueles que continuam acreditando no desporto velocipédico como veículo óptimo para, em complemento com o turismo, rubricar um binómio que junta o agradável ao útil.

E foi extremamente agradável constatar que, malgrado a nossa figura de proa do mais popular dos desportos ter acabado tragicamente em terras algarvias, as primeiras pedaladas desta «Volta» foram dadas precisamente na pista que o malgrado Agostinho percorreu no seu derradeiro circuito: mas isso apenas foi possível porque, entre um rei e uma rainha, num ígneo casal, houve harmonia e talvez amor.

Explicuemos melhor: foi graças aos «Aldeamentos Turísticos das Pedras del'Rei e da Rainha» que o ciclismo confraternizou com o povo algarvio. E houve festa rija com subida de pano, na noite de sábado ao som dos cantares dos ranchos folclóricos de Aveiras de Cima (Azambuja), Nossa Senhora da Areosa, Luz de Tavira e Conceição, de Tavira. No «quartel-general» da organização (Pedras da Rainha) foi evocada a memória de Joaquim Agostinho e houve palavras de simpatia (sem o menor intuito publicitário) com esmero e fineza de excelentes profissionais de hotelaria (João Marques Ferreira, Mário Inocência, Manuel Cabrita, João Bastos, João Peleja, João Castim e Valter Maia) comandados por Queiroga Valentim, um espírito aberto para

ciclismo, que já na próxima temporada pretende incrementar com maior força, talvez erguendo a equipa que pode prolongar a fama do Algarve no desporto das duas rodas e do esforço humano mais exatos e correctos do espírito de luta, da coragem, do brio e da tenacidade. Os exemplos são aos punhados e de cada «Volta» haverá sempre um álbum de imagens que ninguém pode esquecer.

Mas falamos da festa em terreno monárquico, que a teve, um intérprete da canção (o espanhol Fausto) que, para não se escapular ao brilho da corte, tomou como nome de cartaz o título de «El Trovador». Distantes entre si cerca de dez quilómetros, Pedras da Rainha e Pedras del'Rei possuem perto de cinco mil camas, treze «courts» de ténis, duas discotecas, dois polivalentes desportivos, uma escola de «windsurf» e, como é lógico, mulheres bonitas aos punhados tantas e tão bronzeadas que, ao fim de uma hora de permanência à beira das piscinas, um pacato cidadão já nem fica de olho arregalado quando vê «borrachos» fazendo «top-less» ou «descascadinhas da silva» estirando-se languidamente nos terraços como se a nudez forte da verdade tivesse de servir de teste a quem ficou no dilema: amar ou trabalhar. E nisso, os ciclistas não tiveram qualquer interferência: estavam aquecendo na estrada, enquanto os outros homens que fazem a «Volta» tinham um amplo manancial de beleza mesmo a um leve estender de braço.

Neves de Sousa

Tiveram coroa de louros

Quadro geral dos vencedores da Volta a Portugal:

ANOS	VENCEDORES
1927	A. Augusto Carvalho
1931	J. Maria Nicolau
1932	Alfredo Trindade
1933	Alfredo Trindade
1934	J. Maria Nicolau
1935	César Luís
1938	J. Albuquerque
1939	J. Fernandes
1940	J. Albuquerque
1941	Francisco Inácio
1946	José Martins

1947	José Martins	1966	F. Valada
1948	F. Moreira	1967	Houbrechts
1949	Dias Santos	1968	Américo Silva
1950	Dias Santos	1969	J. Andrade
1951	Alves Barbosa	1970	J. Agostinho
1952	Moreira de Sá	1971	J. Agostinho
1955	Ribeiro da Silva	1972	J. Agostinho
1956	Alves Barbosa	1973	J. Manzanque
1957	Ribeiro da Silva	1974	F. Bernardino
1958	Alves Barbosa	1976	Fernando Mendes
1959	Carlos Carvalho	1977	Adelino Teixeira
1960	Sousa Cardoso	1978	Belmiro Silva
1961	Mário Silva	1979	J. Sousa Santos
1962	José Pacheco	1980	Francisco Miranda
1963	João Roque	1981	Manuel Zeferino
1964	Joaquim Leão	1982	Marco Chagas
1965	Peixoto Alves	1983	Marco Chagas



A META
A melhor organização em artigos para Desporto no Distrito
Rua D. João de Castro, 37-B 2800 ALMADA
Patrocina a camisola Verde

A palavra dos camaradas

A volta de honra

Por: Fernando Correia (Rádio Comercial)

A Volta a Portugal em Bicicleta está na estrada pela 46.ª vez. E está com mais ou menos profissionais-amadores e amadores-profissionais do que em anos anteriores.

Mas esse é um mal que nos obrigamos a suportar (não só no ciclismo) por via da indefinição desportiva que continua, até que alguém de bom senso volte a orientar a Secretaria de Estado e a Direcção-Geral dos Desportos como já sucedeu.

É pena (e triste) que um País pontencialmente apto também no plano desportivo, viva de meia dúzia de ídolos de ocasião nascidos de condições excepcionais, alimentados por vontade própria, formados espontaneamente. Os casos de Ribeiro da Silva, Alves Barbosa, Carlos Lopes, Rosa Mota, Fernando Mamede, até mesmo Eusébio ou Joaquim Agostinho confirmam isso mesmo.

Até onde nós, portugueses, poderíamos chegar no plano internacional se tivéssemos uma planificação correcta no campo desportivo e dissessemos à população que o desporto é um direito de todos e às crianças que a educação física é tão precisa como aprender a ler e a fazer contas, sendo uma espécie de aritmética do corpo?

A Volta a Portugal está aí uma vez mais espero que para dar vida e colorido às nossas estradas onde se morre tanto e alegria

às populações dos lugares ermos que gostam de ir ver passar os ciclistas, bater-lhes palmas, regá-los com a água benta dos bons sentimentos.

Não me interessa pelo nome do vencedor desta 46.ª edição embora antecipadamente o respeite como campeão que vai ser. O que peço é que esse vencedor não hesite em dedicar a Volta de 1984 a Joaquim Agostinho que deveria ter estado em carne e osso na pista de Tavira e não na frieza da pedra que nem o sol algarvio é capaz de aquecer.

Por tudo o que escrevi atrás e muito pelos campeões que temos por aí espalhados sem saber, sentir-me-ia feliz se esta fosse uma Volta de Honra para Joaquim Agostinho.

Vão-se os homens vão-se as homenagens. A história fica. E essa diz quem foi Agostinho e onde poderia ter ele chegado com outra formação de base, com outra metodologia de treino e de competição, som diferente acompanhamento.

Numa palavra: ainda que Marco Chagas chegue à terceira vitória, ainda que seja um nome diferente a figurar como vencedor da prova deste ano, a Volta-84 será uma «Volta de Honra» para o campeão adormecido.



TATINTAS

Comércio de Tintas para Automoveis. Lda

Patrocina a camisola Rosa

A etapa de amanhã

A etapa de amanhã (Évora-Lisboa) terá 146 quilómetros, sendo a partida dada na capital do Alto Alentejo (frente ao turismo e à escola secundária) às 9 horas, e chegada ao Estádio Al-

valade pelas 13 horas. A caravana passará pelas seguintes localidades: Montemor (9.48), Vendas Novas (10.26), Pegões (10.50), S. Gabriel (11.15), Porto Alto (11.55), Vila Franca (12.13), Alverca (12.26), Verdinha de Baixo (12.28), Póvoa de Santa Iria (12.35) e Sacavém (12.48).



R. RAPOSO

Completo sortido de peças e acessórios p/ ciclismo de competição.
Quadros especiais das melhores marcas feitos por medida

R. Gregório Lopes, 25 - 1.º esq. (a São Gabriel)
— Tel. 32316
2900 SETÚBAL

SAGRUP

**TODA A GAMA DE VEÍCULOS
OPEL e BEDFORD**

**SEM JUROS,
EM 60 MESES...**

Informe-se em todo o País nos concessionários GENERAL MOTORS

DESPORTO

ponta esquerda

Desforra Budd-Decker

Um homem de negócios sul-africano ofereceu um prémio de 65 mil dólares para uma «desforra» da final feminina dos 3000 metros dos Jogos de Los Angeles, entre a norte-americana Mary Decker e a britânica Zola Budd. Tanto Zola Budd (sul-africana naturalizada britânica, para concorrer nos jogos) como Decker, eram favoritas, mas um choque entre ambas durante a corrida provocou a queda da norte-americana, e a corredora descalça acabou na 7.ª posição. **«Penso que outra corrida faria muito bem, tanto a Mary como a Zola»**, disse Joc Berardo, à rádio sul-africana. Zola Budd foi desclassificada após a final de Los Angeles, durante a qual foi copiosamente apupada pela assistência, mas o júri acabou por recolocá-la no 7.º lugar, ilibando-a de qualquer responsabilidade na queda de Mary Decker. Segundo Berardo, o incidente, que já fez correr rios de tinta, **poderia quebrar a confiança de Zola. «É a mesma coisa que cair quando se aprende a andar de bicicleta ou a montar a cavalo»**, disse. **«Se não se volta a fazê-lo imediatamente, nunca mais se consegue na vida»**.

Jornalista romeno pede asilo político

As autoridades norte-americanas concederam asilo político a um jornalista romeno que resolveu ficar nos Estados Unidos depois de efectuar a cobertura dos Jogos Olímpicos. Vladimir Moraru, um dos cinco jornalistas romenos que se deslocaram a Los Angeles, recebeu resposta positiva ao seu pedido por parte dos Serviços de Imigração e Naturalização, depois de um «sim» da Secretaria de Estado. Crê-se ter sido o único caso de «fuga para o Ocidente» registado ao longo dos Jogos Olímpicos. Moraru (38 anos) trabalhava para o jornal desportivo «Sportul» e, enquanto em Los Angeles, fez também trabalho para um jornal local, como contacto com a delegação romena.

Bomba para turcos colocada por polícia

Os médicos diagnosticaram que o polícia que colocou uma bomba no autocarro que transportava os atletas olímpicos turcos no Aeroporto de Los Angeles sofre «uma profunda depressão» informou um porta-voz da Polícia local.

Jimmy Wade Pearson, de 40 anos, confessou ter colocado a bomba para «reconquistar a confiança e consideração dos superiores» depois de uma série de problemas profissionais. Declarou aos passageiros do autocarro que acabava de encontrar explosivos debaixo do assento do condutor e várias dezenas de testemunhas viram como agarrava a bomba com as mãos para a deitar fora do veículo «arriscando a própria vida». Posteriormente, descobriu-se que Pearson era o autor do atentado frustrado, e o polícia, acusado de posse ilegal de explosivos, pode ser condenado a mais de seis anos de prisão.

Os funcionários que vigiam Pearson «vinte e quatro horas por dia» afirmaram que ele apresenta «graves sintomas de perturbações» e que o estado de saúde mental do recluso «deteriora-se cada vez mais». O juiz de instrução confirmou a fiança de 60 mil dólares e não autorizou a libertação condicional do polícia bombista.

Segurança devolve dólares

A segurança dos Jogos Olímpicos vai devolver 150 mil contos ao comité organizador dos Jogos por não ter **tidopraticamente nada que fazer** durante as duas semanas das provas. O chefe da Polícia, Rathburn disse que os Jogos decorreram tão pacificamente que vão devolver um dos 15 milhões de dólares que receberam para **prevenir um crime que afinal nunca chegou**.

O chefe da Polícia, comentando o facto de ter sido gasto tanto dinheiro em segurança quando afinal nada de anormal se registou, disse aos jornalistas: **não está provado que nada tivesse acontecido porque o nosso plano de segurança era demasiado bom**.

Durante os Jogos não se registou qualquer incidente grave.

Jornal da RFA considera: Que o britânico Thompson recordista do decatlo

O britânico Daley Thompson bateu afinal (e por 15 pontos) o recorde do Mundo do decatlo do alemão-federal Jurgen Hingsen durante os Jogos Olímpicos, afirma o jornal de Hamburgo «Bild Zeitung».

Oficialmente, Thompson ficou a um ponto do recorde mundial de 8798 pontos estabelecido pelo rival alemão-federal em Junho, em Mannheim. Mas o «Bild» sublinha que isso se deveu apenas à alteração entretanto havida no que respeita ao sistema de pontuação, pela primeira vez desde 1964, o que torna impossíveis de comparar as marcas anteriores à mudança. O jornal recalculou a marca obtida por Thompson nos Jogos Olímpicos com base nas tabelas anteriores (as que valeram para o recorde mundial) e afirma que Thompson fez 8846. «Na verdade, Thompson conseguiu um novo recorde mundial em Los Angeles», conclui o «Bild».

Homossexuais exigem organizar os seus Jogos Olímpicos

Um grupo de atletas, que diz representar dez por cento da população da Terra, reivindicou, em Los Angeles, «o direito dos homossexuais a realizar Jogos Olímpicos». como tudo é possível nos EUA, anfitrião dos 23.ºs Jogos Olímpicos (com muita pompa, apresentações formais e uma assistência entre sonolenta e divertida) foi convocada hoje uma conferência de Imprensa «atletico-homossexual».

Muitos atletas, que afirmam deter marcas suficientes para participar nas Olimpíadas, gritavam o seu protesto pela proibição imposta por um tribunal norte-americano, que lhes não permite usar o termo «Olimpíada» nos jogos desportivos organizados pelos homossexuais. «Mais de 10 por cento da população da Terra é homossexual, o que dá uma percentagem muito alta de atletas que se perdem por serem perseguidos ou ameaçados pelos organizadores das actuais Olimpíadas», afirmou o antigo atleta olímpico Tom Wadell (EUA). Wadell participou no decatlo dos Jogos do México (em 1968) e embora fosse homossexual, «mantinha esse facto em segredo», diz hoje.

Wadell é actualmente um conceituado médico e fundador dos «Jogos Gay», designação oficial das «Olimpíadas Homossexuais», cuja primeira edição se realizou em 1982, em São Francisco com a participação de 1300 atletas de ambos os sexos de todo o Mundo.

O dr. Wadell pretende man-

ter-se fora do escândalo, exigindo o respeito mútuo, ao mesmo tempo que publicamente afirma serem normais as suas preferências sexuais. Na conferência de Imprensa, Wadell apresentou-se com o seu aspecto sério e circunspecto (que já lhe é conhecido) mas alguns dos atletas que o acompanham não mostraram prudência e «espalharam-se» para gáudio de muitos dos assistentes. «Na totalidade das equipas olímpicas presentes em Los Angeles, há no mínimo, dez por cento de atletas homossexuais de ambos os sexos», assegura o antigo atleta do decatlo. «Por terem receio das regras morais impostas pelos comités olímpicos é, no entanto, muito difícil, ou mesmo impossível, que esses homens e mulheres digam a sua condição», referiu. «Conheço muitos atletas norte-americanos que são homossexuais, de ambos os sexos, todos em actividade desportiva. Muitos deles mundialmente conhecidos, mas a sua identidade é um segredo profissional que guardo para não prejudicar as suas carreiras», afirmou o dr. Wadell.

A publicidade feita sobre o caso dos corredores norte-americanos na Olimpíada de Montreal (1976), segundo Wadell, destruiu o seu futuro, «embora tenham assumido logo a sua condição devido a um filme que contava a sua história».

As «Olimpíadas Gay», como inicialmente foram designadas, nasceram como alternativa aos jogos «oficiais», porque nestas os

homossexuais não podem proclamar a sua condição. Sobre a proibição imposta pelos tribunais de utilizar a designação «olímpicos» e os aros da simbologia olímpica, Wadell referiu que **«existem já as olimpíadas dos polícias, nas quais dois dos aros foram substituídos por algemas e ninguém protestou»**.

Um representante do Comité Olímpico Norte-Americano afirmou, a este respeito, que o seu organismo é soberano para aceitar ou rejeitar a utilização do nome ou dos símbolos olímpicos.

«Muitos dos homossexuais da equipa norte-americana aos Jogos de Los Angeles foram ameaçados, para que não revelem a sua condição», sublinhou o organizador dos Jogos Homossexuais. Segundo o líder do movimento «Gay», a homossexualidade notória, como o caso da tenista Martina Navratilova, só acontece no mundo do desporto profissional, porque os circuitos comerciais são mais liberais que os amadores. Para o antigo atleta, a homossexualidade manifesta-se em muitos desportistas nas constantes «festas», que em tipo de celebrações, recebem, por exemplo, os basquetebolistas. **«Este tipo de contactos está a ser evitado. Não porque tenha qualquer significado oculto, mas porque é feio e de mau gosto»**, afirmou Alejandro Sucián, médico da equipa olímpica espanhola.

Os basquetebolistas espanhóis (por exemplo) utilizam agora o sistema dos norte-americanos, de se felicitarem com uma

palpada nas mãos, em vez da anterior palmada no rabo. Segundo diz Wadell, o atleta, visto do ponto de vista feminino, tem poucas qualidades amorosas. **«Desde há alguns anos, eu e outros médicos estudamos o caso de mulheres relacionadas com atletas e, embora sem dispor ainda de um elemento definitivo, podemos revelar que na sua maioria são péssimos amantes»**.

Os «Jogos Gay», com a próxima edição (em 1986) pretendem ter a importância dos olímpicos, tentando melhorar a primeira edição com juizes qualificados e atletas importantes. **«Vai haver muitas surpresas, quando se apresentarem campeões olímpicos, que após os Jogos de Los Angeles (e segundo nos prometeram) vão tornar pública a sua condição de homossexuais»**, sublinhou Wadell.

Os homossexuais pretendem cumprir à risca a Carta Olímpica, (Amateur Sports Act), e impor-se ao mundo como exemplo, premiando também os vencidos **«dignos de tantas homenagens como os vencedores»**.

Apesar do bom ambiente em que decorreu a conferência de Imprensa, alguns dos atletas presentes, acompanhando Tom Wadell, ultrapassaram as regras e as mais elementares leis de cortesia. Alguns começaram a **fazer-se** a vários jornalistas, que responderam demonstrando amplos conhecimentos de pugilismo, modalidade olímpica em que os homossexuais se mostraram pouco eficazes.

Bibliografia desportiva

«Adidas News»

Editada especialmente para secundar a realização dos Jogos Olímpicos, a revista «Adidas News» apresenta a lista dos campeões que equipam com aquela marca germânica e vai mais longe: evoca Los Angeles desde 1932 até à actualidade, recorda as «estrelas» desportivas que, mercê de proezas em Olimpíadas, ingressaram no Cinema, lembra os mais bonitos cartazes dos Jogos e auxilia na aquilatação das marcas e tempos com a publicação de tabelas elucidativas do que tem sido o esforço humano através dos tempos. Uma revista muito agradável, para consulta e lugar certo na biblioteca de um desportista.

Guia jurídico do jogador profissional de futebol

O advogado dr. João M. Loureiro, mercê do belíssimo auxílio da nova direcção do Sindicato Nacional dos Jogadores Profissionais de Futebol (presidido por

José Eduardo) acaba de rubricar o «Guia Jurídico do Jogador Profissional de Futebol», indispensável «biblia» de quantos exercem honestamente uma profissão muitas vezes amesquinhada e calçada, pouco tempo depois de endeusada e admirada. Em cerca de uma centena de páginas, o dr. João Loureiro condensou toda a matéria jurídica que fornece os parâmetros da vida profissional de um futebolista: e, com o auxílio de César Grácio (competente e sapiente secretário-geral da Federação de Futebol) prestou um magnífico serviço à mais popular modalidade desportiva, a que arrasta aos estádios milhões de espectadores, tantas vezes completamente desconhecedores das 17 leis que regem o jogo como completamente alheios do papel que a sociedade reserva aos seus intérpretes de primeira fila: as vedetas dos rectângulos, no que toca a direitos e deveres. Parabéns ao Sindicato e ao dr. João Loureiro: assim os futebolistas comecem entendendo a sua real posição no mapa de trabalhadores deste país.

MICROSEPIO

Meia-Maratona * no Barreiro

As inscrições para a Meia-Maratona do Barreiro, que se efectua dia 7 de Outubro, já se encontram abertas a todos os atletas interessados, revelou a organização da prova. A competição, que é organizada pela Junta de Freguesia do Barreiro com a colaboração das comissões de moradores, está aberta a atletas federados e não federados de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 16 anos.

Aos primeiros classificados em cada escalão serão atribuídos prémios pela entidade organizadora.

HIPISMO — O décimo Concurso Nacional de Saltos vai realizar-se no Hipódromo do Choupal (em Coimbra) nos dias 14.15 e 16 de Setembro. O concurso, que é organizado pelo Centro Hípico de Coimbra, contará com provas de obstáculos tipo pequeno, médio e grande em cada um dos três dias de competição.

Segundo os organizadores a realização do 10.º Concurso Nacional de Saltos vai aproximar-se dos «parâmetros internacionais». O general José Saraiva Lima de Almeida e Brito será o presidente do concurso.

Jogos (sempre) na Grécia

Ideia por muitos desejada

O Comité Olímpico Internacional pediu ao Governo grego um estudo sobre o projecto de um sede permanente para os Jogos Olímpicos na Grécia, revelou o Gabinete do presidente Constantino Karamanlis.

Os membros gregos do COI, Nikos Nissiotis e Nikos Filaretos, informaram o presidente Karamanlis que o organismo decidira por unanimidade na última reunião plenária, realizada em Los Angeles, estudar o projecto da Grécia de instalação de uma sede permanente para os Jogos Olímpicos.

Um porta-voz do Comité Olímpico da Grécia afirmou que

o COI está na disposição de colaborar com o Governo grego na elaboração de um estudo, na realização por técnicos e especialistas, para implantar na Grécia uma infra-estrutura olímpica idónea.

O presidente Karamanlis havia já proposto que os jogos regressassem definitivamente à Grécia, sua origem, «para evitar a politização ou especulações económicas sobre as Olimpíadas».

O local da sede permanente dos jogos poderá localizar-se perto da antiga Olimpia, onde pela primeira vez se disputaram os Jogos Olímpicos.

Campeonato sul-americano

Brasil sugere novos moldes

O Brasil vai propor a criação de um novo campeonato sul-americano de futebol, que conte com a presença de nove países da região — informou a confederação brasileira da modalidade (CBF) no Rio de Janeiro.

A CBF pretende criar um campeonato com três grupos, cada um deles congregando três equipas campeãs nacionais, com o vencedor da prova a ter o direito de defrontar o campeão europeu para o título mundial (oficial). Até ao momento, o vencedor da Taça dos Libertadores da América enfrenta o campeão europeu (taça dos campeões europeus) para a Taça Intercontinental, cujo título respectivo não tem carácter oficial.

A CBF defende que a Taça

dos Libertadores da América deve manter-se, permitindo a inclusão na competição das turmas vice-campeãs. A confederação brasileira propõe ainda que o vencedor do jogo entre o vice-campeão sul-americano e o detentor da Taça dos Libertadores da América jogue frente ao vencedor da Taça UEFA para outro título oficial. A Taça dos Libertadores da América é actualmente a única competição regular, contando com as presenças dos campeões e vice-campeões dos países da América do Sul.

Fontes próximas do CBF admitem que se a proposta for rejeitada, os clubes brasileiros poderão boicotar a Taça dos Libertadores da América.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Uma questão de prazer

A TROCA, de Paul Claudel. Tradução: Luís N. Jorge. Encenação: Jean Pierre Tailhade. Guarda-Roupa: Rita Azevedo Gomes. Sonoplastia: José Mário Branco. Iluminação: António Mileu. Interpretação: Carlos Carvalho, Carlos Medeiros, Fernanda Neves, Manuela de Freitas e Cucha Carvalheiro. Teatro do Mundo. Estreia: Igreja de N. S. da Conceição dos Cardais (R. do Século), 4-7-84 (12-7-1984).

Calcule o leitor ao que um pobre crítico de teatro está sujeito. Estava eu tranquilamente no átrio da Igreja N. S. da Conceição dos Cardais, à espera da minha vez para trocar uma requisição do «DL» pelos bilhetes que nos dariam direito a assistir ao espectáculo, quando fui abordado por M. Jean Pierre Tailhade, actor fundador do Teatro do Mundo e encenador da peça «A Troca», o qual em termos cordatos, devo reconhecer, me informou não ter o grupo qualquer prazer na minha presença embora a ela não pudesse opor-se. Isto, se bem entendi, pela falta de respeito que teria manifestado para com o grupo, não nas minhas críticas mas noutras atitudes (?). Devo dizer que esta conversa constituiu para mim um autêntico enigma e que ainda estou por saber onde e como faltei ao respeito (!) ao Teatro do Mundo. O mais curioso é que neste espectáculo dos cinco intérpretes, dois são amadores que, salvo erro, nunca vi trabalhar. Um deles, aliás, Carlos Carvalheiro, convidou-me ainda não há muito para participar numa comissão que patrocinaria um festival a organizar em Tomar, sendo as nossas relações perfeitamente cordiais. Pelo que me custa a crer que ele esteja de acordo com as atitudes de M. Jean Pierre Tailhade. Dir-se-ia que os críticos não têm sorte com as igrejas. Depois de Tito Livio, agredido na ex-igreja de Xabregas, por elementos do

Teatro Ibérico, coube-me agora a vez numa outra igreja.

Não é a primeira vez que se tenta impedir-me fazer o meu trabalho. Parece que se esquece que eu tenho um contrato para cumprir que me obriga a escrever o que penso sobre os espectáculos de teatro produzidos em Portugal. É o meu trabalho e estou disposto a fazê-lo, bem ou mal, isso é comigo, com o jornal e com os leitores. Como diria o prefeito de Sucupira, sou um «teatrista militante» e não vale a pena quererem impedir-me de o ser. Por isso, esportulei a maquiagem necessária e pude ter o prazer de assistir a um espectáculo excepcional, que escusa atitudes feias como a de M. Tailhade.

Uma questão de dólares

«A Troca» é uma peça sobre o amor mas é também uma peça sobre o teatro. E é ainda uma peça sobre a mercadoria. Luís Laine, é um jovem americano de ascendência índia que raptou Marta, camponesa francesa, que com ele foi viver nos Estados Unidos. Aí conhecem um outro casal, Tomás Pollock Nageorie e Lechy Elbern, respectivamente, um negociante rico e uma actriz. Para o milionário, a troca consiste em comprar Marta que o fascina pelas suas qualidades, subornando para isso o marido. Entretanto, a actriz e Luís apaixonam-se e Lechy quer passar a viver com ele. Como Luís prefira partir com o dinheiro de Marta, Lechy previne Marta estar disposta a matá-lo. O que executa além de lançar fogo à casa onde Tomás tinha todo o seu dinheiro.

Claudel escreveu uma primeira versão desta peça em 1893-94, quando residiu nos Estados Unidos, e muitos anos depois fez

uma nova versão que aliás respeita os fundamentos da primeira. Embora pareça incrível, passa por este texto um leve vento, brechtiano, «avant la lettre»: «Se tem velhos sapatos para vender, traga-mos. Tudo tem o seu preço. Não dá o que quer que seja sem recompensa. Pois tudo tem um peso e uma medida. Tudo vale x. Tudo o que pode ser possuído, pode ser cedido a um outro preço. Tantos dólares.» Esta aproximação de Brecht a Claudel não é tão fortuita como isso se tivermos em conta um ensaio de Françoise Hache («Europe», 635) em que é sugerida a hipótese de «A Troca» ter incidências marxistas ou parmarxistas, casuais ou não.

Com esta nota não pretendo mais do que chamar a atenção para o interesse (talvez polémico) deste texto em que uma vez mais o verbo claudiano é uma manifestação de alto nível na admirável tradução de Luís N. Jorge. E, ao mesmo tempo, sublinhar como um texto deste teor opera num espaço como o da igreja barroca de N. S. da Conceição dos Cardais. Na vida, à forte teatralidade do texto corresponde a forte teatralidade do espaço e ambos se fundem num mesmo real teatral.

Utilizando uma marcação simples, geométrica, Tailhade conseguiu exprimir o jogo da troca proposto pelo texto, mas foi mais longe sublinhando a carga ao mesmo tempo erótica e religiosa desse jogo através da inscrição dos corpos no espaço e sobretudo através da passagem da luz pelos corpos, através da iluminação dos objectos e do cenário. O altar que se ilumina como sinal do incêndio da Casa de Tomás; os lâmpadários que brincam tão fortemente no escuro; o foco que atravessa o espaço vindo de uma porta, lâmina de punhal (excelente trabalho de António Mileu).

Mas esta encenação é também

um jogo de teatro no teatro, exprimindo uma das incidências do texto. Há uma cena extraordinária em que Lechy inventa o palco (a capela-mor), projecção no espaço, na luz, do conflito virtual que a põe em confronto com Marta (o teatro e a vida).

O espectáculo foi talvez influenciado pela actuação de Manuela de Freitas. Atingendo fatos que acentuam a sua condição de actriz como monstro sagrado (excelente, trabalho de Rita Azevedo Gomes), Manuela de Freitas realiza uma criação genial através de cenas de uma violência interior que atingem a desmesura sem que deixe a cada momento de dominar a sua personalidade. Trabalho excepcional, ele bastaria para nos reconciliar com o teatro se fosse caso disso. A certa altura, perguntamo-nos onde, numa actriz como esta, acaba o teatro e começa o teatro.

O mais curioso no belo trabalho de Fernanda Neves (Marta) é o facto de ela denunciar, naturalmente, uma clara identificação com Manuela de Freitas ao mesmo tempo que consegue separar tão fortemente a sua personalidade, que é a única na sua solidão e no seu antiteatro. Carlos Carvalheiro (Luís) e Carlos Medeiros (Tomás) não conseguem atingir as mesmas alturas, o que se compreende. No entanto os seus trabalhos não prejudicam o espectáculo no seu conjunto, embora não conseguindo explorar todas as virtualidades das suas personagens. Carlos Carvalheiro, de resto, revela recursos corporais que fazem dele um actor a estudar com atenção.

Depois de «Terramoto no Chile», esta foi a grande surpresa do Teatro do Mundo. Pode dizer-se que Tailhade nem sempre soube fugir ao «cliché» (A Pietra, a subida ao púlpito), mas nem por isso este trabalho deixa de ser um grande trabalho de encenação.



O Perfil de Rita Hayworth

- 18.02 Notícias
- 18.10 3, 2, 1 Contacto
- 18.30 Teleregiões
- 19.00 «A Balada de Hill Street»
- 20.00 Telejornal
- 21.00 Telenovela - «O Bem Amado»
- 23.00 Perfil de Rita Hayworth
- 23.15 Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.30 Últimas Notícias



Os Grandes Mistérios da Música - Haendel

- 19.32 Notícias
- 19.40 Desenhos Animados
- 20.00 Folclore de Castelo de Paiva
- 20.30 «Contos da Sibéria»
- 21.00 Animação
- 21.30 Telenovela - «Guerra dos Sexos»
- 22.45 ... Da Música - dedicado ao compositor Haendel.

Prática política e prática cristã

Continuação da pág. 3

lores de justiça e de fraternidade a que o Evangelho nos chama. Assim se exprimiu o irmão Roger, prior de Taizé. «Engagé comme vous l'êtes, ceux qui vous aiment ont besoin de dire leur gratitude à Dieu. Vous ouvrirez encore des chemins. Nous tous nous souhaitons le Seigneur, ce sont les chemins du Seigneur.»

É certo que houve casos isolados de católicos que, talvez por terem pouca experiência das exigências postas no domínio da acção política pelo espírito conciliar e pelas grandes encíclicas («Pacem in Terris» ou «Populorum Progressio», não exprimiram qualquer apoio ou até se deixaram conduzir pela imprensa de propaganda ideológica, o que me preocupa, na vida da Igreja do nosso país, não é a dor que pode causar a qualquer católico em funções governativas o alheamento

mento e às vezes a hostilidade que venha a encontrar em certos cristãos. O que me preocupa é que haja comunidades cristãs impedidas de compreender o que significa para a missão da Igreja no mundo o exercício do poder político por um de nós. E que deem um contra-sinal da unidade necessária «para que o mundo acredite».

É claro que esta unidade comporta um pluralismo de opiniões e de opções políticas. O que escrevi em 1970 no Boletim «Igreja em Diálogo», do Graal, explicita (talvez intuitivamente) o que a experiência do exercício do poder político viria confirmar: «Não parece correcto falar-se hoje de «posição da Igreja» em matéria política. Aqui, como em outros sectores da actividade humana, a Igreja respeita o princípio de incerteza justificador da coexistência de soluções técnicas diversas. Reconhe-

ce um pluralismo político que se apresenta com a força dos factos (...) Assim ganha maior evidência a afirmação tantas vezes esquecida: a Fé não fundamenta uma opção política particular nem poderá encontrar-se no Evangelho a justificação de uma prática correcta».

Não está, porém, a Igreja alheada da realidade política. A Fé dos cristãos e o Evangelho que os guia não são soluções feitas, mas apontam para valores que a Igreja tem necessariamente que procurar viver e comunicar.

A Igreja como comunidade de crentes terá de proclamar a libertação do homem e o amor fraterno, recusando, em nome do Evangelho, toda e qualquer solução que marginalize um grupo de homens. Nesta proclamação e nesta recusa, a Igreja aparece como um novo «poder» - torna-se uma força de denúncia das si-

tuações que oprimem o homem e geram o ódio ou a indiferença por outros homens; aparece como lugar de valores que legitimam a denúncia, como anúncio da força de amor libertador do Evangelho.

Nesta libertação radical de óptica, o cristão passa a ser o «lugar» da acção política em que se explicita o Evangelho. Esta autonomia fundamental de cada cristão, que é uma evidência em qualquer outro sector da vida social, é uma exigência posta na vida de cada um face à sociedade política e à sua organização.»

Julgo assim que teria sido justo receber da comunidade cristã sinais visíveis de que, embora em situação diferente dos meus irmãos e irmãs na Fé, era reconhecida como partilhando com eles «a assiduidade ao ensino dos apóstolos, a fidelidade à comunhão fraterna, à fracção do pão e à oração.»

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho a parar sempre no passeio antes de atravessar a rua.



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho mais velho a levar o irmão pelo lado de dentro do passeio.



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



O Perfil de Rita Hayworth (21.00)



Música de Haendel (22.45)



Quando Neco chega ao jornal, os homens de Odorico já tinham partido deixando tudo destruído. Ao chegar ao local, Juarez mostra-se revoltado com tudo aquilo e adianta que se não puderem escrever no jornal possam a escrever nas paredes. Em casa também Telma lê o jornal. Zora mostra-se chocada com as palavras de Juarez enquanto Cecé agita o médico. Neco culpa Odorico da destruição do jornal. Muito seguro, Odorico apenas diz que simplesmente mandou os seus homens apreenderem a edição do jornal e, se eles fizeram algo mais, ele irá puni-los.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bonifácio da Silva, 111 - Cruz Vermelha - Tel. 2112671

roteiro cultural

Exposições

● **Desenho Argentino Contemporâneo** está patente ao público na Galeria Almada Negreiros, ao Ministério da Cultura, na Av. da República, 16. Trata-se de uma iniciativa conjunta da Embaixada da República da Argentina e do Ministério da Cultura de Portugal.

● No Atrium da Imprensa, à Casa da Imprensa, na R. da Horta Seca, 20, em Lisboa, está presente ao público uma exposição colectiva que engloba trabalhos de alguns dos bons vultos das artes plásticas portuguesas. Assim, ali pode ver pintura, desenho e escultura de, entre outros, **Almada Negreiros, Carlos Botelho,**

Júlio Pomar, Matilde Marçal, Lima de Freitas, Cargaleiro, David de Almeida, Vespela.

● **O Legado Barros e Sá** continua a poder ser visto numa exposição temporária patente ao público no Museu Nacional de Arte Antiga, à R. das Janeiras Verdes, em Lisboa.

● Até ao próximo dia 24 pode ver na Biblioteca Nacional de Lisboa, ao Campo Grande, a exposição **Vida e Obras de Hans Christian Andersen**. De 2.ª a 6.ª-feira, das 10 h às 17.30 h.

● Uma mostra de pintura de **Vitor Ferreira e Frederico Mendes** pode ser vista no Salão de Arte do Restaurante Escrial, à R. das Portas de Santo Antão, em Lisboa.

● **Aquarelas subordinadas ao tema «Canecas de Cerveja»** da autoria de **Rui Zink** estão patentes ao público na Galeria Nova Opinião, à R. Nova da Trindade, em Lisboa.

● Na sala de exposições do Palácio Anjos, em Algés, está presente ao público uma mostra de pintura, escultura e desenho de **Dora Iva Rita, Ilídio Salteiro, Luís França, Manuel Vilarinho, Maria Morais e Pedro Saraiva.**

● Uma exposição de obras da autoria de **Matilde Marçal** pode ser vista na Galeria de Arte do Casino do Estoril.

● Pintura do artista **Gonçalo Duarte** está em exposição na Galeria Diagonal, ao Hotel Cidadela, em Cascais.

● Em Vila Nova de Cerveira continua a decorrer a **IV Bienal de Arte**. Uma mostra que vai animando o panorama artístico do Minho e que, por múltiplas razões, merece uma visita atenta.

● Na Casa da Cultura das Caldas da Rainha pode ser vista uma exposição de trabalhos

de **Rafael Bordalo Pinheiro**, desde uma série de litografias originais de «A Paródia» até uma colecção de peças de cerâmica.

● Uma mostra de trabalhos de **Homem Cardoso** está patente na Galeria «Beira Vouga», nas Termas de S. Pedro do Sul.

● Em Lagos continua aberta ao público a **2.ª Mostra de Artes Plásticas «Lagos 84»**. A mostra decorre no Armazém Regimental à Praça do Infante.

● A Fundação Ricardo Espírito Santo, a convite da Sociedade da Água do Luso, tem patente ao público no Casino do Luso uma **exposição de artesanato de arte** com peças executadas nas suas oficinas.

Teatro

● Numa iniciativa do Centro de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte, encontra-se em exibição no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian o espectáculo **De-seja-se Mulher**, de Almada Negreiros.

● **Io Apolloni, Carlos Vieira de Almeida e Manuel Mendonça** continuam a levar em digressão o espectáculo de Dario Fo, «Casal Aberto».

Música

● Esta tarde pelas 18 horas, no Museu Castro Guimarães, em Cascais, prossegue o **X Festival de Música da Costa do Estoril** com um concerto dos «**Novos Intérpretes**», participantes nos XXI Cursos Internacionais de Música.



Uma «performance» de Manuel Barbosa na IV Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira

Cinema

● No City-Cine prosseguem os Cinencontros. Esta noite,

pelas 23.45 h será exibido o filme de Alan Rudolph, **Roadie, os loucos caminhos do rock**.



Um trabalho de Matilde Marçal patente ao público na Galeria de Arte do Casino do Estoril

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a atravessar a rua nas passadeiras para peões



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 18.00: A gaita dos sete toles; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.25: No Estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: Musical; 21.30: Noites de luar; 24.00: Fecho. Noticiários intercalares às 18.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.45: Sonata, em si bemol menor; 16.15: Concerto em lá maior; 18.40: Canções, de Claude Debussy; 17.05: Divertimento, Sinfonia n.º 2; 17.35: Uma cerimónia de canções; 18.05: Quinteto em dó maior, de Franz Schubert; 19.00: Terra viva, planeta azul; 19.30: Música de bailado; 20.05: Quarteto n.º 41, em sol maior, de Joseph Haydn; 20.25: O canto e os seus intérpretes; 21.25: Transmissão directa das ruínas do Carmo de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; 23.30: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho.

RÁDIO COMERCIAL

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Programa do Sport Lisboa e Benfica; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca (2 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Desporto; 23.00: A 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97.4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Um programa de José Ramos; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Horizonte; 20.30: Programa da LAR; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Ouvir e pensar; 22.00: Hora de música; 23.00: Diário 23; 23.40: Bola branca (3.ª edição); 23.55: Meditando.

Rede Sul de FM

21.00: Paju; 21.30: Pentagrama.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: A Universidade na Rádio; 22.57: Boa noite; 23.00: A cor do som; 01.00: As superestrelas do FM. Noticiários a todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14.115

HORIZONTAIS:

- 1 Pessoa adulta do sexo feminino. Pronome relativo.
- 2 Arejara. (Bras.). O mesmo que uma (ant. e pop.).
- 3 Oportunidade. Chupar.
- 4 Pessoa amada. Género de insectos coleópteros que vivem nos cogumelos. Pronome reflexo.
- 5 Tumefacção, sobretudo nas axilas e nas virilhas (pl.). Prata (sq.).
- 6 Cidade de Angola. Apelido.
- 7 Reis. 5.ª dinastia chinesa que reinou de 202 a.C. a 220.
- 8 Mandrião. Nota musical.
- 9 Freguesia do concelho de Coimbra. Moeda oriental.
- 10 Cólera. Nome de letra. Suspiros.
- 11 Lançariam as sementes.

VERTICAIS:

- 1 Filho de Loth. Limpa metais.
- 2 Torga. Ir para fora.
- 3 Freguesia do concelho de Moimenta da Beira. Senhoras.
- 4 Existe. Jamais. Tempo do verbo ser.
- 5 Estava. Gálio (sq.). Guarnecem de asas.
- 6 Esboço. Germânico (sq.).
- 7 Remoque. Designação genérica das plantas herbáceas.
- 8 Circunscrição do distrito de Cabo Delgado.
- 9 Título honorífico na Índia (inv.). Moeda da Pérsia.
- 10 Pegas. Mal parecida.
- 11 Aconselhara. Samário (sq.).

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9965

HORIZONTAIS:

- 1 Fátiga. Designação do antigo parlamento na Rússia.
- 2 Aproximaremos.
- 3 Capital da Indonésia, na costa N. de Java. Carta de jogar.
- 4 Medida de superfície. Um gosto no meio de muitos dissabores.
- 5 Contracção da preposição de com artigo definido. Brasil (abrev.). Cobalto (sq.).
- 6 Transpira. Paladar.
- 7 Magoa. Cádmo (sq.). Ratam.
- 8 Grupos de três. Rio da Ásia Central, tributário do lago Balcacha.
- 9 Branquear com cal diluída em água. Existe.
- 10 Habitasse. Preposição e artigo.
- 11 Trituram. Desiste.

VERTICAIS:

- 1 Pancada com o cajado. Milímetros.
- 2 Animal da classe dos acarídeos. Filtro.
- 3 Carecera.
- 4 Senhora. Escameçam.
- 5 Arte de acrobata (pl.).
- 6 Assassinar. Numeral cardinal.
- 7 Níveis. Era cristã.
- 8 Preposição. Rio da Alemanha.
- 9 Artigo indefinido. Quadrúpede ruminante. Arsénio (s.q.).
- 10 Freguesia do concelho de Torre de Moncorvo. Mamíferos roedores apreciados em culinária.
- 11 Campeão. Repousava.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14.114

HORIZONTAIS:

- 1 GATO DE AÍ.
- 2 Ataca. LUVAS.
- 3 Rimo. Selara.
- 4 Um. Avila.
- 5 Osa. Bati.
- 6 Careada.
- 7 Ps. Aa. Ras.
- 8 Aa. Aterrara.
- 9 Ninharas. Cl.
- 10 Hao. Ter.
- 11 Asso. Oó. SSS.

VERTICAIS:

- 1 Garu. APANHA.
- 2 Atino. Saías.
- 3 Tamisa. Nos.
- 4 Oco. Aah.
- 5 Nara. Acra.
- 6 Saba. Ereo.
- 7 Elevar. RATO.
- 8 Ulite. RS.
- 9 Avaliara. NS.
- 10 Lara. Darias.
- 11 Ssa. Casacos.

Proverbo: Gato de luvas não apanha rato

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9964

HORIZONTAIS:

- 1 Mentira.
- 2 Asa. Caidas.
- 3 Zaimo. Oraís.
- 4 Raíra. Ai.
- 5 Nara. Acra.
- 6 Ar. Drs. Aspa.
- 7 Oaio. Ta. Aer.
- 8 Moscovo. Já.
- 9 Asa. Os.
- 10 Eva. Sul.
- 11 Mascara. Abé.

VERTICAIS:

- 1 Aaz. Não. Tem.
- 2 Sararam. Va.
- 3 Caíra. Lodas.
- 4 Miados.
- 5 Ao. Cala.
- 6 EC. Rastos.
- 7 Não. Avisá.
- 8 Tirara. Oau.
- 9 Ida. Asa. La.
- 10 Raia. Pejo.
- 11 Assinaras.

COTACÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTACÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	83\$85	89\$85
ALEMANHA FED (marco)	51\$85	52\$75
AÚSTRIA (xelim)	7\$30	7\$50
BÉLGICA (franco)	2\$392	2\$592
BRASIL (cruzeiro)	\$046	\$076
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	11\$325	11\$525
(notas de 5 a 1000)	11\$375	11\$575
DINAMARCA (coroa)	14\$15	14\$55
ESPAÑA (peseta)	\$864	\$984
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	147\$85	149\$85
(notas de 5 a 1000)	148\$35	150\$35
FINLÂNDIA (marca)	24\$50	25\$20
FRANÇA (franco)	16\$80	17\$50
HOLANDA (florim)	45\$75	46\$75
IRLÂNDIA (libra)	160\$00	164\$00
ITALIA (lira)	\$076	\$086
JAPÃO (lepe)	\$587	\$622
NORUEGA (coroa)	17\$90	18\$40
REINO UNIDO (libra)	19\$05	20\$05
SUECIA (coroa)	17\$75	18\$35
SUIÇA (franco)	62\$00	63\$10
VENEZUELA (bolivar)	\$930	10\$30

Observações:

1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O PERDÃO

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 6 a.
Festival Cantiflas
CANTIFLAS, O SR. DOUTOR
c/ Mário Moreno

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O RALI DAS GOZONAS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
BREAKDANCE
3.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
A ESPADA ERA A LEI
2.ª Semana

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
AS GRADES DO INFERNO

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 16 a.
LAÇOS DE TERNURA
Às 24
O EXECUTOR IMPLACÁVEL

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A CONQUISTA DO OESTE

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
QUANDO AS LUZES SE APAGARAM
Realização de Ronald F. Maxwell
Às 24
METEORO

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 13 a.
O SENTIDO DA VIDA

CINE-PLAZA 930793

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
OS COMANDOS DA NOITE

CONDES 322573

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
2.ª Semana

2000 2100055

Av. B. Voluntários, lts. 113/4

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
OS COMANDOS DA NOITE

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
A FÚRIA DO HERÓI

ESTÚDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
107.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
7.ª Semana

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
INFIELMENTE TUA

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
- M. 6 a.
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS
MÁQUINAS VOADORAS

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
A FILHA DO MINERO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A REPETENTE DE 3 ASSOMBROS
Às 24
FESTIVAL ROCKY DE TERROR

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
QUE PARÓDIA DE FÉRIAS

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
QUEM MATOU O PRESIDENTE?
PELA MIRA DA ESPINGARDA
c/ Tony Perkins e John Huston

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

ENCERRADO



Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
As mais altas emoções vividas a um
ritmo alucinante de acção!
MISSÃO SUICIDA

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.
MOONLIGHTING
Às 23.30 - Int. men. 18 a.
A 1.ª NOITE

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.
CLEMENTINE TANGO
Às 23.30 - M. 18 a.
O INTRUSO

SALA 3
Às 15, 18 e 21 - Int. men. 13 a.
STALKER
Às 24 - M. 13 a.
BRINCANDO COM A SORTE

SALA 4
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
Às 24 - Int. men. 18 a.
MAD MAX 1, AS MOTOS DA MORTE

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 18 e 21.15
- M. 18 a.
O PADRINHO I
Às 24
EXCESSOS

ROMA TEL 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
A ESPADA ERA A LEI

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
LOUCURAS NA PRAIA

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 13.45, 17.30 e 21.15
- M. 12 a.
O JULGAMENTO DE NUREMBERGA
2.ª Semana

SALA 2
Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30
- M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
6.ª Semana

SALA 3
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.45
- N. ac. men. 18 a.
OS CONTOS DE CANTERBURY
3.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à E. Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 18 a.
LENNY
Domingo às 11.15
ASTERIX E CLEOPATRA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.
AS MALHAS DA TRAIÇÃO

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 15, 17.30 e 21.45
- M. 16 a.
O ÚLTIMO FÓLEGIO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
UMA LOUCA HISTÓRIA DO MUNDO

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A SEMEIO DO DIABO
Às 23.45
FEBRE DAS NOITES DE
VERÃO

outros cinemas

Lisboa

OLÍMPIA - «Tarada Sexual», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO - «Clínica do Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
MUNDIAL - «A Espada Era a Lei», às 21.30 (Todos)
CINE-ESTÚDIO ACS - «Missão Suicida», às 21.15 (12 anos)
TERMINAL - «Que Paródia de Férias», às 21.30 (16 anos)
APOLLO 70 - «A Guerra do Fogo», às 21.30 (13 anos)
RETELO - «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)
ZODIACO - «O Império dos Sentidos», às 21.30 (13 anos)
ALFA-1 - «Breakdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - «Porky's II», às 21.45 (16 anos)
ALFA-3 - «A Fúria do Herói», às 21.45 (16 anos)
TIVOLI - «Breakdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-CLUBE - «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
LONDRES - «Cartas de Amor», às 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - «Casino» - «Laços de Ternura», às 21.15 (12 anos)
ESTORIL - «Palácio» - «Que o Diabo Seja Surdo», às 21.30
CASCAIS - «Oxford» - «My Fair Lady», às 21.30 (6 anos)

Outra Banda

ALMADA - Cineestúdio - «Annie Hall», às 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA - «Sincine» - «O Mensageiro», às 21.45 (18 anos)
ALMADA - Incrível - «Amantes de Verão», às 21.15 (18 anos)
CRUZ DE PAU - «Lord» - «O Templo de Shaolin», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Veio do Outro Mundo», às 21.30 (18 anos)

Porto

RIVOLI - «Olho por Olho», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «Sacrifício da Vida», às 21.30 (13 anos)
TERÇO - «Olho por Olho», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - «O Veredicto», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ - «A Mulher em Chamas», às 21.30 (16 anos)
VALE FORMOSO - «Júlia, uma Máquina Sexual», às 21.45 (18 anos)
OLÍMPIA - «Bruce Lee Contra-Ataca», às 21.30 (16 anos)
COLISEU - «Os Ladrões da Montanha Sagrada», às 21.30 (16 anos)
AGUIA - «A Espada Era a Lei», às 21.00 (Todos)
BATALHA - «Bingo Bongo», às 21.45 (6 anos)
FOCO - «Breakdance», às 21.45 (6 anos)
PASSOS MANUEL - «Breakdance», às 21.45 (6 anos)
PEDRO CEM - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.15 (6 anos)
SÃO JOÃO - «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (13 anos)
CHAPLIN - «Revelação», às 21.30 (16 anos)
JÚLIO DINIS - «Hotel Paraíso», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE - «Vidas em Jogo», às 21.45 (16 anos)
LUMIÈRE - «Sala A» - «A Educação de Rita», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE - «Sala L» - «Star 80», às 21.45 (18 anos)

Lisboa**PERMANENTE**

AJUDA: Lidia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637313); **ALVALADE**: Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS**: Valle, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA**: JGREJA: Marques, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **CAMPOLIDE**: Pátia, C. dos Meses, 30-A (T. 680627); **CHILE**: ALTO DE SÃO JOÃO: Vitale, R. Moais Soares, 69-C (T. 841779); **HOSPITAL DE SÃO JOSÉ**: DESTERRIO: Silar, R. de São Lázaro, 128 (T. 542829); **LUMAR**: Pastelaria, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **PALÁCIO DE SÃO BENTO**: Micael, R. de São Bento, 380-382 (T. 662162); **PAMPULHA**: Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003); **PENHA DE FRANÇA**: Central da Penha, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **VALE FORMOSO**: R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **BRANDOSA**: COLINA DO SOL - AMADORA: Vidal Reis, Urbanização Alfarelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS**: Gonçalves, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662).

REFORÇO

BAIXA: Durão, R. Garrett, 92 (T. 324166); **CAMPO D'OURIQUE**: Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 2519939).

teatros

Lisboa

GULBENKIAN - «Deseja-se Mulher», às 21.30
VILLARET - «Super-Silva», às 21.30 (12 anos)
IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DOS CARDEAIS - R. do Século - «A Troca»

666206); **ESTEFÂNIA**: Morgado Lourenço, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); **ESTRELA**: Martins, C. da Estrela, 165-167 (T. 660823); **JOÃO XXI**: Onilda, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **MARQUES DE POMBAL** - PICOAS: Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS** NORTE: Central dos Olivais, R. Alfere Barrilero Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVA**: Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PI-CHELEIRA**: Markuz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO**: Correia Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **VALE DE SANTO ANTONIO**: Costa Ferreira, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); **BURACA** - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A; **OLIVAL BASTO**: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PONTINHA**: Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220); **PRIOR VELHO**: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra banda

ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente;
COVA DA PIEDADE: Louro, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente;
COSTA DE CAPARICA: Higien, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas;
LARANJEIRO: Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 229030). Até às 22 horas;
SIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **LAVRADIO**: Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas;
BARREIRO: Santa Marta, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente;
BAIXA DA BANHEIRA: Telcelira, B. de Moçambique, 84-A (T. 2040946). Até às 19 horas;
CORROIOS: Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas;
CRUZE PAU: Fonseca, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas;
ALDEIA DE PAIO PIRES: Central, E. Nacional, 9 (T. 2519939).

2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO**: Higien, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370); **MOTA**: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (239025). Até às 19 horas;
ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas;
ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas;
SETUBAL: Brasil, P. do Brasil, 15 (T. 247788). Permanente;
Costa: R. da Misericórdia, 48 (T. 22760). Permanente;
Isabel: L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Almeida Nito, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente;
LINDA-A-VELHA: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 2191235). Até às 19 horas;
TIRÉS: Guimarães, L. D. Duarte, lote A, r/c (T. 2471204). Permanente;
NOVA OBRAS: Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 247723). Até às 22 horas;
CARCAVELOS: Villar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente;
SÃO DOMINGOS DE RAMA: Godinho da Silveira, Av. de Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas;
PARÉDE: Grincho, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente;
SASSOEIROS: Amarel Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas;
BIRRE: Imani; **MADORNA**: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas;
AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas;
ESTORIL: Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 26019). Até às 22 horas;
CASCAIS: Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485). Permanente;
Igreja: R. da Igreja, 22-A (T. 937740). Até às 22 horas;
DAMAIA: Damais, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas;
QUELUZ: Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841). Até às 22 horas;
CAMARATE: Mendonça, Apeiação, até às 19 horas;
CACÉM: Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente;
ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato, R. dos Morais, 1 (T. 9212038). Permanente;
MERCÉS: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas;
RINCHOA: Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 926006). Até às 22 horas;
SINTRA: Gomes da Silva, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente;
COLARES: Abreja (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas;
SACAVÉM: Maria, R. Salvador Alende, lote 2 (T. 2514369). Permanente;
LOURES: Sávia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS
NACIONAL: R. Senhora da Luz, 156, Foz; **COUTO**: L. de São Domingos, 106;
FERRERIA DA SILVA: R. dos Mártires da Liberdade, 150;
GOMES FERREIRA: R. de Faria Guimarães, 449;
MELO TAVEIRA: R. Alcaide de Faria, 77.

DE DIA E TODA A NOITE

VITALIA: P. da Liberdade, 34;
CONFIANÇA: R. de Santa Catarina, 960;
NAU VITÓRIA: R. de Nau Vitória,

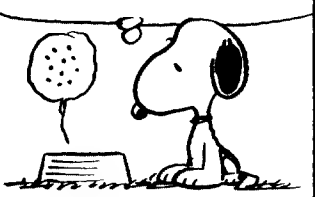


DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.
 Administração, Publicidade, Imprensa e Serviços Gráficos
 RUA LUIZ BOMBARDO, 46 - 1200 LISBOA
 TELEFONES: 3211545 - 32277723
 Telex: 32277723
 Serviço de correio: 32277723
 Fax: 3211545
 Redacção: 32277723

DELEGACÃO DO PORTO
 Rua de Almeida, 30-2 - 4000 PORTO
 Telefones: 32254/5
 Distribuição: INTERPRESS
 Rua de Norte, 115-1 - 1200 LISBOA
 Telefones: 322100-322204-320784

AS PULGAS ACROBATAS TAMBÉM VEM EXIBIR-SE?



É MUITO EXCITANTE, PULGUINHA, MAS NÃO ESTÁS NO COLISEU DOS RECREIOS...



ESTÁS NO MEU PRATO DE COMIDA!



NÃO, NÃO SEI ONDE SE VENDEM CHAPEUS VERMELHOS!



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR					
8.23	3,1	m	1.52	1,8	m
21.04	3,1	m	14.30	1,8	m
Dia 21					
9.45	3,1	m	3.06	1,8	m
22.36	3,1	m	15.56	1,8	m

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	18°
BRAGANÇA	17°
VILA REAL	11°
PORTO	17°
COIMBRA	18°
CABO CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	17°
LISBOA	19°
ÉVORA	15°
BEJA	15°
FARO	18°
SAGRES	17°
PONTA DELGADA	19°
FUNCHAL	20°

Governo paga pouco e a más horas

Bombeiros de Setúbal asseguram que é "milagre" ainda andarem

Só a dedicação dos Bombeiros Voluntários de Setúbal (BVS) «explica o milagre de as automacas da corporação não pararem por falta de combustível», disse à ANOP o presidente desta associação, Sobral Rodrigues.

«O Ministério dos Assuntos Sociais, que paga aos seus funcionários 24 escudos por quilómetro nas deslocações, em carros ligeiros, só paga aos bombeiros 12,5 escudos ao quilómetro pelas ambulâncias, bem mais pesadas», acrescentou aquele dirigente.

«Temos de pagar o combustível a prazos, acrescentou Sobral Rodrigues, mas recebemos esse

insuficiente subsídio com atrasos de oito e nove meses, e tanto assim que só há dias recebemos o respeitante ao segundo semestre de 1983», acrescentou.

«Temos feito diligências junto dos Ministérios da Administração Interna e dos Assuntos Sociais (de que dependem Bombeiros Voluntários e Sapadores), mas a única resposta que recebemos é o silêncio», disse ainda Sobral Rodrigues.

O presidente da direcção dos BVS lembrou serem os referidos subsídios e consequentes dificuldades comuns a todas as corporações portuguesas, para salientar que «mais de 70 por cento dos serviços de saúde prestados em Portugal são devidos aos Bombeiros Voluntários».

Sobral Rodrigues evocou igual analogia com as restantes corporações portuguesas ao apontar as carências em material dos BVS, cuja frota automóvel de nove viaturas, compreende, além de duas automacas e um carro todo o terreno, estes em bom estado porque novos, seis veículos «cedidos há dezenas de anos pelo Exército por Incapazes».

A associação dos BVS, fundada há mais de cem anos (19 de Outubro de 1883), está desde o ano passado a organizar na sede o seu próprio museu, a inaugurar

no dia do centésimo primeiro aniversário.

Nele se reunirá, indicou Sobral Rodrigues, o pouco que resta do espólio da Associação, pois muito se extraviou ao longo dos anos» em proveito de terceiros.

Peça notável do museu será uma escada «Magirus», oferecida à corporação, há mais de 90 anos, pela Rainha D. Amélia.

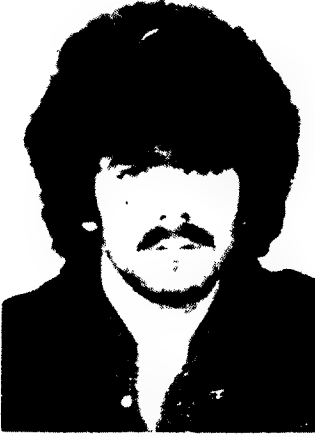
«É tão importante, disse o dirigente, que os fabricantes ingleses mandaram-nos recentemente, um delegado, a propor-nos a troca desta escada por outra dos últimos modelos, à nossa escolha, mas nós não queremos transaccionar património, mas conservá-lo».

Tinha-se evadido há um ano

Assassino de guarda-nocturno capturado em Santo Amaro

A Polícia Judiciária acaba de deter num restaurante em Santo Amaro de Oeiras, o perigoso caçador, António Fernando Machado da Cunha, de 26 anos, que, na madrugada de 4 de Abril do ano passado, se evadiu da prisão-hospital S. João de Deus, em Caxias. A fuga, tentada por mais cinco reclusos, capturados nesse mesmo dia, teve lugar a partir do 4.º e último andar do edifício, por meio de lençóis previamente amarrados.

Segundo afirmara então ao «DL» o dr. Fernando Duarte, subdirector dos Serviços Prisionais, a evasão já deveria ter sido planeada há alguns meses pois os seis homens tinham dado entrada em Caxias após se haverem injectado com petróleo, na Cadeia de Vale de Judeus, em Alentejo. «Este tipo de injeção — referiu — provoca grandes tumefacções purulentas nas pernas, pelo que necessita normalmente de tratamento hospitalar por alguns dias. Eles sabiam disso e prepararam portanto o plano de fuga para quando estivessem em Caxias, de onde lhes



António Cunha

seria mais fácil escapar».

António Cunha cumpria na altura em que se evadiu uma pena de 17 anos de prisão, pelo homicídio de um guarda nocturno, na Damaia, e pelo assassinio do seu antigo companheiro (ajuste-de-contas) José Joaquim Pereira, por alcunha «O Passarinho».

Detido "chefe" dos Beach Boys



O cançonetista e chefe do grupo Beach Boys, Brian Wilson, foi ontem detido por ter entrado ilegalmente no local onde começa hoje a Convenção do Partido Republicano dos Estados Unidos.

Wilson, cujo grupo actuou sábado nas festas organizadas paralelamente à convenção, estava acompanhado por dois homens a quem a Polícia detectaram «pastilhas».

Os dois homens foram detidos e acusados de posse de drogas ilegais e Wilson foi acusado de entrada ilegal no Centro de Convenções.

A Polícia deteve outro homem no sábado por falta de credenciação para entrada no Centro de Convenções. Um morcego foi, ao que se sabe, o único animal impedido de entrar no local da convenção.

Foi detectado pelos técnicos de som e luz que testavam o equipamento que assegurará o melhor espectáculo para a Convenção Republicana. Ao que se crê, o morcego estava só a fugir da intensa temperatura que se registava em Dallas.

De Lorean absolvido quer dedicar-se ao serviço da Igreja

O industrial norte-americano John de Lorean, absolvido a semana passada de acusações de tráfico de drogas, anunciou que tenciona dedicar o resto da sua vida ao serviço da Igreja.

«Durante o meu julgamento, não quis prejudicar a Igreja. Agora quero empenhar-me nos seus programas, basicamente, é isso que farei o resto da minha vida» — disse de Lorean, um cristão renascido.

«Lembram-se do sujeito que estava na cruz ao lado de Jesus?» — perguntou o industrial aos jornalistas. «Tornou-se depois cristão e penso que é para isso que Deus nos põe em situações difíceis. Não é fácil ser um bom cristão quando se tem uma vida sem problemas».

De Lorean tornou-se cristão renascido depois de ter sido detido em Outubro de 1982.

Na quinta-feira, foi absolvido das acusações de envolvimento no tráfico de drogas para tentar salvar da falência a sua fábrica de automóveis de Belfast (Irlanda do Norte).

Entretanto, uma comissão parlamentar britânica convidou De Lorean a explicar o desapareci-

mento dos milhões de libras investidos pelo Governo britânico na fábrica.

Tanto o Governo conservador de Margaret Thatcher como o anterior Governo trabalhista foram criticados por ter investido 77 milhões de libras na fábrica, que praticamente tinha falido, quando o Governo britânico ordenou o seu encerramento em 1982, sete horas depois da detenção do industrial.

A Comissão Parlamentar de Contas Públicas disse na sexta-feira que gostaria de perguntar a Lorean o que aconteceu ao equivalente a 17,5 milhões de dólares desse dinheiro aparentemente desaparecidos na Suíça.

Em Detroit (Michigan), um grupo que representa os credores de De Lorean junto do Tribunal de Bancarrotas afirmou que nove milhões de dólares investidos no projecto foram canalizados através de uma companhia panamenha registada na Suíça para bancos norte-americanos, para uso pessoal do industrial.

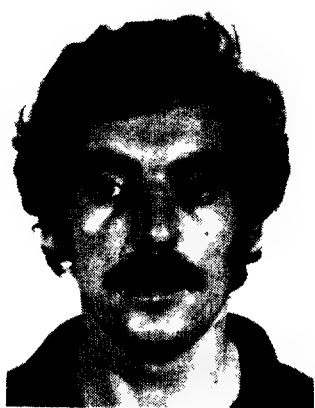
A imprensa britânica de hoje também incita o industrial a desloca-se à Grã-Bretanha a fim de prestar contas do dinheiro que o Governo investiu na fábrica.

Já se entregou um dos quatro evadidos da cadeia da PJ

Um dos quatro reclusos que se evadiu, sábado, do edifício da Polícia Judiciária, em Lisboa, já se entregou às autoridades. Trata-se de Joaquim Prazeres Tavares da Silva, de 25 anos, acusado de diversos assaltos a estabelecimentos comerciais que juntamente com três outros reclusos fugira, tal como noticiámos, da área prisional da PJ, na Gomes Freire, depois de ter serrado as grades da cela.

Tavares da Silva entregou-se no domingo da manhã ao piquete da Polícia Judiciária, ou seja, cerca de trinta horas depois da evasão.

Quanto aos outros três reclusos que ainda continuam a monte são José Joaquim Sousa Oliveira, António Domingos Raposo e José Manuel Oliveira



Joaquim Tavares da Silva

Infância, todos igualmente implicados em assaltos, alguns deles à mão armada.

“Governo quer afastar cooperativas do sector portuário”

A Cooperativa de Tráfico Portuário (Coomapor) acusou esta manhã o Governo de aprovar legislação que visa afastar as cooperativas da actividade de operador portuário.

Em conferência de Imprensa, os dirigentes da Coomapor — o maior operador do porto de Lisboa — afirmaram que um conjunto de diplomas enviado para promulgação ao Presidente da República mantém a disposição do

Decreto 46/83, que apenas prevê o licenciamento de sociedades ou empresas públicas como operadores portuários.

Os dirigentes sublinharam que a Coomapor foi fundada em 1970 e começou a actuar como operador portuário em 1972, tendo em 1982 atingido um lugar entre as mil maiores empresas portuguesas com um volume de vendas de 542 mil contos.

Acrescentaram que com 650 mil contos de vendas em 1983 e perto de 3000 cooperantes, continua a ser o operador portuário de maior dimensão em número de trabalhadores utilizados e em tonelagem de carga movimentada, possuindo instalações próprias e os mais eficazes equipamentos utilizados no sector.

Os dirigentes cooperativistas acusam o Governo de, com a legislação enviada para promulgação, pretender, a coberto de inter-

Rua do Funchal tinha princípio e fim — agora vai ter o “meio”

A Rua 5 de Outubro, no Funchal, é uma daquelas coisas que desde há anos faz rir as pessoas. Todas as cidades têm um motivo destes, como forma de distraírem as populações de males maiores.

Mas vem sempre um dia em que alguém se preocupa e quer acabar com essas «mazelas». Com a funchalense Rua 5 de Outubro, a ameaça de lhe dar princípio, meio e fim surgiu há cinco ou seis anos.

No fundo, no fundo, tratava-se, apenas de lhe dar o «meio», que

o resto já havia. De quando em quando voltava a falar-se no assunto mas rapidamente surgia algo mais curioso, até porque o presidente do governo regional não dá tréguas.

Eis, porém, que há duas semanas tudo começou a mudar, cada vez mais aceleradamente. E, agora, para espanto dos funchalenses, está-se mesmo em artes de asfaltagem. Para que o meio se torne mais próximo do fim, o princípio da Rua 5 de Outubro, no Funchal.

CONVENIÊNCIA
E PAIXÃO



Págs. 4 e 5

sete
ponto
sete

PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"

Destaque:
Mr. «Gaffe»



Pág. 2



Gdansk, 1.º de Maio de 1983: manifestantes dispersados por gases lacrimogéneos, junto à estação ferroviária

Um segredo de Estado do general Jaruzelski

Para quê a amnistia?

Pág. 3

Esquecer e não esquecer

JOÃO MENDES

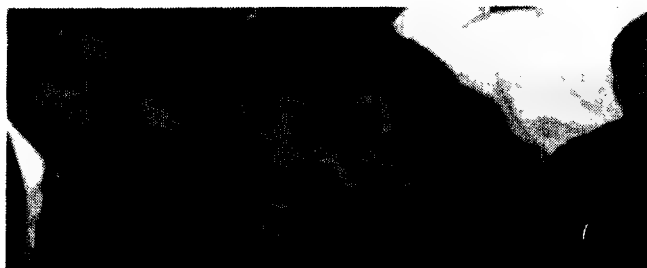
DEVIDO a uma dessas idiossincrasias de aquém Pirenéus que tão caracteristicamente nos isolam do resto da Europa, o filme de Stanley Kramer sobre um dos julgamentos de Nuremberga só agora, 23 anos depois da sua estreia em Berlim, aparece entre nós. E o comentário a seu respeito que mais atenção me mereceu foi o de um moço de 16 anos que, depois de o ver, não percebia «porque o proibiram, na altura, e também mais tarde, durante o marcelismo», em Portugal. Dizia ele: «Se o regime não quis nunca fazer o elogio claro do nazismo, porque proibiram esse filme americano sobre o fim da guerra, onde são condenados juizes que colaboraram com ele?».

O filme é estreado em Lisboa e dias depois desembarca na Portela um estranho apátrida, um velho arcebispo ortodoxo de origem romena. Vem dos EUA, onde reside há 37 anos, porque as autoridades americanas acabaram por lhe retirar a cidadania. Chama-se Viorel Trifa e é conhecido pelas suas «actividades pró-nazis durante a Segunda Guerra Mundial». A Itália, a Alemanha Federal, a Suíça, Israel e o seu país de origem, a Roménia, recusaram-se a recebê-lo: não ignoravam o seu papel nos «Guardas de Ferro», espécie de SS romenos que acabaram por ser combatidos pelo próprio regime de Antonescu, que temia o poder crescente do grupo. Trifa esteve directamente ligado, em 1941, aos massacres de Bucareste e de Jassy, e veio, com outros proeminentes «Guardas de Ferro», a obter asilo na Alemanha de Hitler, que os utilizou como coadjuvantes de torcionários em Dachau e Buchenwald. Trifa diz agora que possui provas do seu internamento neste último campo, mas Simon Wiesenthal garante que todos os «Guardas de Ferro» ali hospedados conseguiram, terminada a guerra, papéis que, de algozes, os transformavam em vítimas.

Um porta-voz do Departamento de Justiça americano — entidade que fez acompanhar Trifa ao aeroporto, para se certificar de que ele tinha abandonado os EUA — regozija-se agora por o terem «despachado». A sua declaração a este respeito tem o sabor de um satisfeito «Uf!». As autoridades portuguesas, por seu turno, declararam-se implicitamente enganadas pelos americanos, que passaram ao arcebispo um certificado de registo criminal «limpo». O facto é que não se preocuparam em investigar a razão porque os EUA lhe haviam retirado a cidadania. Agora terão de apurar se ele é atingido pelo Decreto-Lei 264/B de 1981, segundo o qual «serão expulsos do território nacional os estrangeiros que tenham praticado actos que, se fossem conhecidos das autoridades portuguesas, teriam obstado à sua entrada no

Continua na pág. 8

Só entre nós



INQUIRIÇÕES

A Congregação Romana para a Doutrina da Fé convocou para Roma, a 7 de Setembro próximo, o padre brasileiro Leonard Boff, um dos mais conhecidos defensores da «Teologia da Libertação». Ele vai ter, no Vaticano, de se explicar sobre o seu último livro, *Igreja, Carisma e Poder*, onde são examinadas as relações entre a Igreja Católica e o poder temporal. Alvo de nova ofensiva do Vaticano, Boff será interrogado sobre a ortodoxia das suas ideias por uma comissão de inquérito presidida pelo cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação. Boff, um franciscano, de 46 anos e Gustavo Gutierrez, um peruano, estão sob «inquérito presidida pelo cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação, Boff, um franciscano de 46 anos e Gustavo Gutierrez, um peruano, estão sob «inquérito doutrinal» desde há um ano, mas os bispos brasileiros e peruanos têm-se recusado a tomar posição sobre o pensamento dos dois homens. A convocação de Boff pelo novo Santo Ofício representa pois, uma escalada contra o movimento teológico que «tomou partido pelos pobres». ■

«AMIZADE 84»

As Olimpíadas do Leste», anunciadas antes do início dos «Sujos Jogos de Reagan» começaram na sexta-feira simultaneamente em Moscovo, Tallin, na Checoslováquia, na Hungria, na Bulgária, na Polónia, na RDA e em Cuba. Os telespectadores soviéticos já começaram a ver grandes reportagens sobre estes jogos e também o *Vremia* telejornal soviético, tem dado à iniciativa o maior destaque. Os atletas destes países deverão agora demonstrar que são os melhores, tentando superar o maior número possível de recordes estabelecidos em Los Angeles. Devido ao gigantesco esforço feito pela URSS, há quatro anos para defender o Olimpismo contra o boicote decidido por Carter, a imagem de tudo quanto se relaciona com o desporto olímpico é muito positiva na opinião pública soviética. Este facto teve consequências negativas quando, em Abril, se iniciou a campanha contra os jogos americanos. Mas os que agora se disputam entre atletas do mundo socialista, sob o nome de «Amizade 84», poderão compensar a frustração provocada pela ausência em Los Angeles. ■

«MUITO BEM, MUITO BEM»

Quinze medalhas de ouro, oito de prata e nove de bronze são um «ótimo score» para a participação da China Popular em Los Angeles. As vitórias chinesas foram frequentemente saudadas em Pequim com o estalar de foguetes e com desfiles ciclistas pelas ruas da capital. O «Diário do Povo», extremamente sóbrio, consagrou dois terços da sua primeira página à vitória das jogadoras de volley, por exemplo, relegando para segundo plano a muito importante visita a Pequim do primeiro-ministro norte-coreano, no mesmo dia. Além disso, transcreveu o comentário entusiástico do secretário-geral do PCC, Hu Yaobang: «Muito bem, muito bem». Muitos dirigentes deslocaram-se ao aeroporto da capital para receberem, de braços abertos a embaixada desportiva que tão exemplarmente representou o país nos EUA. Outro facto digno de nota foi o «fair play» com que os media chineses noticiaram êxitos dos atletas de Taiwan. ■

VOZ DA AMÉRICA

A agência para a Informação dos EUA (USIA) vai consagrar 125 milhões de dólares à renovação de um emissor de rádio em Tânger, Marrocos, para o transformar «num dos mais poderosos do Mundo». A estação de Tânger será encarregada de transmitir os programas da «Voz da América» destinados aos países da Europa de Leste e à franja ocidental da URSS. Por outro lado a CBS, o segundo maior «network» norte-americano, assinou um acordo com a televisão nacional da China Popular (CCTV) que prevê a cedência de 64 horas de programas. Entre os programas cedidos à China a partir de Dezembro figura o magazine de informação «60 minutos», muito popular nos EUA. É a primeira transacção do género entre os dois países, e audiência da CCTV é de 63 milhões de pessoas, segundo a agência UPI. ■

DESTAQUES

«Clap, clap, clap.» As palmas não páram. Todo o mundo achou imensa graça à piada de Reagan sobre o bombardeamento da URSS. Os que mais riem são a TASS... e Mondale.

Brincadeiras do catano

Foi uma daquelas «gaffes» monumentais, que um presidente dos Estados Unidos não deveria cometer, sobretudo quando pretende ser reeleito e quando os «seus» Jogos Olímpicos tinham acabado em beleza, retransmitidos para meio mundo, através de uma ABC chauvinista e parcial. No sábado, dia 12, ele devia fazer uma comunicação à Nação. Tratava-se de testar os microfones. Reagan poderia ter contado até dez, mas em vez disso preferiu dizer: «Aos meus caros compatriotas americanos: é com satisfação que vos anuncio que acabei de assinar uma acta legislativa que pôs para sempre a Rússia fora-de-lei. O bombardeamento começa dentro de cinco minutos.» Os jornalistas tinham gravado o som e, apesar das pressões da Casa Branca, divulgaram a gravação. O «escândalo» só rebentou na segunda-feira.

A Casa Branca viu-se forçada a confirmar, com um sorriso amarelo, que tinha sido uma brincadeira do presidente. Então, a «bomba» rebentou, e o mínimo que se pode dizer é que a «brincadeira» do presidente foi muito mal recebida, nos Estados Unidos como no estrangeiro.

Gary Hart, senador do Colorado e infortunado «challenger» de Mondale na investidura democrática, diz que a gaffe de Reagan mostra como «o presidente julga tão pobremente problemas de importância extrema para este país.» Diz, também, que «se calhar é em momentos deste género que aparecem os seus verdadeiros sentimentos, e é isso que é mais inquietante.»

Os condutores da campanha de Mondale, por seu turno, considerarão que Reagan os premiou com a sorte grande. A brincadeira de mau gosto do presidente republicano pode ser utilizada a fundo pelo candidato do Partido Democrático, apesar de Mondale ter tido uma primeira reacção muito sóbria à divulgação da gravação, como quem capitaliza para o futuro.

Ele limitou-se, com efeito, a comentar que «um presidente tem de ser muito prudente no que diz.» «Estou pronto a admitir que ele pensava brincar... Mas as suas palavras não serão esquecidas, e vão ser ouvidas pelo mundo inteiro.»

Ao mesmo tempo, no estrangeiro, algumas das primeiras reacções conhecidas manifestavam extrema dureza para com Reagan: em Bona, os serviços de Imprensa do Partido Social-Democrata divulgavam uma nota considerando que «o Senhor de quem depende a vida, ou a destruição pelo fogo, de toda a Europa, é visivelmente um velho irresponsável». Os Verdes alemães consideram que «esta farsa perversa é de molde a fazer gelar o sangue de todo e qualquer homem razoável». Uma agência holandesa comentava: «Esperemos que o homem teste melhor os seus mísseis do que os seus microfones».

Na Inglaterra, um parlamentar trabalhista, David Winnick, pediu à Sra. Thatcher que transmita ao presidente Reagan «que o povo britânico não gosta daquele tipo de humor doentio. Não se ousa imaginar qual seria

a reacção do presidente americano e dos Estados Unidos se Tchernenko fizesse referências do mesmo tipo aos EUA.»

A Leste, as reacções também não se fizeram esperar: a agência PAP, polaca, divulgou a informação a partir dos seus escritórios em Washington e, enquanto comentava o «comportamento irresponsável» de Ronald Reagan, recordava que este, em 1982, qualificou publicamente os dirigentes polacos como «um bando de inúteis e de fracotes».

Na terça-feira, 14, tentando pôr água na fervura sem o entanto minimizar a importância do acontecimento, o *New York Times* tentava dar o tom e conter a especulação: «A destruição nuclear não é um tema com o qual as pessoas gostem de brincar. Não há risco de que a frase seja tomada a sério, mas há risco de que ela seja mal interpretada».

Não havia risco de que fosse tomada a sério?

Na quinta-feira, a TASS divulgou um comunicado sobre as palavras de Reagan, dizendo que «na URSS condena-se este ataque hostil, sem precedentes em relação à União Soviética e perigoso para a causa da Paz».

A TASS diz que a frase foi proferida «durante o processo de trabalho» que antecedeu o discurso do presidente, e não se refere a testes de microfones. O comunicado acrescenta que, agora, «a Casa Branca esforça-se por convencer a opinião pública de que foi apenas uma brincadeira do chefe da administração americana».

A agência oficial soviética só distribuiu o seu comunicado depois de conhecidas algumas significativas reacções ao incidente, como as que acima citamos. «É verdade que, desta vez, Ronald Reagan não assinou tal lei nem autorizou o início do bombardeamento», diz o texto. «Mas também não foi por acaso que as palavras presidenciais geraram séria preocupação no seio da população dos Estados Uni-

dos e de outros países.»

Depois de inserir o episódio «brincalhão» nas manifestações do «espírito de cruzada», na doutrina das guerras nucleares limitadas e prolongadas e nos planos político-militares de domínio mundial dos EUA, a TASS afirma que, apesar de a Administração americana pretender silenciar tudo isto, «os actos práticos falam por si». A agência soviética aproveita o ensejo para condenar os EUA por aumentarem aceleradamente os armamentos nucleares, químicos e convencionais, bem como os novos armamentos cósmicos. Antes de garantir que a URSS «fez e fará tudo o que estiver ao seu alcance para salvaguardar a paz na Terra», a TASS refere-se, ainda, directamente, ao contexto eleitoral americano, dizendo que «nenhuma retórica pseudo-apaziguadora de Washington, que se começa a notar, de vez em quando, visando objectivos eleitorais, deve levar ao engano. É evidente a incoerência desta retórica com os actos reais, e se alguém ainda tinha quaisquer dúvidas a este respeito, as recentes revelações do presidente Reagan devem abri-lhes os olhos».

(Por coincidência, a URSS tinha ameaçado, na terça-feira, instalar mísseis de cruzeiro de longo alcance dirigidos contra objectivos nos EUA, para equilibrar a instalação, na Europa Ocidental, de mísseis americanos correspondentes. A ameaça de restabelecimento do equilíbrio do terror era acompanhada pelo seguinte comentário da TASS: «Os estrategistas do Pentágono deveriam interrogar-se sobre quanto lhes vai custar a instalação de uma nova defesa antiaérea cobrindo o conjunto do território americano, para o proteger contra os mísseis de cruzeiro». O questionamento inverso também é plausível, visto que a defesa antiaérea soviética do conjunto do território da URSS deve, desde a instalação dos «euromísseis», representar somas igualmente imimagináveis.)

Os leitores de Roger Vailland devem lembrar-se de um papagaio que, em «A cabra cega», perante uma cena de sangue, repete evasivamente: «Brincadeiras do catano...» A Casa Branca e os responsáveis pela campanha de Reagan bem podem voltar ao antigo mercado de piadas de Hollywood: nos tempos áureos dos estúdios, havia tipos cheios de graça que vendiam anedotas aos realizadores e aos actores — muitas das quais vieram a ser utilizadas nos «scripts». A cotação variava, ao que parece, entre um e dez dólares. Quanto terá valido, para a TASS e para Mondale, a «piada» do velho actor?

SETE PONTO SETE



Reagan: «Ninguém me achou graça»



Mondale: «Eu achei-lhe um piadão»

S O C I E D A D E



Katowice, Outubro de 1981: elementos do «Solidariedade» falam a um agrupamento sobre uma carrinha de polícia que acaba de ser voltada



Dezembro de 1981: depois da declaração do estado de sítio, locutores fardados lêem o noticiário televisivo



31 de Agosto de 1982: a assinatura dos acordos de Gdansk continua a ser celebrada nas ruas, mas a milícia está atenta às manifestações e aos activistas do «Solidariedade»

«Voces sabem como foi celebrada a festa nacional polaca em 1984» — «Sim, com uma grande amnistia.» — «E sabem como será celebrada a festa nacional em 1994?» — «Sim, com uma amnistia ainda maior.» O humor negro não nasceu do 13 de Dezembro de 1981, na Polónia. Mas esta anedota significa a desconfiança com que é observada a aplicação da lei de amnistia aprovada em 21 de Julho passado.

Uma amnistia para quê?

Pouco a pouco, as autoridades polacas satisfazem os compromissos que assumiram quando fizeram votar, a 21 de Julho, a lei de amnistia para os presos políticos. No passado dia 9, chegou a vez de sair da cadeia o «inimigo número um» do regime, o infatigável Jacek Kuron, um dos fundadores do KOR («Comité de Autodefesa Social»). Foi discretamente conduzido a casa, onde tinha sido detido a 13 de Dezembro de 1981, quando da proclamação do estado de sítio.

ESTA libertação não deve ter custado pouco ao general Jaruzelski e aos seus amigos, mas é forçoso reconhecer que a promessa foi cumprida. Jacek Kuron, que passou na prisão cerca de metade dos últimos vinte anos, tinha sido inculcado, juntamente com os seus amigos Adam Michnik, Henryk Wujek e Zbigniew Romaszewski, por «conspiração contra o Estado», e apresentados em tribunal a 13 de Julho último. Também é verdade que as autoridades preferiram adiar *sine die* o processo, logo no seu segundo dia, não só para não matarem no ovo a operação amnistia que já se encontrava em preparação,

mas também, sem dúvida, para não oferecerem uma tribuna política aos antigos conselheiros do Solidariedade cuja culpabilidade teria sido, ao que parece, muito difícil de provar.

Com a saída de Kuron — que ainda na Primavera passada recusara o acordo que lhe era proposto pelo poder: a liberdade em troca do exílio — a quase totalidade dos chefes históricos do Solidariedade estão agora em liberdade, mesmo tratando-se de uma liberdade estreitamente vigiada. Quando ele saiu, estavam na iminência de serem libertados Henryk Wujek, outro membro do KOR, e Jan Rulewski,

do Solidariedade. No total, mais de 600 presos terão beneficiado da amnistia.

Mas com que objectivo? Porquê esta amnistia? É evidentemente o general Jaruzelski quem detém a chave da resposta, mas ele não fornece explicações a esse respeito. A oposição interroga-se, e sente que a hora exige prudência em vez de precipitação. Neste aspecto, as declarações de Kuron ou de Michnik à saída da prisão são especialmente reveladoras: «Saio de quase três anos de cadeia e de isolamento. Estou ainda em estado de choque. Não me peçam que faça qualquer análise política. Fazê-la seria dar prova de irresponsabilidade. Primeiro, quero perceber em que país vivo», declarou Kuron aos jornalistas ocidentais que se apressou a convocar para sua casa, relançando uma velha tradição.

Com efeito, os dirigentes da oposição precisarão sem dúvida de um considerável lapso de tempo para prepararem uma nova estratégia face ao general Jaruzelski. A curto prazo, porém, terão de tomar posição sobre dois pontos: por

um lado, deverão determinar qual a linha política a aconselhar aos militantes do Solidariedade que vivem ainda na clandestinidade; por outro, têm de tomar posição sobre a sorte de dois desses militantes, presos recentemente e que não beneficiam, segundo as autoridades, da lei de 21 de Julho: Solidaries Bodgan Lis, n.º 2 do Solidariedade clandestino, e seu adjunto Piotr Mierzewski.

O destino reservado aos dois dirigentes clandestinos pode ser crucial para o futuro da operação política empreendida pelo general Jaruzelski. Nenhuma abertura política parece poder ser reconhecida se Bodgan Lis e Piotr Mierzewski continuarem ameaçados por um processo de alta traição. Além disso, o destino dos dois homens é atentamente seguido por Washington, onde se sublinha que a normalização das relações políticas e comerciais com Varsóvia está dependente da boa vontade e da boa fé que presidirem à aplicação da lei de amnistia. Trata-se de um argumento de peso, na medida em que é claro que um dos objectivos da lei

de 21 de Julho é, exactamente, o de alcançar essa mesma normalização.

A crise económica em que se debate a Polónia diga em público o que disser o general Jaruzelski, está a conduzir o país para a necessidade de um acordo com o FMI. Também lhe é necessário o levantamento de um certo número de «sanções», e o fim da suspensão, por parte dos países da NATO, dos créditos «alimentares».

A questão dos dirigentes na clandestinidade é igualmente delicada: tem-se suscitado de que o general Jaruzelski procura, com a aplicação da lei da amnistia, desembaraçar-se de uma resistência clandestina que mantém a sua influência, quer incitando-a a «voltar à superfície», quer levando-a a opor-se aos militantes que acabam de ser libertados.

A lei de 21 de Julho permite efectivamente aos clandestinos beneficiar da amnistia, desde que relatem detalhadamente as suas actividades durante o período «subterrâneo», quer dizer: desde que revelem os nomes dos seus contactos e daqueles que os apoiaram, permitindo-lhes a sobrevivência e a fuga às investigações. Nestas condições é natural que poucos clandestinos tenham aproveitado a oportunidade que lhes é oferecida. Porque ofereciam eles à polícia, em troca de uma amnistia sob condições, a possibilidade de completar os seus ficheiros, com vista a novas vagas de prisões, sempre possíveis?

O verdadeiro teste das intenções do general Jaruzelski consiste, não na presente aplicação da amnistia, mas num eventual projecto de recons-

trução social do país. Libertar pessoas sobre a cabeça das quais é mantida uma espada de Damocles constituída por acusações simplesmente colocadas entre parêntesis, e sem alteração das condições políticas que, exactamente, levaram à sua prisão, acaba somente por representar uma operação táctica. Se as mesmas causas produzem os mesmos efeitos, a amnistia acaba por significar uma autorização de saída válida por algumas semanas ou por alguns meses.

Consciente da existência deste problema, um antigo conselheiro do Solidariedade, Bronislav Geremek, acaba de lançar um balão de ensaio, não excluindo a possibilidade do Solidariedade vir a trabalhar no seio do novo sistema sindical organizado pelo governo, desde que tal sistema se mostre compatível com certo pluralismo. Sem procurar negar a importância da presente libertação de prisioneiros políticos, que, segundo ele, se inscreve no espírito dos acordos de Gdansk de 31 de Agosto de 1980, Geremek afirma, numa entrevista concedida ao correspondente do *Financial Times*, que uma normalização frutuosa das relações entre os polacos e os seus dirigentes «não pode fundar-se na apatia (por razões económicas), e sim num certo pluralismo social». Como será compreendida a mensagem? É cedo ainda para responder. Mas se acaso não viesse a sê-lo, de todo, a sinistra anedota que circula, hoje, nas ruas de Varsóvia, poderá ser premonitória: vocês sabem como foi celebrada a festa nacional de 1984? — «Sim, com uma grande amnistia.» — «E sabem como será celebrada a festa nacional de 1994?» — «Sim, com uma amnistia ainda maior».

JACQUES AMALRIC

M

U

D

A

N

Mal as marjorettes de Los Angeles puderam esticar as pernas e desfazer o sorriso, o Comité Olímpico Internacional chamou a atenção para a Coreia do Sul e para os seus Jogos de 1988. É que a ameaça de boicote repete-se, e desta vez num país que vive em «estado de guerra» desde 1953... O general Chun quer esmagar Kim Il Sung, e o «Ocidente» quer dar mais uma lição aos «comunistas».

Seul já só pensa em 1988

Para a Coreia do Sul, os Jogos Olímpicos de 1988 já começaram, e são até a mais importante questão com que o Estado se defronta. Uma boa maneira de entrar em contacto com o tipo de «investimento» que o desafio de 1988 significa para o país, é conhecer o personagem que preside, desde já, ao Comité Organizador das próximas Olimpíadas: Trata-se de Roh Tae-woo, que foi, até 1981, general do exército sul-coreano, comandante do regimento (chave) da capital e dos Serviços de Segurança militares. Muito próximo do general Chun Doo-hwan, foi um dos seus principais apoios no golpe de Estado desse ano. A partir de então, Roh «tornou-se» civil, como ministro da Segurança do Estado e do Interior. Mal Seul foi designada para acolher os Jogos de 88, Roh passou a ministro dos Desportos, e depois a presidente do Comité Organizador. O presidente Chun gosta de afirmar que deposita cem por cento de confiança nas suas capacidades políticas e militares.

lidade de sanções contra os países que decidirem boicotar os Jogos.

Sobem também ao primeiro plano, no cenário ofegante do «tudo por tudo» sul-coreano, as dimensões ciclópicas do negócio 88, em termos de economia do país. Em duas palavras, Chun quer que os Jogos de 88 signifiquem para a Coreia do Sul, no mínimo, o que os de 64 significaram para o Japão: a espectacular e irreversível abertura ao exterior, especialmente ao exterior ocidental. Mas essa cidadania triunfante exige gastos sumptuários que o país, um dos mais endividados do mundo, vai suportar não se sabe como.

Integrados no plano quinquenal, os Jogos de Seul vão custar, segundo as estimativas actuais, três mil milhões de dólares mais do que os de Los Angeles. Esse valor inclui grandes projectos de infra-estruturas que deverão estar prontas dentro de quatro anos: a construção de um metropolitano destinado a transportar cinco milhões de pessoas por dia, o desenvolvimento do estreito rio Han (que atravessa a cidade), a construção de auto-estradas, etc... Sem contar com o «embelezamento» da capital, que é uma metrópole habitada por 9 milhões de almas.

Só no respeitante a instalações olímpicas, o empreendimento envolve um estádio para 100.000 pessoas (que vai já ser inaugurado com a maior pompa a 28 de Setembro próximo), um ginásio para 20.000, uma piscina com 12.000 lugares, além de outras, sem contar com a aldeia olímpica que deverá alojar 12.000 atletas, 11.000 jornalistas e 5.000 membros das delegações oficiais.

Quanto a ganhar ou perder dinheiro: os sul-coreanos querem seguir o exemplo de Los Angeles — quer dizer, os Jogos têm de dar lucro. Para já, o governo de Seul lançou, em Abril do ano passado, uma Lotaria Nacional muito popular, destinada a financiar o esforço financeiro desmesurado. Quanto a boa parte das instalações olím-

picas, o Estado conta vendê-las a particulares, terminados os Jogos. A aldeia olímpica, por exemplo, tornar-se-á num bairro residencial. Ainda os de Los Angeles não tinham terminado, e já os de Seul estavam em negociações com grandes sociedades que procuram comprar os exclusivos de iniciativas comerciais ligadas à iniciativa. As autoridades do país contam por exemplo recuperar mil milhões de dólares só em direitos de uma cinquentena de «produtos olímpicos», a começar por *Hodori*, o tigre que a Coreia do Sul escolheu para símbolo dos seus Jogos.

Seul terá, por outro lado, de abandonar algumas das suas características menos universais: uma enorme campanha repressiva foi já lançada contra os «poshintang» (restaurantes que servem carne de cão). Até 1988, eles deverão desaparecer radicalmente do centro da cidade. A Coreia, «reino-eremita» e «tesouro mais secreto da Ásia», vai seleccionar meticulosamente os seus objectos culturais: o que pode «chocar» o mundo deverá ser reprimido e contido, em nome do renascimento do País. Nestas coisas, a perda relativa da identidade é — pensam as autoridades e os entusiastas de 1988 — largamente compensada por novas vantagens.

Quer dizer: entre o «tudo por tudo» de um *forcing* económico encarado como ocasião única para a afirmação do país, e um clima de incerteza política (ainda recentemente marcado pelo incidente com o Boeing abatido pela defesa aérea soviética e pela atribuição à Coreia do Norte, do atentado que dizimou o governo de Seul durante uma visita oficial à Birmânia), o regime do general Chun começou, há um ano, a trabalhar para 1988.

Os americanos são, evidentemente, um apoio vital para a sua aposta: o que está em jogo justifica que tudo se movimenta já com vista aos objectivos visados.

À luz destes factos, estranha-se menos a importância atribuída, na cerimónia de encerramento do Coliseum de Los Angeles, à passagem da bandeira olímpica das mãos do presidente da Câmara desta cidade para as mãos do seu colega de Seul, à apresentação do simpático *Hodori* e dos bailados sul-coreanos. Os americanos quiseram selar em público a sua garantia de apoio, iniciando um período de quatro anos em que a guerrilha diplomática, a pressão do COI e a vontade de afirmação do regime do general Chun vão ser protagonistas de uma luta sem tréguas. De facto, os Jogos de Seul já começaram.



Burguiba, céptico, recebido por Hassan II, reverente, no aeroporto de Casablanca, para participar na cimeira islâmica de Janeiro passado

Hassan II e Kadhafi casam os seus países, é a sétima tentativa de dar forma a uma união árabe-islâmica. Para o rei de Marrocos, trata-se de «vender a pele do iel pelo rabão». Os líderes dos mililheiros do deserto perdem um pouco de tempo com as suas armas... e olham, com expectativa,

A Polisário e a união Has

Aí está: é a sétima tentativa de casamento, desta vez aparentemente bem sucedida, feita pelo coronel Kadhafi nos últimos anos. As anteriores foram com o Sudão, com o Egipto e com a Síria (neste caso mais que uma vez), depois com a Tunísia e com o Chade. Desta vez foi com Hassan II de Marrocos: na terça-feira passada, em Ujda, cidade marroquina, os dois assinaram um espectacular «União de Estados». A cerimónia não foi

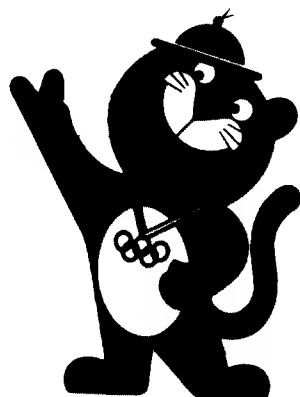
A aproximação agora consagrada foi esboçada em 1983. Em Junho do ano passado, Kadhafi visitava oficialmente Rabat, e, enquanto era anunciado o estabelecimento de novas relações entre a Líbia e Marrocos, Kadhafi deixava cair o inimigo interior de Hassan no Sara Ocidental, e obtinha em troca que o rei fechasse os olhos ao que se passava no Chade, para onde ele tinha chegado a ameaçar enviar tropas. A reviravolta levou um ano a fermentar, mas eis-a agora consagrada sob o olhar atento da Argélia, Tunísia e Mauritânia.

O comunicado oficial diz que a «União» entrará em vigor quando for aprovada «por ambos os povos, segundo as normas existentes em cada um dos Estados», e explica que ela se destina a «reforçar ainda mais

os sólidos laços existentes entre os dois países, contribuir de modo essencial à construção do Magreb árabe e, desse modo, atravessar uma fronteira histórica na via da realização da unidade árabe».

Vejamos quais as anteriores tentativas feitas por Kadhafi para se unir a outros países (todas elas falharam):

A 27 de Dezembro de 1969, era assinada a «Carta de Trípoli», que previa a criação de uma «federação flexível» entre a Líbia, o Sudão e o Egipto. A 27 de Novembro de 1970, duas semanas depois da subida ao poder, em Damasco, do general Hafez EL Assad, a Síria juntava-se aos três. Porém, a «federação flexível» acabaria por nunca tomar forma, morrendo no ovo.



Hodori, Mr. Tigre: a mascote das Olimpíadas de 1988

QUANDO, reunido em Baden Baden em Setembro de 1981, o COI (Comité Olímpico Internacional) atribuiu a Seul a organização da vigésima quarta edição das olimpíadas, afirmou-se que a escolha era influenciada pela vontade de «libertar o olimpismo das considerações políticas». A decisão foi classificada de «corajosa» ou de «inconsciente e irresponsável», conforme o ponto de vista dos comentadores. De facto, a situação na península coreana permanece explosiva, e uma grande parte das 151 nações olímpicas (URSS e seus aliados, China Popular e países do Terceiro Mundo) ainda nem sequer reconhecem a existência do Estado Sul-Coreano, apoiando, pelo contrário, o país do Norte, governado por uma espécie de «dinastia vermelha», a dos Kim (Kim Il Sung e seu filho Kim Il Jong).

A URSS colocou desde logo, e tem mantido, as mais sérias reservas à sua participação nos jogos de 1988; quanto à China, um processo de «degelo» no plano desportivo, iniciado este ano, é de bom augúrio para o general Chun. Pequim já confirmou a intenção de participar nos Jogos Asiáticos, previstos para 1986, e que funcionarão, em Seul, como um «ensaio geral» dos de 88.

A escolha do COI coloca a Coreia do Norte numa situação difícil: por um lado, os seus inimigos mortais desde o armistício de 1953, (que criou os dois países e os separou por uma faixa desmilitarizada) prepararam-se para alcançar uma retumbante entrada na cena internacional — para o general Chun, a meta 88 significa o acontecimento político mais

importante desde o fim da guerra. Mas por outro, o país dos Kim não deverá hostilizar excessivamente os Jogos, se não quiser prejudicar seriamente a sua complicada imagem nessa mesma cena internacional.

Ambos os países (e todos os participantes) têm consciência de que as provas desportivas vão decorrer ao alcance dos canhões do Norte: Seul fica apenas a 60 quilómetros da «frente», e o país continua a viver em «estado de guerra».

No que toca às suas relações com o Norte de Kim, a Coreia de Chun espera sobretudo vibrar-lhe um grandioso golpe diplomático e psicológico. Mas um regime como o do Sul não descuidará nenhum aspecto de segurança, ou mesmo estritamente militar, como prova a escolha do ex-general Roh para «patrão» dos Jogos. Pelo contrário, diz-se desde já e ostensivamente: habituada desde há trinta anos a todas as espécies de guerras sujas com o vizinho do Norte, e nomeadamente, como se diz em Seul, a lutar «contra os seus comandos, permanentemente infiltrados», a Coreia do Sul, país militarizado em extremo, prepara-se para organizar as Olimpíadas mais policiadas de todos os tempos, e há razões para crer que a «segurança» ultrapassará tudo o que a memória recorda.

Por outro lado, nos bastidores internacionais, prepara-se a nova batalha do «capitalismo» contra o «comunismo»: já no próximo mês de Setembro, Juan Antonio Samaranch, presidente do COI, estará em Moscovo para apreciar as intenções da URSS quanto a 1988. Além disso, o COI tenciona reunir-se em Lausanne, na Suíça, em Dezembro, para estudar a possibi-



Kadhafi com o primeiro-ministro Mzali, em Tunes, depois de assinada a «União de Estados». O encontro durou duas horas, mas a posição da Tunísia nesta matéria é «muito fria». Que se dirá da Argélia...

os seus Estados. Para o coronel líbico, a forma ao seu sonho de unidade árabe, como diz a Frente Polisária, «o indomável leão sarauí». Os guerrilheiros financiador e um fornecedor de energia crescente, para Argel.

paga a conta Hassan-Kadhafi

propriamente pública, ou pelo menos não houve quem perguntasse se alguém se opunha ao casamento. De contrário, sabe-se quem teria dito «Eu»: os homens da Frente Polisária. As más línguas dizem, com efeito, que esta história de amor com «happy end», que acaba por reunir dois antigos inimigos, é um casamento de interesses: o estadista marroquino retira assim o «tapete líbio» aos guerrilheiros do deserto.

7 de Abril de 1971: é proclamada a «União das Repúblicas Árabes» da Líbia, da Síria e do Egipto. Novo golpe espectacular. A «União» não sai, porém, da teoria.

2 de Agosto de 1972: a união total da Líbia e do Egipto é decidida por Kadhafi e Sadate; duas semanas antes, os conselheiros soviéticos tinham sido expulsos do Egipto. Um ano depois, a 2ª de Agosto de 1973, é proclamada a união por etapas, mas sem prazo.

A guerra do Kipur, em Outubro desse ano, acabaria por provocar o rompimento das relações entre os dois países (em 1 de Dezembro).

Eis-nos em 12 de Janeiro de 1974: é proclamada a fusão da Líbia com a Tunísia. Dir-se-á, não sem razão, que Kadhafi co-

nhecia insuficientemente Bourguiba: dois dias mais tarde, o presidente tunisino demitia o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, principal artífice da operação, e abandonava o projecto.

Em 10 de Setembro de 1980, anunciava-se em Trípoli que a Líbia e a Síria se tinham fundido. Depois disso, não houve mais notícias da fusão.

Em 6 de Janeiro de 1981, Kadhafi anunciava um grande projecto de fusão entre a Líbia e o Chade. N'Djamena apresentava-se a explicar que não se tratava de uma união política.

Meses depois, em Setembro, Trípoli renovava a proposta, que era rejeitada por Gukuni Weddeye, então no poder.

Tendo em conta a quantidade e a fraca concretização das tentativas anteriores, a presente ligação com Rabat aparece, mesmo aos menos cépticos, ameaçada por alguma fragilidade, sobretudo porque os dois países não têm, sequer, fronteiras comuns. Para Hassan II, é óbvio que o golpe diplomático, muito antes de servir a construção do Magreb ou a unidade árabe com que sonha Kadhafi, é uma cartada interna de primeira grandeza: ele gaba-se de ter conseguido conter o progresso militar da Polisária no Sara Ocidental, e consegue agora garantir que o chefe líbio cessará o apoio financeiro e os fornecimentos de armas aos guerrilheiros.

As atenções viram-se agora para Argel, porque não se sabe se o presidente Chadli tem intenção de tomar qualquer posição sobre a novel «União de Estados». A Argélia está desde há oito anos em conflito aberto com Marrocos a propósito da antiga colónia espanhola (o Sara Ocidental) e apoia, com altos e baixos, a Frente Polisária, que

tem escritórios na capital argelina. Na verdade, a questão envenena as relações inter-árabes e a própria OUA. Argel e Rabat não têm tido, desde então, relações diplomáticas — e o encontro Hassan-Chadli, durante cinco horas, também em Ujda, em Setembro de 1983, não alterou a situação.

Mas desta vez Hassan quis tentar um grande golpe, reunindo em Ujda, além de Kadhafi, Chadli e o príncipe saudita Fahd. Nem um nem outro quiseram vir, e Kadhafi decidiu ir a Argel visitar Chadli. Não houve qualquer comunicado sobre tal visita.

Enquanto Hassan e Kadhafi celebravam o casamento, Chadli quis dar relevo, sim, à visita a Argel do ministro dos Negócios Estrangeiros da Mauritânia, Ahmed Uld Minnih. Ainda no passado mês de Julho, a Ar-

gélia proclamou a sua solidariedade com a Mauritânia, quando Hassan a ameaçou que perseguiria, no seu território, os guerrilheiros sarauis. O rei de Marrocos afirma que a Polisária dispõe de bases de rectaguarda em terras mauritanas, a partir das quais desencadeia operações contras as forças reais.

Kadhafi não se limitou a passar por Argel; antes de voltar a Trípoli, foi recebido na Tunísia, pelo primeiro-ministro Mzali, com quem conversou durante duas horas. A Tunísia restabeleceu, há meses, ligações estreitas com a Argélia, e já ficou a dever-se especialmente a si o encontro Hassan-Chadli, no ano passado (a França e a Arábia Saudita também empregaram então os seus bons ofícios).

O chefe da revolução líbia sempre sem dúvida o seu sonho de unidade árabe-islâmica, que tão circunspectos deixa os dirigentes políticos a Leste como a Oeste. Mas de momento, está empenhado em encontrar uma solução «entre árabes» para o conflito do Sara Ocidental — e, doa a quem doer, o facto é que, há menos de três semanas, se tinha abertamente pronunciado a favor da solução preferida por... Marrocos.

Depois de ter fracassado a sua tentativa de se tornar numa estrela de primeira grandeza no seio da OUA, o coronel Kadhafi tenta transformar-se no principal artesão de um apaziguamento a que a Polisária já reagiu violentamente. Referindo-se à ausência do presidente Chadli na «auto intitulada reunião magrebiana de Ujda» — e sabendo que a OUA permanece profundamente dividida a propósito da questão sariana — a Polisária acusou a abortada cimeira de ter por objectivo «vender a pele do indomável leão sarauí».

PORTUGUÊS SUAVE
FILTRO



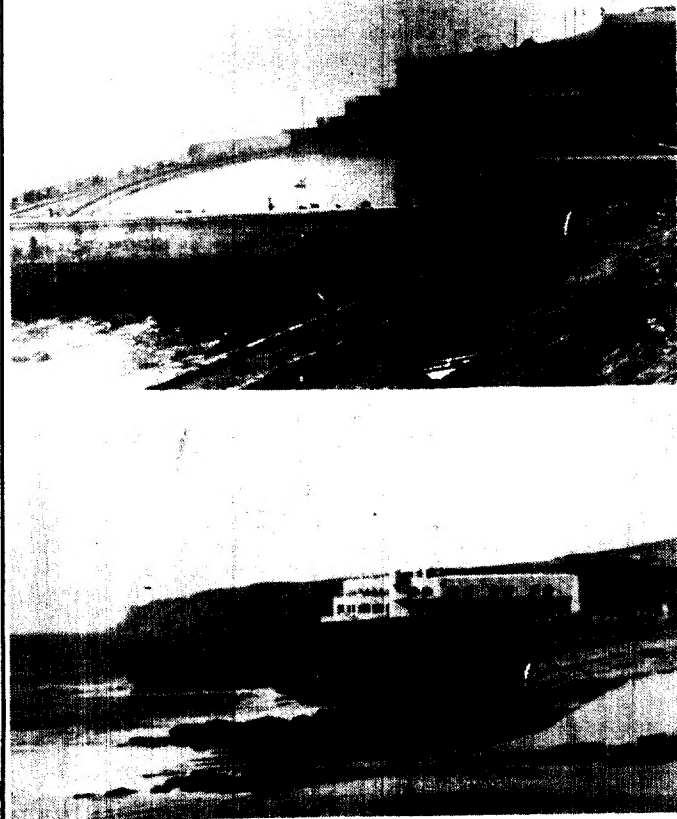
• Se o fim do mês já o começou a afectar, alegre-se, pois as tentações previstas para esta semana são poucas. Entre elas o destaque para algumas «fitas» que vale sempre a pena rever. De hoje até quinta-feira, pode ver às 23 e 30, no Quarteto, «O Intruso» de Visconti. No mesmo horário e no mesmo local, pode optar pelo filme de Mike Nichols, «A Primeira Noite», com Dustin Hoffman ainda jovem e uma canção velhinha: «Mrs. Robinson» de Simon e Garfunkel. «Bonnie e Clyde» de Arthur Penn é o filme anunciado para as 22 h de quarta-feira, no jardim de Sines. Também ao ar livre, nos claustros do Convento de Jesus, em Setúbal, é exibido, na sexta-feira, às 22 horas, «A Primeira Página» de Billy Wilder.

• Na quarta-feira, às 18 e 30, o jazz apresenta-se, pela penúltima vez, no anfiteatro ao ar livre da Gulbenkian. O espectáculo está a cargo do Sexteto de Jazz de Lisboa, cujos elementos são Tomás Pimentel, Edgar Caramelo, Carlos Martins, Mário Lajinha, David Gaudsen e Carlos Vieira. Na Igreja Matriz de Cascais, a noite de terça-feira vai ser animada pelo Quarteto Travnicek que interpreta obras de Janáček, Dvorak e Haydn. O quarteto apresenta-se de novo na quarta-feira, na Igreja Paroquial de Carcavelos, com obras de Janáček, Smetana e Ravel.

• O Teatro Experimental de Cascais é dos poucos grupos que resolveu continuar em cena pelo mês de Agosto fora. A sua nova peça chama-se «Aurora da Minha Vida», é da autoria do brasileiro Naum Alves de Sousa e a encenação é de Carlos Avilez. De terça a sábado, às 21 e 45 e aos domingos às 16 horas.

• Se tem algum fraquinho por cerâmica não perca a exposição de Cerâmica Antiga das Caldas, visível no Palácio dos Congressos do Estoril. A mostra é constituída por mais de 500 peças, entre as quais cerca de 300 são de Rafael Bordalo Pinheiro. Em Lisboa, recordamos-lhe que continua patente a exposição de Almada Negreiros, no Centro de Arte Moderna. Encerra às segundas-feiras.

• Para os que estão cansados das enchentes nas praias, mas que querem continuar a desfrutar o sol, deixamos aqui a lembrança: existem umas piscinas jeitosas nos arredores de Lisboa — a da Praia Grande, do Muchacho no Guincho, Atlântico no Monte Estoril. Os preços de entrada variam entre os 260 e os 400 escudos aos dias de semana.



C O M U N I C A Ç Ã O

O Inverno dos velhos media visuais

Enquanto o público europeu começa — apenas — a estar sensibilizado para a possibilidade de domesticar as técnicas informáticas e outras tecnologias avançadas ao serviço da representação gráfica, o *Siggraph*, prodigiosa feira das imagens, reuniu em Julho em Minneapolis (Minnesota) uma verdadeira Internacional de especialistas, industriais, *designers* e artistas, vindos dos quatro cantos do mundo para se recolherem diante do deus 3 D (três dimensões) e da síntese gráfica.

PARA a sua décima primeira edição, o congresso anual do *Siggraph* (Special Interest Group on Computer Graphics) escolheu a demonstração espectacular do «boom» da imagem gerada por computador. O *computer graphics*, ainda sem tradução oficial, está na fronteira da ciência, da indústria e da arte. O *Siggraph* ensinou-nos, de facto, que ele se libertou dos laboratórios para se investir no mundo dos negócios e da cultura.

Numa entrevista recente, Benoît Mandelbrot, investigador da IBM e autor da teoria fractal, descrevia a ideia de uma reconciliação da matemática com o mundo, por via da «beleza». A imagem electrónica pretende inscrever-se nesse espaço. Porque o *computer graphics* pratica a amálgama com felicidade. Engenheiros, arquitectos, gráficos, urbanistas, realizadores, industriais, cientistas, quer dizer: mais de 20 000 congressistas, reuniram-se no Minnesota para celebrarem as metamorfoses do número: algoritmo, pixel, dólar. Os artifices de

Minneapolis acabaram por nos fazer «ver as estrelas».

Sinestética

A *computer art* constituiu-se em disciplina autónoma, que delimita um território agradável e novo. De um ano para o outro, os progressos são inesperados. Estes artistas modelam uma maneira de dizer inédita. Dois nomes, sobretudo, emergem do conjunto: Vibeke Sorensen, a mulher que teorizou o conceito de «sinestética», que ilustra a plasticidade dos sentidos através das formas visuais (imagem sonora, sabor visual... o sucesso da cadeia americana MTV, *Music Television*, testemunha, sob a bandeira ainda tímida do «video-clip», a mistura perceptiva generalizada. O la da imagem, é uma combinatoria de sentidos). E David Em, que confecciona imagens de sumptuosas texturas lisas. *Egg White on The Seven Pixels*, realizado a partir de programas informáticos de James Blinn, exibe a oval de um ovo até à sua mais íntima costura. Estes artistas pirómanos acentuam o continuum das imagens. A encadecamento

A fotografia e o cinema estão mortos. A «Infografia», ou *computer art*, aliada à imagem em três dimensões, já se estende do material didáctico à pornografia, e só as leis do mercado impedirão a substituição rápida dos dois primeiros, no consumo de massas. Quem demonstrou tudo isto foi o *Siggraph 84*, reunido em Minneapolis durante o mês de Julho.

maravilhoso resulta das metamorfoses por contiguidade.

Uma selecção do conjunto da produção mundial — repartida por duas noites de *Electronic Theater* — fez as vezes de um desfile de moda da *computer art*.

Revelações no *Siggraph 83*, as realizações japonesas (especialmente o robótico *Bio Sensor* da Universidade de Osaka), confirmaram um domínio formal que desafia a mestria americana. Os «campeões» chamam-se, entre outros, Bob Abel (a publicidade de Southern Bell de ITT, uma síntese da pintura rupestre), Magi (a publicidade de General Motors, Pontiac, o logotipo de ABC Sports), Digital Effects (síntese da silhueta humana com metamorfose fosforescente sobre uma música paroxística), Portal (simulação reptiliana, movimento orgânico celular), Video Wallpaper I (bolas de fogo e papel enrolado sobre um céu estrelado), Sogitec, a única firma europeia verdadeiramente competitiva (publicidades Mitsubishi, TF 1, Gaz de France, Bull, Quattro), Lucasfilms (The Adventures of André and Wally), Ohio State University

(Snoot and Muttloy, Chimera, Skeleton Animation System, Hidden Agenda).

Sob a batuta do professor de arte Charles Csuri, a Universidade de Ohio passou a rivalizar com o New York Institute of Technology, que, até agora, era a locomotiva da *computer art*.

Clones

Baudelaire, crítico de arte, gostava de dizer que «a natureza não passa de um dicionário», e o universo de uma «loja de imagens». Ao folhearmos o álbum de imagens electrónicas, deixamos esse imaginário para atingirmos os clones exactos do mundo. Trata-se de árvores ou de nuvens, a fotografia por computador perverte simultaneamente o cérebro e o utensílio que a geram. A sorte da *computer art* é que ela se liberta do real, chegando a novos imaginários e, nesses, procurando fortuna. Se a literatura do século XX privilegiou o trabalho sobre a palavra, em detrimento do mundo e das coisas da geografia, a *computer art* tem o direito de propor, por seu turno, a amnésia do sensível, a partir do algarismo e do algoritmo. E

assim produz novos «sensíveis»...

De momento, o academismo prevalece: naturezas mortas, universos galácticos, pré-históricos... O apetite do público, porém, está a mudar: já é a *imagem*, só, que satisfaz, e não, apenas, a colecção que, até há pouco, fazia uma história.

Tudo isso, *Omnimax*, florilégio de virtuosidade electrónica, o sugere, no sentido em que a sugestão cria a hipnose. Choque de duas tecnologias — uma sala de projecção hemisférica e as imagens sintéticas 3 D — essa colagem de fantásticas imagens constituiu o acontecimento maior do *Siggraph 1984*. Aí, o espectador habita de facto a representação e visita, literalmente, o relevo folheado da imagem.

Mas a «feira» deste ano revela também repetitividade das contribuições científicas originais, limitadas às grandes firmas, que lideram a investigação.

Lucasfilms, por exemplo, assegurou 25 por cento das contribuições teóricas para o *Siggraph*.

Universidade

A investigação deveria constituir o segredo da força europeia nesta matéria. Os trabalhos da Universidade de Breme sobre modelos matemáticos hipersofisticados não passaram, aliás, despercebidos, nem as referências de Alvy Ray Smith (Lucasfilms) a René Thom, o homem da teoria das catástrofes.

Mas a vitalidade americana resulta de uma explosão de iniciativas universitárias, apoiadas pelas grandes fundações, que praticam, neste domínio, um mecenato arriscado e inteligente. Em torno do New York Institut of Technology de Alexander Schure, emergiram a Ohio State University, o California Institute of Technology e a Cornell University. Todos estes centros de investigação estão ligados (no sentido «eléctrico» da palavra) aos meios industriais.

Desfilando também no *Siggraph*: uma centopeia de pequenas sociedades. Entre os 217 expositores da «feira», a ofensiva californiana impressiona. Silicon Graphics, a laureada do *Siggraph 84*, simboliza esse dinamismo. Na sua senda, os deuses tutelares californianos são as indústrias Grinnell, Calcomp, Cubicomp, Megatek, Ramtek, ISSCO, Trilog, Benson, MCI/Quantel. No actual estádio de desenvolvimento dos mercados, o jogo da concorrência desencadeia um selvático tra-

balho de selecção. Há reestruturações operadas em profundidade, e os grandes grupos deitam por terra os dados anteriores do problema. É neste contexto que a Digital Productions acaba de ser absorvida pela Control Data, e que a Triple I, por exemplo, decide parar a sua actividade no sector.

Custos

Tendo sido durante muito tempo apanágio exclusivo dos grandes calculadores — Cray 1 ou Vax 11/750 — a *computer art* ultrapassa actualmente um limiar decisivo. A maior atracção deste *Siggraph* é, também, o desenvolvimento dos sistemas leves: por uma soma da ordem dos 1700 contos, podem alcançar-se «performances» gráficas sofisticadas em microcomputadores do tipo IBM-PC.

A descida dos custos induzirá uma redistribuição das cartas. No entanto, é preferível moderar esse optimismo prospectivo com uma olhadela para as facturas de *Omnimax*: A produção de cada uma das imagens custa cerca de 1000 dólares. «É uma gigantesca indústria, que propõe boas oportunidades a um largo espectro de sociedades», declara Richard Mueller, presidente do *Siggraph 84*. «Daqui a três anos, o seu volume de negócios representará 12 mil milhões de dólares. A *Concepção Assistida por Ordenador* (CAO) realizará metade deste valor apenas no domínio da mecânica. Entre outros sectores prometedores, figuram os sectores gráficos das empresas, a medicina, a cartografia, a CAO electrónica e a arquitectura». Por ocasião dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, a televisão americana mobilizou uma bateria de paletas gráficas, para analisar e embelezar as performances dos atletas. Corolário desse sucesso, a banalização da *computer art* está a ser feita à custa de revivalismos e de citações eruditas.

Assim, e pela primeira vez, o *Siggraph* consagrou uma sessão à retrospectiva dos principais passos marcantes da sua história. Ilustrando, pela imagem, a técnica da sua geração, a «Infografia» produziu obras reflexivas sobre o seu génio, uma espécie de 8 1/2 da animação em 3D.

Mais e melhor: uma sequência pornográfica de origem japonesa, inédita até agora na produção electrónica, inscrevia-se, este ano, numa linha de «fractura cultural». Que tal? ■

CHRISTIAN

DE MAUSSON

Director de Lettre de l'image, CESTA.

Slavine na Nagónia

Uma série televisiva soviética mostra pela primeira vez um agente da KGB em acção num país estrangeiro, e evoca irresistivelmente o conhecido «caso das microndas»

Microfilmes dissimulados numa lanterna eléctrica, encontros secretos no Parque Gorki, adido cultural americano desmascarado bem como o seu contacto soviético, que se suicida mastigando uma ampola de cianuro: em dez episódios, a televisão soviética acaba de fazer o KGB emergir da sombra, mas sobretudo, pela primeira vez, dá conta das suas actividades no estrangeiro.

Nos últimos anos, filmes, livros e artigos sobre a polícia secreta soviética multiplicaram-se na URSS. Mas, regra geral, o KGB é apresentado como herdeiro directo da Tcheka, a Comissão Extraordinária para a luta contra a contra-revolução e a sabotagem, criada em 1917 — cuja vocação defensiva cessa, atingidas as fronteiras do país.

Os responsáveis da televisão — sem dúvida que com o apoio da própria KGB — ultrapassaram essas fronteiras, pondo em cena agentes especiais soviéticos em acção no estrangeiro, na ocorrência em África. Claro que o regime progressista que apela para o Kremlin para combater os organizadores de um golpe de Estado fomentado por Washington é o de um país imaginário, a *Nagónia*.

O filme começa com a descoberta, na embaixada dos E.U.A. em Moscovo, de uma rede de espionagem dirigida por um dos adidos culturais, que conseguiu um «garganta funda» no seio do próprio KGB. As mensagens em código da CIA, dirigidas à chancelaria, e que revelam a conspiração contra a *Nagónia*, são interceptadas na Lubianka, sede do KGB.

O agente secreto soviético Slavine é enviado para África com a missão de neutralizar o temível John Gleb, chefe local da CIA. Slavine alcançará o seu objectivo graças à rede de informadores organizada pelos soviéticos na *Nagónia*. Entre eles, conta-se uma emigrada russa sentimentalmente ligada ao espionagem americano. Slavine cai numa armadilha, mas consegue fazer chegar ao Kremlin os resultados da sua missão.

Em Moscovo, a embaixada dos E.U.A. torna-se objecto de uma vigilância reforçada, porque se trata agora de apanhar o «garganta funda» Sergei Glebov com a boca na botija. Ele será

detido no momento em que recuperava os microfilmes deixados pelos americanos no célebre Parque Gorki, no centro da capital. A «ovelha ranhosa» suicida-se, e sua amiga Olga aceita colaborar com o KGB.

A morte de Glebov será mantida secreta pelos serviços secretos soviéticos, que utilizam um seu sócio para conseguirem apanhar e prender o adido americano. Ao mesmo tempo, a conspiração da CIA contra a *Nagónia* é neutralizada e, no dia seguinte, o embaixador americano é convocado pelo Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros.

Os telespectadores soviéticos terão tido, ao mesmo tempo, direito a uma grande estreia descobrindo, no folhetim, num prédio em frente da embaixada americana, uma série de «gadgets» electrónicos destinados a espiar os diplomatas. O dispositivo está directamente ligado a «écrans», nas instalações da KGB. Verdadeiro ou falso? Só o KGB o saberá. Mas a proximidade com o «caso das microndas», que opõe periodicamente a embaixada dos E.U.A. e as autoridades soviéticas, é gritante.

Desde há vinte anos, com efeito, os americanos afirmam que a sua embaixada é bombardeada por microndas destinadas a espiar as suas comunicações, a partir de prédios próximos. Acusações «sem fundamento», segundo o Kremlin. Mas o pessoal da embaixada americana em Moscovo recebe um prémio de 20 por cento sobre o seu salário, para compensar as condições de «insalubridade» do seu trabalho.

O folhetim intitula-se «A TASS está habilitada a declarar...», fórmula habitualmente utilizada pela agência soviética para anunciar, em nome do governo, acontecimentos importantes, nos quais se incluem expulsões de diplomatas estrangeiros acusados de espionagem.

O filme apaixonou os soviéticos. Ele foi sobretudo realizado em Cuba, porque, segundo fontes próximas da televisão, os países africanos contactados não acederam a prestarem-lhe o seu apoio. ■

V I A G E M

Os refazedores de territórios

Inventores de caminhos na selva! Eis o ofício — sobretudo africano — de um punhado de vagabundos do turismo, verdadeiros aventureiros dos nossos tempos. Dois deles encontram-se nos confins de Moçambique e da África do Sul, uma região onde a África de Marx e a do ouro se vigiam. Região, também, dos ventres inchados e dos «self-services» com ar condicionado. Chamam-se Pierre e Antoinette Jaumet. Casados. Ele francês. Ela suíça. 40 anos cada um. A sua história é, já, uma aventura.

Ele saiu, mal tinha entrado, de uma faculdade de Direito. Foi trabalhar com um ferro-velho em Londres, para aperfeiçoar o inglês. Cortou, montou e soldou todas as jaulas do zoo local. Encontro com uma australiana que voltava para casa: amor para sempre. Combinaram que Pierre iria à boleia até ao Cabo, onde há cargueiros que levam gente para a Austrália.

Chegada ao Cabo: encontro com uma americana. Grande sedutor, com os seus olhos azuis tímidos e os seus cabelos encaracolados de anjinho. Pierre esquece a australiana. Ei-lo em Los Angeles. Amor por alguns dias. Depois regresso ao Cabo, onde, por resposta a anúncio, arranja emprego na construção de uma barragem a Norte da Namíbia, perto de Angola. De barragem em barragem junta uma considerável soma de dinheiro, durante um ano. Terminado o contrato, apetece-lhe ir conhecer os bosquimanos, os espantosos pigmeus do Kalahari que parecem ser os únicos homens do Mundo a saber viver sem água, hidratando os seus organismos com o suco de uma espécie de melão do deserto. Compra um Land Rover, passa meses com os bosquimanos, rodeado com eles um filme (ainda inédito) que parece constituir um monumento etnológico: desde aí, os bosquimanos, que são, hoje, 2000 no máximo, foram «apanhados» por influências ocidentais.

Regresso ao Cabo, novamente. Amigos alugam-lhe o jipe para a Europa, ida e volta. O Land Rover transforma-se em «táxi da selva», até Argel, e de novo para baixo. Aquilo faz nascer-lhe ideias. Uma agência de viagens de Paris procura um condutor para ir reconhecer um circuito no Paquistão. O Land Rover e seu condutor seguem para a Ásia. Golpe de mestre: impraticável, devido à guerra civil, o circuito querido, Pierre estabelece outro, tão atractivo que os seus clientes — embora obrigados a marchar durante dois dias por causa das inundações — querem recomçar. Combinado?

«Não, eu tenho melhor para oferecer», responde Pierre à agência, de volta a Paris. Mandem-nos para África.

E eis o antigo apanhador de boleias, o antigo «chauffeur» de táxi transafricano, de transformado em organizador de circuitos turísticos. Entendamo-nos: nada de cinco estrelas. Acampamento, aldeia indígena, pista de laterite e empurrões dos passageiros quando a rampa é ín-

gremente de mais.

Com um dos primeiros grupos de clientes, no Sara, segue uma rapariga melancólica. Perdeu a irmã, uma apaixonada do deserto, onde fizera várias excursões. Ali vinha, procurando a obsessiva sombra da desaparecida. Tem uns olhos como os de Pierre e, como ele, descobre no Ténéré o infinito do céu e a infinita futilidade do resto.

Outra vez em Paris, decidem partilhar a mesma tenda e voltam para África, mas desta vez em dois Range Rover.

Desde então — quer dizer, desde há dez anos — percorrem ali três quartos de milhão de quilómetros, tentando descobrir novas pistas ainda mais pitorescas, aldeias ainda mais acolhedoras, lugares para acampar com mais conforto e mais espantosos nascimentos de sol.

Ele: «Trabalhamos sobretudo com duas agências: uma francesa, que nos envia quatro quintos dos clientes, e outra italiana».

Ela: «As agências fazem a prospecção dos clientes, a publicidade, e encarregam-se do financiamento. Nós somos a intendência no terreno, recebemos, conduzimos, regressamos».

Ele: «Fazemos uma dúzia de viagens por ano, com oito a doze passageiros, e de quinze dias cada uma. Preços: de 200 a 300 contos à partida de Paris, quer dizer, avião incluído».

Ela: «Sim, ganhamos bem a nossa vida. Digamos que ganhamos tanto como os animadores de uma pequena empresa que tivessem investido, num negócio comercial, um capital inicial de 15 mil contos».

Foi mais ou menos isso que eles empatarem no negócio: três Range Rover superequipados, que lhes custaram cerca de 1600 contos cada um. Material de acampamento. Gorjetas (muitas), para abrirem muitas portas pelo continente fora. E, sobretudo, despesas de reconhecimento.

Muitas aventuras, evidentemente.

Ela: «Acabámos de reconhecer, a Leste do Zaire, ao longo do lago Tanganika, uma pista onde nenhum europeu voltou a pôr os pés desde que os belgas deixaram o país. Excitante, não?»

Ele: «Num certo país de regime militar, que não vou identificar, chegámos a uma cidadezinha quase sem gasolina e sem víveres. Catástrofe: a cidade está em estado de sítio porque há uma tentativa de golpe. Nem gasolina nem reabastecimentos. Confiscam-nos os pas-

Há um turismo dos Cus de Judas, Edens e Infernos desconhecidos do comum dos mortais, onde a aventura ainda pisca o olho. E há trilhos para lá se chegar, desconhecidos do comum dos guias e das agências turísticas. Um casal de jovens quarentões passou os últimos dez anos a descobri-los. Durante esse tempo acharam muita pérola perdida.



Os Jaumet posam para a posteridade, ainda no tempo do velho Land Rover. «Não saia do seu carro», diz o aviso em que Antoinette se apoia

saportes e fecham-nos numa caserna. Depois de horas de interrogatórios, achamo-nos perante o coronel. Mudança de cenário. Chá, refrescos. «De que precisam?» — «De 1800 litros de gasolina, 500 de gasóleo, 300 de água, e de víveres sólidos.» «Terão tudo isso dentro de dez minutos», responde o coronel. «E não posso fazer mais nada por vós? Não querem ir passar a noite a Paris? O meu Mirage está à vossa disposição, e pode trazer-vos de volta amanhã de manhã, para voltarem à pista...»

A caravana partiu sobrecarregada de víveres e de carburante. O oficial recusou qualquer pagamento: «Oferta do país». Alguns meses mais tarde, de passagem na cidadezinha, os Jaumet quiseram levar ao coronel alguns perfumes franceses. Fuzilado, ele tinha sido um dos autores do golpe que provocara o estado de sítio.

Ambos concordam num ponto: a gasolina é a maior obsessão das pistas.

Ela: «Pierre é um ótimo mecânico, e como trazemos, em peças, o equivalente a um carro inteiro, menos a carroçaria, saímos-nos da maioria das situações. Quantas vezes passou uma noite de campo a desmontar por completo um motor, enquanto os nossos clientes dormiam? Mas, contra a falta de gasolina, a única coisa a fazer... é trazer reservas. Fixámos ao porta-bagagens de cada carro uma cisterna de 400 litros. Além disso temos bidões sobre os tectos e, para equilibrar os carros, reser-

vatórios de água à frente, sobre o pára-choques. Com tudo isso temos uma simpática autonomia de 2500 quilómetros, sobre a qual temos sido muito discretos, com medo de que um bando qualquer nos fiquem com tudo...»

E de facto, há bandos de salteadores ao longo de certas pistas.

Ele: «Até hoje, nunca aconteceu nada de sério. Sacfámos-nos distribuindo, sorridentes, arroz e conservas, mas a coisa pode agravar-se. Há certas zonas em que não nos aventuramos com clientes senão tendo feito um reconhecimento imediatamente antes. E é sempre preciso constatar de visu. Não se pode confiar em nenhuma informação administrativa. Na semana que vem, por exemplo, vamos fazer 2000 quilómetros só para saber se se pode passar do Malawi para a Tanzânia. Parece que a fronteira reabriu».

Regra de ouro: armas, nunca.

Ele: «Sem armas, o risco é de dois ou três dias de prisão, como já me aconteceu várias vezes, sobretudo na Argélia e na Líbia. Com uma arma, nunca se sabe até onde pode levar a espolite...»

Ela: «Os problemas vêm todos da insegurança e da instabilidade política. Mas, no fundo, eles fazem parte do tempero africano. Uma África demasiadamente policiada ficaria com o ar ajuizado de um grande jardim zoológico».

A sua nostalgia: o Fezzan.

Ela: «A Líbia não nos renovou a nossa licença. O Exército

queixava-se de que os sulcos dos nossos pneus, no deserto, os enganavam, na sua vigilância de fronteiras. É um país magnífico. Uma vez cheguei diante das pinturas rupestres do Ued Mathendus, e chorei de emoção».

Ela: «Pierre é um sedutor de dunas. Uma duna não se assalta como se fôssemos a cavalaria. Senão enterramo-nos nela, parte-se tudo, ou pelo menos esgota-se o motor. Uma duna tem de ser atacada num ângulo muito exacto, o Pierre é mestre nessa arte. No Sara, meto as rodas nas dele e não toco mais no volante».

À falta do Fezzan proibido e do Ténéré comprometido, os Jaumet sentem um fraco pelo Botswana. Trata-se, a Oeste da Rodésia, da antiga Bechuanalândia, maior que a França mas povoado por apenas 900 000 almas (e um pouco mais de avestruzes).

Mesmos estes vagabundos de África precisam de um porto de abrigo para as operações bancárias, as matrículas dos carros, todas as formalidades administrativas. O casal Jaumet teve sucessivamente residência, nos últimos dez anos, na Argélia, Líbia, Quênia, África do Sul, Sudão. A seguir, já decidiram: vão para Gaborone, capital do Botswana.

Aqui encontram-se os pântanos do Okavango, uma das últimas regiões desconhecidas da África, e uma das curiosidades geográficas do planeta. Um rio imenso perde-se, de súbito, nas areias do deserto, dando lugar,

com as suas últimas forças, a cem ilhas onde habita uma fauna confiante como nos primeiros dias do Mundo. Pierre fala do lugar com os olhos em alvo: «Pode-se viver ali como o Robinson Crusuê. A água é tão pura, tão clara, que se podem contar as pestanas dos hipopótamos quando a piroga passa sobre eles sem que eles façam um só movimento».

Ela: «Também tenho um fraco pelo vale do Omo, no Sul da Etiópia. É também uma região pouco conhecida. Ela manteve hábitos do tempo dos mercados de escravos, quando deformavam, com pratos, os lábios das raparigas, para as tornar feias e salvá-las, assim, dos zazzids, fornecedores dos harems. Só desse modo conseguiam assegurar a perenidade da tribo. É a terra das últimas mulheres dos pratos».

Que farão eles, mais tarde? A velhice no Okavango ou no Omo, ou noutra escala que, até lá, os venha a encantar?

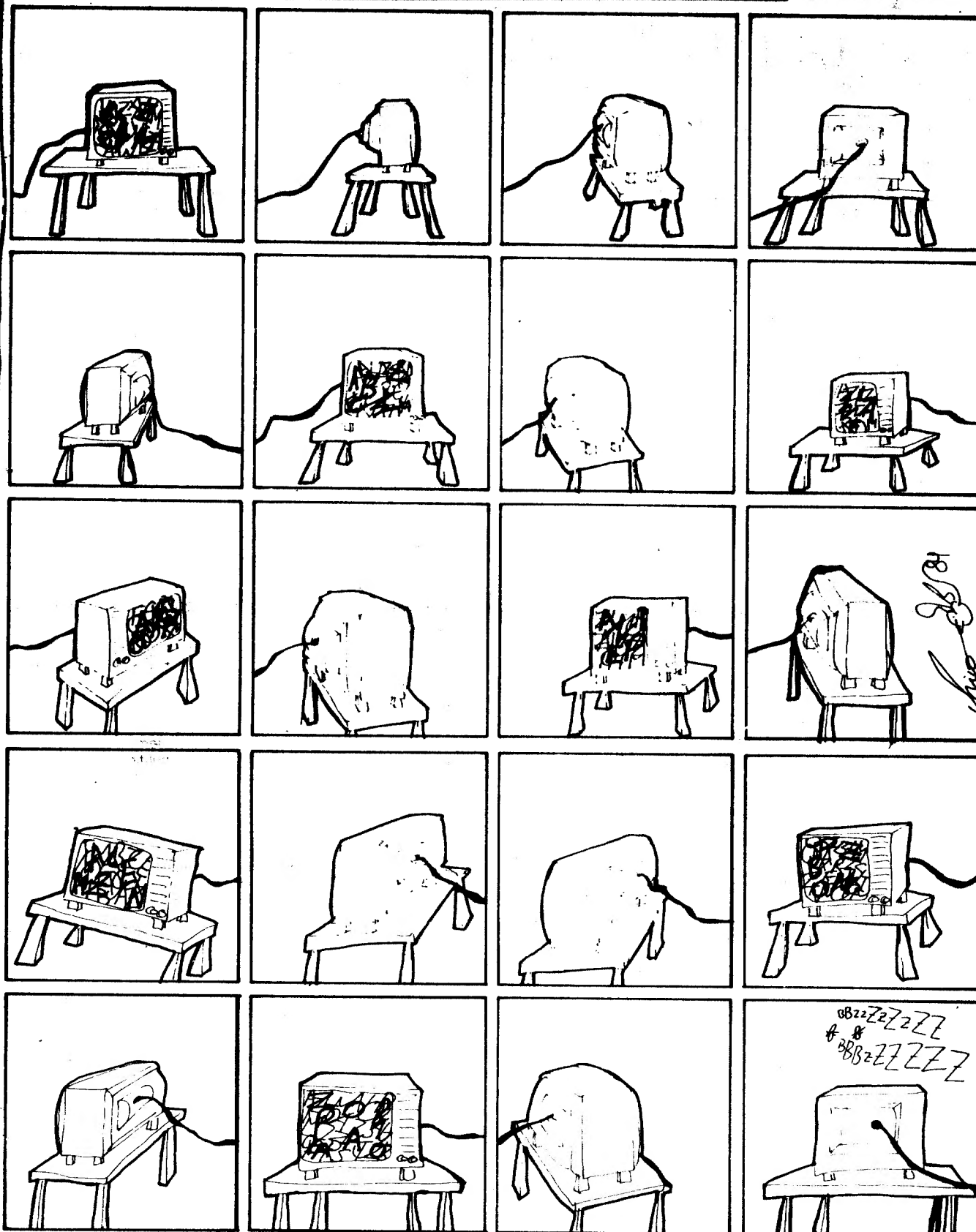
«Não, não», responde Antoinette. A Europa também é muito bela.

A escala europeia até já está escolhida: o dinheiro ganho nas pistas de África vai-lhes permitir comprarem, para depois, uma casa na Toscana.

Claro que, uma vez por outra, lá voltarão à poeira vermelha das pistas de laterite. Quanto mais não seja para verem como elas mudaram desde os bons velhos tempos em que... lembraste?

MARC LAMBERT

doces crónicas



Esquecer e não esquecer

Continuação da pag. 1

País.

Seria curioso que Portugal, que a seguir a 1945 fechou os olhos a tantos torcionários, e que depois do 25 de Abril julgou com tanta benevolência responsáveis e informadores da polícia política salazarista e marcelista, se visse agora, «enganado» pelos americanos e não desojando expor-se às críticas de uma série de países europeus menos tolerantes para com antigos nazis, obrigado a recusar o direito de residência ao arcebispo.

Diz-se, com mais razão desde Nietzsche, que o homem tem de esquecer para poder continuar a viver. Os Estados transformaram mesmo o esquecimento numa das mais sólidas bases da sabedoria das nações. Mas há memórias de dor que não poderão nunca ser apaziguadas e que, por constituírem excepção, confirmam a regra do olvido. E há, felizmente, situações em que os Estados, mais empenhados em esquecer do que os homens que os formam, são obrigados a recordar. No caso de Viorel Trifa, que diz não conhecer ninguém em Portugal mas dirigiu certamente os seus passos ao «Diário de Notícias», ao «Expresso» e à Televisão para contrariar as informações a seu respeito, parece haver quem não tenha esquecido os fuzilamentos sumários na floresta de Gilaa, os corpos pendurados em ganchos de um matadouro, os milhares de cadáveres nas ruas de Jassy.



SAI DE UMA SÓ VEZ EM CADA SEGUNDA-FEIRA

Responsável de edição, João Mendes

Correspondência: Diário de Lisboa, Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

sete mensagens pessoais sete

Simca 1100 Especial

Simca 1100 Especial de 1973, razoável estado de conservação, pneus Pirelli, leitor de cassetes e colunas, 90 contos, particular a particular. Telefone 608779, a partir das 20 h 30.

Clube de leitores

Em organização. Promoção de leitura, música, iniciativas culturais de convívio. Aceitamos inscrições, sem compromisso, de pessoas interessadas em participar, mesmo na província. Damos todas as informações. Escreva-nos, indicando as suas motivações e gostos, para: Cardoso — Apartado 1332 — 1009 LISBOA CODEX.

Coleccionadores

Vendo: colecção de copos gravados (marcas e firmas); 200. Todos ou por unidade — alguns já raros — Dictionaire Géographique Universel (1842), raro, bom estado, 2000 pág. — Bruxelles. — A. M. Araújo — Tel. 9240712 — Rua Alexandre Herculano, 10 — 2735 CACÉM.

Máquina Fotográfica

Vendo máq. fotográfica Zenite, Mod. 19, abertura 1.7, semiautomática com tele-objectiva 135 mm e estojo. Estado novo, 22 000\$00. Telef. 60 75 76, entre 20 e 21 horas.

Máquina de tricotar

Vendo máquina de tricotar «Passap» em bom estado. Resposta ao tel. 252 08 25 (depois das 20 horas).

Coleccionadores

Vendo: imagem Santo António, século XVIII, jogo gamão marfim, livros de viagens com gravuras do início do século XIX. Contactar: C. Silva Santos, telef. 64 38 44, todos os dias após as 20 h.

Seara Nova

Compro n.º 1431, Janeiro de 1965, da Seara Nova. Jorge Valadas. Salmeirim S. Pedro — 2000 Santa-rém. Telef. 28202.

Reportagem de guerra

Dois repórteres fotográficos «freelancers», com experiência, pretendem patrocínio para desenvolver uma reportagem em zona quente do Globo a combinar. Contactar: Parque Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 9, 1.º-A — 2780 OEIRAS.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.